

**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA
BARBARA BARROS GONÇALVES PEREIRA NOLASCO**

**MÁRIO MATOS E GILBERTO DE ALENCAR:
MEMÓRIAS LITERÁRIAS E AS MISSIVAS**

Juiz de Fora
2017

BARBARA BARROS GONÇALVES PEREIRA NOLASCO

**MÁRIO MATOS E GILBERTO DE ALENCAR:
MEMÓRIAS LITERÁRIAS E AS MISSIVAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura de Minas: o regional e o universal.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Moema Rodrigues Brandão Mendes

Juiz de Fora
2017

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca CES/JF – CES/JF

N789

Nolasco, Bárbara Barros Gonçalves Pereira,
Mário Matos e Gilberto de Alencar: memórias literárias e as
missivas; orientadora Moema Rodrigues Brandão Mendes. – Juiz de
Fora : 2017

163 p.

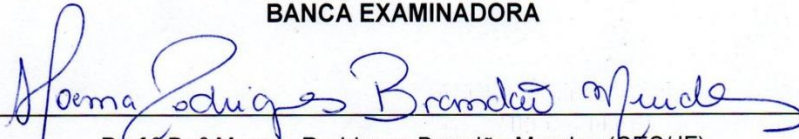
Dissertação (Mestrado – Mestrado em Letras: Literatura
brasileira) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2017.


1. Arquivos pessoais. 2. Memórias. 3. Correspondência. 4.
Mário Matos. 5. Gilberto de Alencar. I. Mendes, Moema Rodrigues
Brandão, orient. II. Título.


CDD: 869.3

NOLASCO, Barbara Barros Gonçalves Pereira. **Mário Matos e Gilberto de Alencar**: memórias literárias e as missivas. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura de Minas: o regional e o universal, realizada no 2º semestre de 2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Dr.ª Moema Rodrigues Brandão Mendes (CES/JF)


Prof.ª Dr.ª Maria Andréia de Paula Silva (CES/JF)


Prof. Dr. Marcelo dos Santos (UNIRIO)

Examinado(a) em: 24/08/2017.

Dedico este trabalho, com muito amor, ao meu marido e ao meu Dom.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela saúde, pela vida e por nunca ter me abandonado.

Ao meu marido e ao meu pai, aos quais devo o maior agradecimento. Sem sua efetiva presença, não teria conseguido transpor todos os obstáculos apresentados durante esta jornada. Muito obrigada por não se ausentarem nem por um instante.

Individualmente, ao meu marido, que me apoiou em todo o desenvolvimento desta minha pesquisa. Soube ser paciente, amigo, psicólogo e companheiro fiel. Leu cautelosa e carinhosamente meu trabalho, fazendo tudo isso com toda a dedicação que só ele tem.

À minha mãe, à minha avó e à minha irmã, as mulheres da minha vida, que se orgulham de mim como ninguém e sabem reconhecer todo o meu esforço e amor que dedico a este Mestrado e aos meus estudos.

À minha orientadora, Moema Rodrigues Brandão Mendes, por ter me guiado e auxiliado gentilmente no decorrer de mais esta etapa, fornecendo-me todo o suporte necessário.

Aos professores que me acompanharam desde a graduação, os quais me fizeram amar ainda mais a minha escolha pelas letras, permitindo-me, de fato, escolher por permanecer nesta instituição para continuar a acompanhá-los por mais tempo de estudo e aprendizado. São eles: Maria Aparecida Nogueira Schmitt, Maria Andréia de Paula Silva, Moema Rodrigues Brandão Mendes e Marcos Vinícius Ferreira de Oliveira, o qual, infelizmente, não tive a honra de tê-lo, ao contrário dos outros, como professor também do Mestrado.

Aos membros da banca examinadora, pela sua disponibilidade, atenção e pelas valiosas contribuições e sugestões que me concederam.

Aos amigos que fiz neste curso e que compartilharam comigo momentos de felicidade, tristeza, ansiedade, aflição e emoções que só nossos parceiros do percurso puderam testemunhar.

Por fim, a todos os familiares e colegas que souberam compreender generosamente a minha ausência neste período.

O tempo às vezes é alheio à nossa vontade,
mas só o que é bom dura tempo bastante
para se tornar inesquecível.
Alexandre Magno Abrão

RESUMO

NOLASCO, Barbara Barros Gonçalves Pereira. **Mário Matos e Gilberto de Alencar: memórias literárias e as missivas.** 164 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

A presente pesquisa investigou as missivas emitidas pelo jornalista Mário Gonçalves de Matos (1888 / 1966) ao escritor e também jornalista Gilberto de Alencar (1886 / 1961) no período que compreende os anos de 1939 a 1957. Trata-se de um lote integral de 18 cartas assinadas por Matos lotado no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), sendo 16 destas manuscritas, 1 telegrama e 1 digitoscrito, totalizando 36 documentos, todos enviados de Belo Horizonte. Movimentos foram feitos na busca pela localização da correspondência ativa de Gilberto de Alencar recebida por Matos. Após consultas à Academia Mineira de Letras (AML), ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (AMLB/FCRB), à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e à Universidade de Itaúna (UIT), concluiu-se, momentaneamente, que o acervo de Mário Matos ainda esteja em posse dos herdeiros. O objetivo desta investigação foi elaborar uma edição de fontes da referida correspondência, criando notas explicativas que pudessem elucidar lacunas de interesse para a pesquisa literária. Como critério básico, foi realizada a transcrição deste lote que se encontra sob a custódia do já citado MAMM, no Acervo Alencar, no fundo Gilberto de Alencar. O referido Museu é administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), ambos localizados em Minas Gerais. A metodologia aplicada foi exploratória, bibliográfica e documental, consultando fontes primárias e secundárias que se fizeram necessárias para a elaboração destas notas. As teorias que envolvem os estudos de Arquivos pessoais depositados em instituições públicas e Crítica genética, sob o olhar da Epistografia, apoiados nas teorias literárias, fundamentaram esta pesquisa. Este trabalho é uma ação do projeto de pesquisa **O resgate das escrituras:** da correspondência e dos manuscritos de escritores mineiros para a composição de um dossiê genético-crítico, o qual, devidamente registrado no CNPq, é sediado pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) e liderado pela Prof.^a Dr.^a Moema Rodrigues Brandão Mendes. Estudar a correspondência ativa de Mário Matos permite

visitar diversas áreas do conhecimento como processo de criação literária, da história à psicologia, da filosofia e de experiências vividas ou imaginadas. É a presença da memória que fortalece a imortalidade.

Palavras-chave: Arquivos pessoais. Memória. Correspondência. Mário Matos. Gilberto de Alencar.

ABSTRACT

The current research investigated the missives sent by the journalist Mário Gonçalves de Matos (1888 / 1966) to the writer and also journalist Gilberto de Alencar (1886 / 1961) in the period that comprehends the years of 1939 and 1957. The whole batch is composed by 18 letters signed by Matos stored in the Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), 16 of those handwritten, 1 telegram and 1 typewritten, totalizing 36 documents, all sent from Belo Horizonte. Efforts were made in an attempt to localize the active correspondence of Gilberto de Alencar received by Matos. After consulting the Academia Mineira de Letras (AML), the Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (AMLB/FCRB), the Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) and the Universidade de Itaúna (UIT), was concluded, at the moment, that the Mário Matos' collection is still being held by his heirs. The objective of this investigation was to develop a font editing of the referred correspondence, creating explanatory notes that could fill gaps that are interesting for the literary research. As basic criteria, a transcription was performed of this batch that is under the custody of already cited MAMM, in the Archives of Alencar, in the Gilberto de Alencar's fund. The referred Museum is administered by the Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), both located in Minas Gerais. The methodology applied is exploratory, bibliographical and documental, consulting primary and secondary sources that were necessary for the elaboration of this notes. The theories that involve the studies of personal archives deposited in public institutions and genetic Criticism, from the point of view of Epistolography, supported in the theories of literature, were the fundament of this research. This work is an action of the research project **The writings rescue**: from the correspondence and the manuscripts of Minas Gerais writers to the composition of a genetical-critical dossier, which is properly registred by CNPq, held by Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) and lidered by Prof. Moema Rodrigues Brandão Mendes, Ph.D. Study the active correspondence of Mário Matos allow us to visit many areas of knowledge as a process of literary creation, from history to psychology, of philosophy and of lived or imagined experiences. It is the memory presence that fortifies the immortality.

Keywords: Personal archives. Memory. Correspondence. Mário Matos. Gilberto de Alencar.

LISTA DE SIGLAS

AML	Academia Mineira de Letras
AMLB/FCRB	Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa
APCBH	Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte
APM	Arquivo Público Mineiro
CES/JF	Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora
CNPq	Conselho Nacional de Pesquisa
GA	Gilberto de Alencar
ICOM	<i>International Council of Museums</i> (Conselho Internacional dos Museus)
IHGMG	Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais
MAMM	Museu de Arte Murilo Mendes
MG	Minas Gerais
MM	Mário Matos
PRR	Partido Republicano Riograndense
PSD	Partido Social Democrático
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RJ	Rio de Janeiro
UIT	Universidade de Itaúna
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UMG	Universidade de Minas Gerais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 MEU CARO AMIGO	17
2.1 MÁRIO MATOS: conversas mineiras.....	26
2.2 GILBERTO DE ALENCAR: um saudosista melancólico.....	33
3 ARQUIVOS E EPISTOLOGRAFIA: A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA	39
3.1 EDIÇÃO DE FONTES.....	48
3.2. CRITÉRIOS ESTABELECIDOS PARA A ELABORAÇÃO DA EDIÇÃO DE FONTES	52
3.3. AS CARTAS E AS NOTAS.....	54
4 CONCLUSÃO.....	106
REFERÊNCIAS	109

1 INTRODUÇÃO

Por meio de uma troca epistolar, os correspondentes Mário Matos (1888 / 1966) e Gilberto de Alencar (1886 / 1961) expõem suas mais distintas nuances: intercambiam preocupações e pensamentos, convites, conselhos, recordações, sensações e sentimentos. Para que seja compreendida parte de sua integralidade, observar o contexto histórico no qual os signatários estão inseridos é relevante, assim como as informações acerca de sua vida e obra. Assim sendo, constata-se que o documento missivístico apresenta bem mais do que apenas a função de interlocução entre os epistológrafos. É importante ressaltar que, apesar de esta pesquisa não ter localizado as cartas alencarianas enviadas a Mário Matos, muito do pensamento de Gilberto de Alencar está registrado nas linhas de cada correspondência emitida pelo remetente em questão: um comentário, uma crítica, uma solicitação, enfim, permitem que o leitor delineie o perfil do missivista mineiro. Não se pode afirmar, portanto, que se conhece um autor por meio de seus escritos, mas pode-se formar uma imagem de sua personalidade por meio de seus comentários, de suas amizades e de seus gostos a partir de sua produção e fazer literários. As epístolas possuem um caráter pessoal e íntimo, mas também podem ser protocoladas nelas diversas informações importantes, fazendo-se necessário, conseqüentemente, que as cartas tornem-se públicas.

Para tal, elas têm sido depositadas em instituições que se comprometem a salvaguardar estes documentos, repará-los e disponibilizá-los ao público de maneira que sua integridade seja mantida. Os estudiosos, ao realizarem suas buscas em instituições como estas, sejam públicas ou privadas, deparam-se com uma significativa quantidade de material para estudo, sendo vista como fontes férteis para pesquisa em muitas áreas do conhecimento. Estes museus, acervos e fundações são constituídos pela construção da memória, sendo capazes de retratar e recuperar a realidade dos escritores, sua vida política, literária e social, bem como podem documentar uma história pessoal compilando situações, ações e determinadas reflexões.

Fundamentado nestas prerrogativas, o presente trabalho elaborou uma edição anotada da correspondência ativa de Mário Gonçalves de Matos enviada a Gilberto de Alencar a fim de construir notas explicativas que pudessem elucidar lacunas de

interesse para a pesquisa literária e facilitar a compreensão de futuras pesquisas e de futuros leitores destas epístolas.

Importa salientar que estas cartas encontram-se sob a guarda do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), assim como todo o acervo alencariano, desde 2007, ano em que foi realizada a doação deste material. O referido Museu situa-se no centro da cidade de Juiz de Fora em uma área de aproximadamente 2.200 m². É composto por órgãos deliberativos, consultivos e administrativos, Conselho Curador, Técnico-administrativo e Comissões de Assessoramento, e possui, ainda, setores de Museologia, Preservação, Difusão Cultural, Biblioteca, Informação, Secretaria e Administração. Seu acervo bibliográfico é composto pela biblioteca de Murilo Mendes, que disponibiliza 2.886 títulos e 3.008 exemplares sobre literatura, religião, arte, história, filosofia etc, além dos acervos dos titulares João Guimarães Vieira, Arthur Arcuri, Gilberto e Cosette de Alencar, Dormevilly Nóbrega e Cleonice Rainho. Este local tem como um de seus objetivos a preservação e conservação de acervos de escritores e intelectuais juiz-foranos, e compromete-se a disponibilizá-los para pesquisa pública, contribuindo para a preservação do patrimônio cultural.

A referida correspondência possui relatos que aludem a, entre outros assuntos, aspectos da vida pessoal e íntima, discussões literárias e obras dos escritores já mencionados, temas estes que legitimam a reconhecida importância desses missivistas para a manifestação literária mineira e nacional. Vale ressaltar que a forma como Matos se dirige a Alencar confirma o grau de amizade entre os carteadores.

O corpus desta investigação é constituído pelo lote integral de cartas escritas por Mário Matos, o qual abrange 16 originais autógrafos do referido signatário, 1 documento digitoscrito e 1 telegrama, todos remetidos de Belo Horizonte, e que fazem parte do volumoso fundo arquivístico de Gilberto de Alencar.

A fundamentação desta pesquisa se ateve aos estudos sobre epistolografia firmados nas teorias da Crítica genética e apoiados em metodologias de arquivos pessoais depositados em instituições públicas e nas teorias literárias.

As informações coletadas por meio desta investigação foram obtidas a partir de pesquisa bibliográfica, exploratória e documental, tendo sido consultadas fontes primárias (manuscritos, digitoscritos, telegramas, jornais e revistas, por exemplo) e

secundárias (determinados livros, dicionários e biografias, por exemplo) que se fizeram necessárias.

A elaboração desta edição anotada se iniciou com a localização, leitura e posterior transcrição das 18 correspondências ativas de Mário Gonçalves de Matos, dentre as quais merecem destaque a primeira carta deste lote, datada de 09 de maio de 1939, e a última remetida por Matos, datada de 09 de dezembro de 1957, tendo esta ficado marcada por encerrar mais de 18 anos de contato epistolar entre os dois missivistas. Importa notar que neste lote analisado observou-se que tão importante como a comunicação verbal escrita e oral foi a presença do **silêncio** como forma de linguagem. Constatou-se que ele também fez parte desta correspondência, fato comprovado pela súbita interrupção temporal registrada pela ausência e pela alternância repentina de conteúdo, marcada entre as seguintes epístolas: a) 3 e 4, em que após 4 anos e dois meses de silenciado o carteadado (desde 14 de novembro de 1940 não se corresponderam), sua retomada passou do teor estritamente comercial ao aparecimento de discussão literária; b) 11 e 12, em que após 2 anos e 4 meses, a contar de dezembro de 1946, período registrado na carta 11, o conteúdo literário se transformou em política literária; c) 12 e 13, em que após quase 5 anos de inexistência do contato epistolar – o telegrama enviado por Matos marcou esta pausa, datado em 16 de abril de 1949 –, a política literária se transformou novamente em discussão literária. Ressalta-se, ainda, que justamente pelo fato de a carta propriamente dita ser um material instável, ou seja, depende do transportador para ser entregue ao seu destino, nem sempre se sabe se ela chegou ao seu receptor desejado, não se podendo, assim, dizer se esta ficou perdida no tempo ou se, de fato, não tivera subsequência.

A estrutura desta dissertação assim se esquematizou: **INTRODUÇÃO**; seção 2, cognominada **MEU CARO AMIGO**, que abarca as subseções **MÁRIO MATOS: conversas mineiras** e **GILBERTO DE ALENCAR: um saudosista melancólico**, as quais registram abordagens acerca da vida e da obra destes correspondentes; seção 3, intitulada **ARQUIVOS E EPISTOLOGRAFIA: a preservação da memória**, subdividida em **EDIÇÃO DE FONTES, CRITÉRIOS ESTABELECIDOS PARA A ELABORAÇÃO DA EDIÇÃO DE FONTES** e **AS CARTAS E AS NOTAS**, sendo esta última subseção o foco específico do trabalho, em que se encontra a transcrição das epístolas analisadas e a

inserção das respectivas notas explicativas; por fim, a seção 4, a **CONCLUSÃO** desta dissertação. Para encerrar o trabalho desenvolvido, foram apresentadas as **REFERÊNCIAS** consultadas e utilizadas e os **ANEXOS** pertinentes às pesquisas executadas.

2 MEU CARO AMIGO

O que pode haver [de] instrutivo na correspondência particular dos escritores é o elemento confessional, a parte autobiográfica. Por ser espécie de conversa escrita, travada de amigo a amigo, na maior intimidade, a carta tem, por isso mesmo, feição documentativa.

É depoimento sem subterfúgio.

Mário Matos

Mário Gonçalves de Matos retoma seu contato com Gilberto de Alencar por meio da troca epistolar em 09 de maio de 1939. Segundo pesquisas realizadas, os autores já se conheciam desde a juventude. Na primeira carta enviada por Matos, toma-se conhecimento, logo após a saudação, de que a primeira missiva de todo este diálogo epistolar fora enviada por Gilberto de Alencar. De acordo com o que Mário Matos disserta nesta epístola, infere-se que o assunto abordado na correspondência enviada por Alencar, antes desta referida resposta, apresentava-se em um tom mais formal, uma vez que lhe fizera um pedido: solicitara-lhe, aparentemente, um favor, o qual seria o de contar com o auxílio de Matos para que se concretizasse a construção de um monumento em homenagem a Belmiro Braga¹ (1872-1937) – falecido há pouco tempo com relação à data da missiva –, o qual era aclamado por ambos os homens das letras e fora seu contemporâneo. Este fato permite um diálogo teórico-crítico com os estudos de Anne Vincent-Buffault (1996), ao afirmar que, a partir do século XVIII,

a correspondência entre amigos íntimos se desprende progressivamente dos modelos epistolares oriundos da civilização medieval, que tinham essencialmente por objetivo o pedido de ajuda e a aquisição de novos amigos [...]. Esses modelos antigos de cartas ao amigo serviam com muita frequência

¹ Segundo Spalding (1937), Belmiro Braga nasceu no Sítio da Reserva em Vargem Grande, município de Juiz de Fora, sendo filho de pai português e de mãe mineira. Publicou os seguintes livros de versos: **Montezinas** (1902), **Cantos e contos** (1906), **Rosas** (1911), **Contas do meu rosário** (1918), **Tarde florida** (1923) e **Redondilhas** (1934). Para o teatro, escreveu: **Na roça** (3 edições); **Na cidade**; **O divórcio**; **Porto, madeira e colares** e **Que Trindade**. Em prosa, deixou o livro de memórias **Dias idos e vividos** (1936), o qual foi aceito com grande êxito pela crítica. O saudoso escritor foi “[...] um lyrico queu [sic] se firmou pela espontaneidade e pela inspiração. Não se filiou á nenhuma escola. Sua escola foi a propria poesia, que elle cultivou desde a mocidade” (MORREU..., **Diário Carioca**, 1937, p. 2). Ainda de acordo com a mesma fonte, o poeta, sendo membro da Academia Mineira de Letras, deixou, aos 65 anos, grande parte de sua obra, esparsa, sendo possível encontrá-la em revistas, jornais e almanaques. Era marido da senhora Otília Braga e pai do capitão José Braga, do 12º Batalhão de Infantaria de Juiz de Fora.

para solicitar um favor. Nada há nisso de chocante, pois a amizade dava o direito de exigir, e a afeição devia efetuar-se em ato, traduzir-se em serviços mútuos. [...] Não resta dúvida de que a prática da recomendação e as funções utilitárias da carta perduram nos séculos XVIII e XIX. Mas elas passam a ser impregnadas do tom íntimo que lhes confere sua veracidade, sua credibilidade (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 19).

Assim sendo, observa-se que a primeira correspondência que marca o início desta troca epistolar entre Mário Gonçalves de Matos e Gilberto de Alencar trata justamente de uma solicitação de um favor que, por empenho de Alencar, propiciou que se fosse iniciada e fortalecida uma relação de amizade entre eles. A resposta de Matos é positiva com relação ao que lhe fora pedido e, embora não houvesse nesta carta menção à amizade propriamente dita entre ambos, o remetente finaliza sua correspondência dando-lhe “um abraço do velho amigo” (MATOS, [carta] 09 de maio 1939), o que viabilizou um início de contato epistolar com Gilberto de Alencar e comprovou que, com a construção da sensibilidade afetiva, o protocolo da intimidade, de fato, funciona.

Na intenção de manter este diálogo com o parceiro de anos atrás, Alencar, dois meses após a resposta do “velho amigo” (MATOS, [carta] 09 de maio 1939), envia-lhe outra missiva, datada de 10 de julho de 1939. Esta, contudo, já não trata da mesma temática da primeira: agora, em vez de pedir-lhe um favor, Gilberto de Alencar envia a Mário Matos suas saudações pela nomeação que seu signatário obtivera recentemente como Secretário do Interior do Estado de Minas Gerais. O parceiro, por sua vez, agradece-lhe com o envio de suas “saudações muito afetuosas de seu amigo e admirador, de sempre” (MATOS, [carta] 10 de jul. 1939). Observa-se, agora, nesta segunda correspondência, que a missiva, além de apresentar uma linguagem mais informal que a primeira, registra um nível diferenciado da amizade, em que não são vistos formais pedidos de auxílio, mas, sim, apreciadas congratulações enviadas pelo sucesso do correspondente devido à sua carreira política. O tratamento de Matos com relação à amizade também se diferencia da sua primeira carta enviada: antes, era o “velho amigo” (MATOS, [carta] 09 de maio 1939); agora, é “amigo e admirador” (MATOS, [carta] 10 de jul. 1939), como se não mais tratasse desse sentimento de

amizade como algo de tempos decorridos, e, sim, como algo presente, persistente aos dias atuais do poeta.

E, devido a transformações como estas observadas nestas missivas com temáticas completamente diferenciadas, Vincent-Buffault afirma:

As formas da carta, sua freqüência, sua função, o tom empregado estão sujeitos a variações: as fórmulas de civilidade desaparecem em proveito de uma familiaridade mais ou menos marcada, e uma escrita própria à relação de amizade se inventa aí (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 12).

A partir desta reflexão, é possível verificar que a primeira carta soa mais formal que a segunda, a qual apresenta um tom mais suave e mais pessoal, como se houvesse intenção de, mesmo que aos poucos, retomar uma amizade de velhos tempos – o que é observado, inclusive, como já mencionado, nas despedidas de cada carta.

A correspondência ativa de Mário Matos consecutiva a esta aborda, cada vez mais, conteúdos literários: Matos, por trabalhar na revista **Alterosa** – a qual publicava contos, crônicas e demais textos de escritores renomados –, acaba por convidar Gilberto de Alencar para ser colaborador nesta revista, sendo a primeira carta a mencionar tal questão datada de 30 de janeiro de 1945. Percebe-se que houve um grande período em que os signatários não se corresponderam – de 1940 a 1945 –, sendo esta a primeira carta após todo este tempo. Importa ressaltar que o já mencionado protocolo da intimidade se fez presente neste mesmo ano de 1945: aquele **velho amigo** que aparece na primeira carta de 1939 reaparece em 1945 na quinta missiva, a fim de que estes anos sem carteados fossem transpostos e reconstituídos a partir de uma construção da sensibilidade afetiva por meio da mencionada expressão tão amistosa e gentil que reafirma o gosto pela conservação da amizade.

Observa-se que a maneira como Matos dispõe estas duas frases “Tenho aqui uma carta sua sem resposta há muito tempo. Eu e o Miranda estamos tratando de apressar a publicação das novelas, e a sua será a primeira” (MATOS, [carta] 30 de jan. 1945) permite inferir que Gilberto de Alencar fora o próprio interessado em publicar na revista **Alterosa**.

O fato de este assunto ter sido abordado logo na primeira oportunidade após tantos anos sem troca epistolar mostra que o diálogo com as teorias de Anne Vincent-Buffault encontra-se novamente presente. Ela acredita que

A amizade [...] é proporcional à intensidade da necessidade [...]. As diferentes formas da amizade correspondem à diversidade das necessidades, e sua fragilidade resulta do fato de que dificilmente uma necessidade permanece recíproca (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 77).

Por meio deste pensamento, consideram-se duas observações: a primeira é que a **necessidade** levou Gilberto de Alencar a escrever para o amigo a fim de colaborar com publicação das novelas, as quais ainda nem pertenciam a uma seção da revista; segundo, que, se de um lado, Alencar desejava ter mais uma publicação e, assim, ver o seu nome reconhecido em mais um veículo de comunicação além dos que já tinha, de outro lado, interessava a Matos que a revista para a qual trabalhava tivesse os melhores textos, os melhores temas e também as melhores novelas e, por esta razão, tratou o texto de Alencar com bastante atenção, como se constata no conteúdo de outras missivas trocadas. Houve, portanto, neste caso, o registro da necessidade de apoio mútuo para a divulgação das produções literárias. Sobre esta colaboração, Vincent-Buffault afirma:

Para essa relação sem contrato, os tratados propõem uma regulação de palavra e uma honestidade privada que são promessas de fazer durar esse laço sempre sob ameaça de dissolução. Assim se explica esse incessante recurso à virtude, ao ideal do eu, sem referência à ajuda mútua e à ação comum. Pois é de comum acordo que os autores excluem sem mais delongas, como se essa fosse uma prática demasiado evidente, a ajuda material, o serviço prestado, que caracterizam não a amizade, mas o simples sentimento de humanidade, de compaixão. Importa dar sem contar, isso é evidente, mas sobretudo não fazer pesar obrigações. É por isso que o termo delicadeza retorna sempre, manifestando simultaneamente um acréscimo de alma e um tato psicológico que não se pode realmente definir. Existe uma verdadeira casuística da delicadeza na amizade, concernindo a tudo que poderia criar alguma forma de dependência ou de obrigação (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 62).

Outro aspecto que se verifica nas epístolas trocadas entre os literatos é com relação à temporalidade: por vezes, Mário Matos sente necessidade de justificar ao amigo sua **falta** para com ele, apresentando como motivo principal o excesso de

trabalho, sua quantidade inacreditável de demanda, o que o deixava sem tempo para nada, afirmando que “não dá tempo nem de respirar” (MATOS, [carta] 19 de dez. 1955). Em outra ocasião, em uma epístola datada de 19 de junho de 1946, Matos justificou sua demora em responder as missivas do amigo, colocando, desta vez, uma enfermidade como impedimento. Nesta ocorrência, não se sabe ao certo o que teria o assaltado, porém, em carta não datada e com motivos suficientes que permitem crer que tenha sido enviada nesta mesma época, verifica-se que se tratava de uma nevralgia facial, a qual o fez “guardar o leito” (MATOS, [carta] [1946]) por muitos dias e o impediu de responder ao amigo em tempo “suas duas cartas” (MATOS, [carta] [1946]). Observando que Matos sente-se, por vezes, incomodado com o fato de não estar sendo recíproco ao amigo com relação às missivas, infere-se que seu pensamento seja o mesmo de Anne Vincent-Buffault, que aborda em sua obra **Da amizade** (1996) o seguinte:

A amizade, o mais santo dos contratos, não passa de uma troca. Ao estender nossas afeições a nossos semelhantes, temos necessidade de que eles estendam as suas sobre nós e supram o que, em favor deles, alienamos do cuidado de nós mesmos; ao assumirmos o interesse pela conservação deles, nós lhes confiamos o interesse pela nossa. Não há verdadeira afeição sem reciprocidade; o que cada um concede do amor de si lhe deve ser devolvido por outros, sem o que a ordem da natureza seria perturbada, o equilíbrio seria rompido, e essas efusões de coração que são feitas para ligar a sociedade dos homens serviriam apenas para destruí-los (VINCENTE-BUFFAULT, 1996, p. 75).

A autora acredita, ainda, que há um pacto epistolar que acompanha a declaração de amizade, como se houvesse um contrato, um compromisso em que os signatários devem cumprir na relação com o outro. Neste pacto, os correspondentes devem ter confiança mútua e não deixar que falte franqueza. Eles entram em acordo, também, “[...] para desculpar de antemão as falhas na regularidade epistolar, transportando o pensamento para junto do amigo (ocupado ou doente), por um movimento próprio ao crédito de confiança inscrito no coração da amizade” (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 41). É justamente pelo fato de a amizade possuir a liberdade de se desatar que ela “[...] deve a si mesma a honra de ser sincera e fiel” (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 62).

Ao analisarmos a correspondência ativa de Mário Matos com o correspondente Gilberto de Alencar e percebendo, em suas respostas ao colega, a posição do destinatário quanto a diversos assuntos (como seus pedidos de auxílio, sua colaboração com Matos, sua visão sobre estar envelhecendo, entre outros), é possível afirmar que ambos os signatários buscam manter a honra e fidelidade em suas missivas, demonstrando confiança no parceiro bem como afeto mútuo.

Observa-se, ainda, na correspondência ativa de Matos, que o cuidado em desculpar-se por suas faltas, a cautela com suas opiniões, conselhos e com as palavras trocadas com o parceiro, a disponibilidade e preocupação em ajudar Alencar com a explanação de sua literatura (mais ainda do que com a sua própria produção) nos mostram um signatário que busca regar a amizade de maneira que ela nunca se desate e jamais se perca.

Outro ponto a ressaltar relaciona-se à forma como Mário Matos visualiza e aborda o fazer literário propriamente dito, o seu e o de seu amigo e correspondente Alencar. Verifica-se que o remetente enaltece a escrita e toda produção de autoria alencariana. Um exemplo é de antes mesmo da publicação de **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho** (ALENCAR, G., 1946), em que Matos diz ao parceiro que acredita que sua referida obra será “um sucesso esplêndido” (MATOS, [carta] 30 de jan. 1945) (nesta época referente à missiva, ele nem havia tido em mãos o original datilografado por Gilberto de Alencar). Ao receber de Alencar a versão dactiloscrita desta obra, diz que está “gostando muito” (MATOS, [carta] 02 de ago. 1946), que “vai fazer sucesso” (MATOS, [carta] 02 de ago. 1946), que “é vivido e sentido” (MATOS, [carta] 02 de ago. 1946), que “é um grande livro” (MATOS, [carta] 14 de set. 1946), que nele mostra “seus dons de narrador, de psicólogo, de mestre do diálogo” (MATOS, [carta] 14 de set. 1946) e conclui que “ele será um dos maiores êxitos literários [...] [daqueles] tempos” (MATOS, [carta] 14 de set. 1946). Outro caso em que enaltece o fazer literário do colega é com relação à novela enviada à **Alterosa** por Alencar, considerada por Matos como “a melhor que recebemos” (MATOS, [carta] 19 de jun. 1945). Ao decorrer das epístolas que abordam este assunto, encontra-se o conselho de “dedicar-se à novela e ao romance por causa de seus dons inegáveis para o gênero” (MATOS, [carta] 19 de jun. 1945) – este mesmo elogio se repete em três das quatro

cartas enviadas no ano de 1945. Contudo, ao observarmos a forma como Mário Matos vê a sua própria produção, encontramos a seguinte declaração: “[...] Estou com um livro de contos pronto, mas, não sei, não acredito que sejam bons. Estou incerto quanto a sua edição” (MATOS, [carta] 12 de maio 1946).

Dois fatos encontram-se dentro do exposto: o primeiro é o que diz respeito à amizade com relação à literatura, que Vincent-Buffault observa ser “[...] com franqueza e confiança que eles relatam uns aos outros seus projetos e corrigem mutuamente seus trabalhos literários, sem a isso misturar rivalidade ou arrivismo” (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 178); e o segundo trata da clássica anulação sublime descrita pela mesma autora, em que “[...] aquele que declara sua amizade se anula e assinala sua inferioridade inerente” (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 26), uma vez que o remetente “[...] se mostra inferior ao incomparável amigo [...]” (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 26). Assim sendo, diante do primeiro fato, pode-se afirmar que Matos, em momento algum, de todas as dezoito cartas analisadas, entende o trabalho com as letras realizado por Gilberto de Alencar como algo que afronta o seu próprio tecer literário. Ele não vê a produção do amigo que “[...] nasceu com a pena na mão, sempre escreveu bem, sempre escreveu com naturalidade e graça” (MATOS, [carta] 12 de nov. 1956) como rivalidade ou concorrência. Ao contrário, ele ajuda a disseminar seu nome por onde quer que tivesse influência, assistindo-o sem cobrar algo em troca, justamente porque, para ele, não há competição na amizade, uma vez que

A amizade é alegria suplementar, marca de uma eleição, não é uma instituição. Ela estabelece redes de influência, inventa lugares de convivência e laços de resistência enquanto se multiplicam para a maioria as oportunidades de encontros e de interações. [...] [A amizade] é “acessória”. Seu exercício voluntário torna-lhe a existência mais frágil, mais submetida ao acaso. Os valores da amizade parecem tanto mais invocados quanto mais outras obrigações, outras injunções, tendem a limitar de fato a possibilidade do seu exercício. A amizade no entanto se exerce, ela ocupa, é atuante. Esse exercício da amizade forma e transforma: praticando-o, elaboram-se tanto o si mesmo quanto o entre-si. Indo ao encontro dos outros, é ao encontro de si mesma que a pessoa se lança (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 9).

Já com relação ao segundo fato exposto, observa-se que Mário Matos, ao enaltecer as características do ato de escrever do amigo, ao duvidar de sua própria eficácia na produção e, principalmente, ao não abordar explicitamente, em missiva

alguma, quaisquer de suas obras – as quais foram grandemente aclamadas pela crítica e elogiadas pelos mais diferentes olhares de escritores renomados daquele tempo –, mostra-se anulado como produtor literário: ele eleva o amigo a um nível em que não consegue se encontrar, **aceitando** sua inferioridade diante daquele que possui, a cada dia, o “estilo mais límpido e conceituoso” (MATOS, [carta] 19 de dez. 1955). Mário Matos acredita-se, portanto, inferior ao incomparável amigo das letras.

Outro elemento que se pode verificar nesta troca de correspondências entre homens é o fato de que esta relação amistosa exclui voluntariamente “os insípidos cumprimentos que encerram a carta” (VICENT-BUFFAULT, 1996, p. 23), substituindo-os por maneiras dominadas de ternura e abraços sem que essas declarações criem ambiguidade. Assim finaliza Mário Matos algumas de suas cartas: “[...] de seu amigo e admirador, de sempre, que o abraça afetuosamente” (MATOS, [carta] 10 de jul. 1939); “Sou, como sabe, o sempre amigo grato” (MATOS, [carta] 17 de dez. 1945); “Uma visita e um abraço do velho am^o” (MATOS, [carta] 02 de ago. 1946); “Um afetuoso abraço do seu velho am^o de coração” (MATOS, [carta] 19 de dez. 1955); “Meu abraço fraterno” (MATOS, [carta] 09 de dez. 1957).

Verifica-se, em adição, que “[...] Esse conteúdo afetivo está mesclado de informações políticas, literárias, mundanas e de análises críticas. Importa acima de tudo, para os correspondentes masculinos, partilhar uma mesma maneira de ver e de pensar” (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 23), como ocorre nas diversas ocasiões já mencionadas em que Mário Matos, com verdade e honestidade, concorda sobre o assunto por Alencar. “[...] Mas é também de suma importância para eles construir uma relação de estima e de confiança recíproca” (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 23), o que encontramos quando Matos finaliza sua epístola certificando-se da amizade dos correspondentes: “A Você, como sempre, envio minhas saudades e a segurança da velha amizade do seu antigo adm^o Mário Matos” (MATOS, [carta] 14 de nov. 1940).

Segundo Vincent-Buffault (1996, p. 18), “[...] A relação epistolar é [...] trabalhada pela ausência e pela espera de se rever ou de receber resposta, explorando os vínculos para reavivá-los. Ela é maneira de dar lugar ao outro expondo-se a si mesmo”. Tal afirmação é ratificada na epístola datada de 14 de setembro de 1946, na qual Matos, percebendo a aflição do parceiro com relação ao seu silêncio crítico para com o seu

livro – cujos originais datilografados tinham sido enviados por Alencar a pouco mais de um mês –, comenta em sua missiva que irá adiantar-lhe uma opinião, e assim o faz, elogiando-o completamente e ressaltando que “De seu livro transpira uma profunda melancolia, advinda dessa voga, romântica saudade da infância, que é o nosso arrependimento de não sabermos ter vivido” (MATOS, [carta] 14 de set. 1946).

Como esta opinião de Matos, há outras inúmeras menções por ele realizadas sobre as memórias às quais o remete ao livro de seu signatário, o qual lhe permitiu rever os tempos de criança e “reviver a vida” (MATOS, [carta] 21 de mar. 1954). É por esta profunda melancolia que a correspondência ativa de Mário Matos está repleta de verdadeiras lembranças nostálgicas pelos locais da amizade, como a exemplificada a seguir:

[Seu livro] me evocou a Dores de nosso tempo. De página a página [...] eu parava e voava, na asa da memória, à Usina. Eu vi de novo as árvores enfloradas e os passarinhos brincando em suas capas. Lembrei-me dos dias de chuva, de pescaria, de caçada. Revi nossos passeios pela cidade, nossas conversas, nossos temores. [...] em mim, o menino ainda existe, o moço ainda existe (MATOS, [carta] 21 de mar. 1954).

Outro momento em que Mário Matos se refere às suas recordações é quando questiona o fato de Alencar escrever sempre em suas missivas sobre a velhice, assunto que muito o incomoda, principalmente porque estava, nesta época, com “mania de pensar no passado” (MATOS, [carta] 12 de nov. 1956). Assim disserta:

A todo momento, com um cigarro na boca, me vejo de calças curtas a pegar passarinho, em Dores-de-Indaiá. Tenho soltado papagaio que é uma beleza. Por qualquer motivo, estou correndo atrás de foguete. Sou menino. Mas também, quando volto a mim, que tormento! (MATOS, [carta] 12 de nov. 1956).

Diante do exposto, Anne Vicent-Buffault afirma que tal melancolia

[...] lembra a presença do outro em si como memória viva fundida numa paisagem. Essa nostalgia romântica de uma co-presença na contemplação do mundo contrasta com a solidão que encerra o escritor em si mesmo e participa da representação romântica do homem de letras, quando a literatura assume sua autonomia em relação aos gêneros tradicionais (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 41).

Mário Matos está inserido em um conflito de sentimentos: ao mesmo tempo em que demonstra certo gozo ao relembrar sua juventude, também demonstra tristeza ao voltar à realidade e perceber que nada mais daquilo é real. À medida que os anos passam, ele se encontra mais próximo da morte e se depara com a ausência de seus queridos contemporâneos que não mais passeiam pelas ruas, mas registram presença em notas de falecimento dos jornais, e, por isso, Matos se vê desolado. Ao destacar suas memórias de juventude, ressalta toda a saudade que leva consigo da cidade em que nunca mais retornou, da juventude que já se fora há muito, das velhas, boas e únicas lembranças de seu tempo passado, aquele que se foi e não voltará jamais.

2.1 MÁRIO MATOS: conversas mineiras

29 de dezembro de 1966 poderia ser apenas mais um dia da edição do jornal **Correio da Manhã**², mas certamente o que fora noticiado nesta quinta-feira marcou para sempre a história de uma família, de amigos, da literatura como um todo e de toda a Academia Mineira de Letras: o primeiro sucessor da cadeira de número 16 (cujo fundador fora Diogo Vasconcellos³), Mário Gonçalves de Matos, falecera em Belo Horizonte, aos 78 anos, na madrugada do dia anterior. A perda fora, de fato, tão irreparável, que ninguém menos que Carlos Drummond de Andrade, com apenas dois dias decorridos da morte do indescritível escritor montanhês, publicou no mesmo periódico carioca uma verdadeira homenagem a Matos:

² O **Correio da Manhã** foi um jornal matutino diário, editado na cidade do Rio de Janeiro. Fundado por Edmundo Bittencourt, em 15 de junho de 1901, passou pela administração de Paulo Bittencourt, de 1929 a 1963, e de Niomar Moniz Sodré Bittencourt, de 1963 a 1969. Em 1969 foi arrendado por Maurício Nunes de Alencar, ligado à Companhia Metropolitana (empreiteira de obras), por um prazo de 5 anos. O encerramento de sua circulação ocorreu em 7 de junho de 1974, sendo seu título leiloadado em 1977. Durante grande parte de sua existência, foi um dos principais órgãos da imprensa brasileira, destacando-se como um jornal independente, de tradição legalista e oposicionista em diversos momentos da vida política do país. Sua linha editorial, inspirada na filosofia liberal, caracterizava-se pela defesa incondicional da imprensa (FONDO..., [19--?]).

³ Segundo matéria publicada em **A Província de Minas**, Diogo Vasconcellos foi “[...] uma das inteligências mais lucidas e vigorosas da provincia [de Minas Gerais]” (1º DISTRICTO..., **A Província de Minas**, 1884, p. 2). Diogo Luiz de Almeida Pereira de Vasconcellos nasceu em Mariana, em 1843, e morreu na capital de Minas Gerais, em 1927. Foi advogado, historiador e político mineiro. Pertencia ao Partido Conservador Mineiro e foi considerado precursor na construção histórica do Estado. Apoiou a criação do Arquivo Público Mineiro (APM) e do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG) (FERREIRA; RODRIGUES, 2012).

Em Minas Gerais, estamos desfalcados: faleceu Mário Matos. Era uma propriedade mineira por excelência, como escritor e como organização espiritual. Trocou o Rio de Janeiro pela província quando a Revolução de 30 o afastou da política, e não quis mais saber de bancar o carioca, mesmo quando sopraram outros ventos que lhe seriam favoráveis. Preferiu instalar em Itaúna, e depois em Belo Horizonte, sua poltrona de conversador emérito. E quando lhe falavam em reeditar, por exemplo, o excelente estudo sobre “Machado de Assis – o homem e a obra” desconversava mineiramente. Aos prazeres da divulgação preferia os da preguiça, entendida como faixa de cisma, leitura, observação e reflexão sem consequência escrita. Preguiça ativa a seu modo, que é a de tomar conhecimento do fluxo e atrito das coisas, analisar-lhes filosoficamente o sentido, e eximir-se de retocar ou tentar retocar a imagem das que pareçam tortas. Exercício coloquial da compreensão irônica, despido de azedume e furor ativista: gosto bem mineiro em suma, pelo menos de mineiro mais antigo, pois os novos já não parecem rezar por essa cartilha serena. Antigo sem ser antiquado. À beira dos 80 anos, Mário Matos guardava a feição clássica do intelectual lúcido e cético, sem de modo algum parecer um retardatário.

Ainda há pouco, li no suplemento literário do *Minas Gerais* – único órgão oficial do poder público, no Brasil, que se lembra de manter um caderno semanal de cultura – o pequeno texto em que MM, sem se valer dos novos *slogans* da geriatria, defende o prolongamento da vida como uma rotina singela, a cargo de cada um de nós: “É só tratar do corpo como se trata dos sapatos: – engraxá-los, pôr-lhes meia-sola.” Caçoava do hábito colonial de “cada um cultivar com carinho a sua dor de banda” e dispunha-se a examinar o corpo de um imaginário defunto: “Ele próprio já sentia há muito tempo uma dorzinha manhosa debaixo da maminha e teimava que era ar prêso. Ar prêso, hein? Ar prêso êle viu o que foi.”

Sonetista bem sucedido quando era imperativo castigar a forma dentro da fôrma (seu pseudônimo da mocidade, Alberto Olavo, exprimia devoção a Alberto de Oliveira e Olavo Bilac), despediu-se de preconceitos escolásticos, e, já em 1929, respondendo a uma enquete do velho órgão modernista *Diário de Minas*, via no soneto “um dos entraves à economia brasileira”: “Ninguém calcula o desperdício de energia que um homem desbarata para fazer um soneto parnasiano. E se o soneto se torna célebre, persegue o autor como remorso vivo”.

Se não deixa uma grande obra, o que fêz é de qualidade, e merece ser relido. A interpretação machadiana, elaborada antes dos estudos em profundidade que vêm sendo feitos no poço abissal do Bruxo da Ambigüidade, continua lúcida e penetrante, pelas afinidades de espírito entre um e outro cético e ironista. Os contos da “Casa das Três Meninas” são uma delícia. Gostaria de encontrar nas livrarias êsse volume, para oferecê-lo de festas aos amigos, no Ano Novo. Quem o possui, aconselho que o abra e leia ao acaso uma das histórias, e terá a impressão de estar vendo e conversando [com] Mário Matos em seus momentos mais encantadores – o mesmo que, ainda há pouco, dizia em conversa, comentando as bossas econômico-financeiras em experimentação no País:

– Antigamente eu comprava e pagava; hoje, não compro e continuo pagando (ANDRADE, 1966, p. 6).

Filho de coronel, nascido⁴ e criado em Itaúna, Mário Matos mudou-se para Belo Horizonte com o intuito de dar continuidade a seus estudos. Terminou por se graduar na Faculdade de Direito do Distrito Federal em Ciências Jurídicas, conforme afirma nota na primeira página do jornal **Lavoura e Comércio**⁵ – MINAS Gerais tem novo Secretário de Interior – em 10 de julho de 1939. Mário Matos advogou, escreveu obras literárias e, posteriormente, tornou-se vereador e vice-presidente da Câmara Municipal de Itaúna. Foi eleito deputado estadual e, em 1927, dando continuidade a sua carreira política, assumiu o posto de deputado federal, sendo reeleito em 1930. Contudo, este não permaneceu por muito tempo: Mário Matos teve seu mandato interrompido devido à vitória da revolução que levou Getúlio Vargas ao poder. Com esta reviravolta, o político regressa, então, a Itaúna: inclusive, aqueles que folheassem o tão completo **Almanak Laemmert – Guia Geral do Brasil**⁶ em busca de um advogado nos anos 1935 e 1937 encontrariam o nome de Matos na Seção de Advogados da cidade mineira de Itaúna. Os leitores que continuassem a folhear este **Almanak** veriam seu nome na Seção de Ensino Secundário, atuando como professor da Escola Normal de Belo Horizonte além de ser, também, diretor da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.

⁴ De acordo com investigações realizadas em diversas fontes, a pesquisadora localizou registro de datas diferentes para informar o nascimento de Mário Matos. Na dissertação de Mestrado em Letras, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), de autoria de Maria Regina de Souza Carvalho (2013), consta a data de 23 de setembro de 1899, e na dissertação de Maria Claudia Helena de Souza (2013), também do CES/JF, a data registrada é 28 de setembro de 1891. No *site* da Academia Mineira de Letras – OS ACADÊMICOS –, localiza-se apenas o ano em que seria o nascimento do escritor, constando 1899. De acordo com o **Dicionário da elite política republicana** – verbete MATOS, Mário Gonçalves de –, da Fundação Getúlio Vargas, Matos teria nascido em 28 de setembro de 1891. Já em buscas realizadas em jornais referentes à época em que falece o autor, há passagens em que é possível visualizar fragmentos em que constem informações pertinentes à sua data de nascimento: em **Correio da Manhã** (1966) – MÁRIO Matos sepultado em Minas Gerais –, encontra-se a informação de que Mário Matos teria falecido em 28 de dezembro de 1966 aos 78 anos de idade, conforme já dito, e, no mesmo jornal (1966), Carlos Drummond de Andrade nos informa que o referido literato estaria à beira dos 80 anos. Assim sendo, a pesquisadora utilizará como critério as informações contidas nestas duas últimas fontes: Mário Matos teria nascido no ano de 1888.

⁵ Fundado no ano de 1899 em Uberaba, o jornal **Lavoura e Comércio** teve sua primeira edição impressa em 06 de julho de 1899. Criado por um grupo de produtores rurais insatisfeitos com a política fiscal do estado, perdurou até 27 de outubro de 2003, quando foi impressa sua última edição. Antônio Garcia Adjuto foi o primeiro diretor do jornal; contudo, em 1906, a administração passou para a família Jardim. Quintiliano Jardim administrou e ampliou a abrangência do jornal, que se tornou o diário oficial de vários municípios da região. Em 1966, com a morte de Quintiliano, a administração passou para seus filhos George de Chirée, Raul e Murilo Jardim. O jornal sucumbiu diante de uma grave crise econômica e financeira após 104 anos de atividade ininterrupta (JORNAL..., [201-]).

⁶ Fundado e publicado ininterruptamente desde 1844, o **Almanak Laemmert**, editado pela Empresa Almanack Laemmert Limitada, constituía o único anuário comercial, industrial e profissional completo do Brasil naquela época (O NOVO..., **O Observador Econômico e Financeiro**, 1937).

A íntima relação do sr. Benedito Valadares, o então governador de Minas Gerais, com Matos também podia ser observada: na edição datada de 10 de agosto de 1935 do jornal **A Federação**⁷, foi divulgado um informativo quanto à nomeação do ministro Mário Matos ao Tribunal de Contas mineiro: “BELO HORIZONTE, 10 (A. B.) – Tendo sido creado aqui o Tribunal de Contas, foram nomeados ministros os srs. Mario Matos, Alvaro Batista e José Alkimin” (TRIBUNAL..., **A Federação**, 1935, p. 1). Havia, porém, aqueles que na época não compreendiam o motivo da nomeação de Mário Matos, tendo o jornal **Lavoura e Comércio** esmiuçado a proximidade de Matos com Benedito Valadares por meio da seguinte notícia:

RIO, 22 – O fato do sr. Benedito Valadares não se separar do sr. Mario Matos, parecendo irmãos siamezes, está dando motivos a boatos de ser, naturalmente, êle o sucessor do governador mineiro mesmo contra a vontade do sr Antonio Carlos.

O sr. Mario Matos, que é um dos elementos mais representativos da ala moça da politica mineira, já foi deputado estadual e federal. Na campanha de 1929-1930, ficou com o sr. Melo Viana contra o sr.⁸ Antonio Carlos. Por esse motivo, teve de recolher-se no ostracismo, de que o retirou o governador Valadares que o distinguiu com diversos cargos de confiança e, mais tarde, nomeou-o ministro do Tribunal de Contas (SUCESSÃO..., **Lavoura e Comércio**, 1936, p. 4).

⁷ De acordo com o **Dicionário da elite política republicana** – verbete FEDERAÇÃO, A –, o jornal **A Federação**, do Partido Republicano Riograndense (PRR), surgiu no primeiro dia do ano de 1884 em Porto Alegre. Em suas publicações, Antônio Augusto Borges de Medeiros, chefe supremo do PRR a partir de 1903, assinou editoriais e publicou declarações acerca dos acontecimentos mais marcantes daquela época. O periódico teve seu fim juntamente da queda do referido Partido, em 02 de dezembro de 1937, por imposição do Estado Novo, instituído pelo presidente Getúlio Vargas.

⁸ Causou estranhamento por parte da pesquisadora observar que há a abreviatura (seguida de pontuação) adequada em 5 (cinco) ocorrências destas 6 (seis) do vocábulo **senhor**; entretanto, foi devidamente conferido e esta é a forma como o pronome de tratamento foi registrado no periódico original.

Mário Gonçalves de Matos era constantemente lembrado nos jornais e revistas de sua época. Um exemplo foi em 1941, quando o periódico **A Noite**⁹ – CONDENADO por haver beijado a namorada – (1941a) noticiou com certo humor a condenação de um homem por ter beijado sua namorada, assim como também mostrou o jornal **Correio do Paraná**¹⁰ – CONDENADO por ter beijado a namorada – (1941b) em letras garrafais. O espanto se dá quando o tão honrado e ocupado desembargador Mário Matos se encontra no meio de tal notícia: fora ele o responsável pela absolvição de tal réu pelo Tribunal de Apelação.

Em paralelo à sua vida política e jurídica, Matos exercia bastante influência no meio literário, escrevendo obras de renome e inúmeras publicações magníficas e reconhecidas. A primeira delas foi **Discursos**¹¹, datada de 1927. Em 1935, Matos publica **O último bandeirante**, obra que recebeu o seguinte comentário:

“Ultimo Bandeirante” é um agudo ensaio do Sr. Mario Mattos sobre Affonso Arinos. Não é, propriamente, uma biographia, mas ahi se estuda, com muito carinho e sympathia, a figura do grande escriptor “Pelo Sertão”, nos seus aspectos suggestivos. Depois de estudar o homem, o Sr. Mario Mattos passa a analysar a obra de Affonso Arinos, assignalando as facetas mais caracteristicas do seu talento. Trata-se de um ensaio leve, a que não faltam, tambem, penetração e vivacidade. Certamente, o autor alcançou o seu objectivo: um trabalho que se lê com prazer, do começo ao fim (GUSTAVO, 1935, p. 52).

⁹ De acordo com o **Dicionário da elite política republicana** – verbete NOITE, A –, **A Noite** foi um periódico carioca diário e vespertino. Fundado em 18 de junho de 1911 por Irineu Marinho e 13 parceiros seus, teve quatro distintas fases que o marcaram. Em sua primeira, foi duramente reprimido por ser nitidamente um órgão de oposição ao governo vigente. Contudo, com a transferência de diretoria do periódico para Geraldo Rocha, em 1925, marco inicial da segunda fase, o órgão passou a apoiar as oligarquias dominantes. Porém, devido a problemas administrativos internos e, mais tarde, a posturas políticas duramente repudiadas por muitos dos revolucionários, o jornal foi alvo de depredação e incêndio, deixando de circular por alguns dias. Houve tentativa de se reerguer; contudo, em decorrência de dívidas acumuladas, a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, em 1931, entrou na posse de todos os bens do ex-presidente, incluindo as ações do **A Noite**. Já nesta terceira fase, a nova proprietária do jornal adotou uma linha política comedida, conseguindo se mostrar grandemente revitalizada até o fim da década de 30. Na última fase em que sobreviveu o periódico, entretanto, após inúmeras dificuldades administrativas e políticas, o jornal foi, enfim, transformado por decreto em um jornal do governo e, após mais reviravoltas políticas, o periódico saiu de circulação cerca de dois anos da posse de Juscelino Kubitschek, tendo sido extinto em 27 de dezembro de 1957.

¹⁰ De acordo com investigações realizadas pela pesquisadora, o periódico vespertino **Correio do Paraná** teve sua primeira publicação em 04 de abril de 1932, sendo dirigido inicialmente pelos jornalistas Djalma Lopes e por Adherbal Stresser – diretor-político e diretor-gerente, respectivamente. O jornal trazia em suas páginas conteúdos políticos, esportivos, econômicos e socioculturais (CORREIO..., 1932).

¹¹ Esta informação se encontra na primeira página do livro **Casa das três meninas** (1949), também de autoria de Mário Matos. Contudo, não possui a referência da editora da obra mencionada, constando, apenas, os dados sobre o ano (1927) e o local (Belo Horizonte) de publicação da referida obra.

Outra obra notável de Mário Matos foi o livro **Machado de Assis: o homem e a obra** (1939), em que o literato mostrou todo o seu conhecimento sobre o homenageado (inclusive, por meio desta obra, fica conhecido como biógrafo do referido autor). Ainda sobre ela, o Suplemento de **A Ordem**¹², no ano de 1942, publica um artigo de Gustavo Corção a esse respeito, realizando comparações entre o julgamento de um juiz e as opiniões tecidas por Mário Matos sobre Machado de Assis, dizendo que, ao ler o último capítulo do referido livro de Matos, percebe que “nestas páginas o autor tentando estudar Machado, julgar Machado, acaba condenando o *humorismo* [...]” (CORÇÃO, 1942, p. 137).

Reafirmando seu gosto pela escrita, em uma carta datada de 30 de janeiro do ano de 1945 e enviada de Belo Horizonte a Gilberto de Alencar, Matos diz ter vontade de publicar um livro de contos, porém não conseguira ainda pela imensa quantidade de trabalho com o qual estava comprometido. Em contrapartida, na carta datada de 12 de maio de 1946, ele, ao retomar tal assunto, diz que o referido livro já se encontrava pronto, porém o escritor demonstra insegurança quanto à sua literatura, dizendo: “não sei, não acredito que [os contos] sejam bons” (MATOS, [carta] 12 de maio 1946), e acrescenta estar “incerto quanto a sua edição” (MATOS, [carta] 12 de maio 1946). Porém, ao transcorrer mais páginas das íntimas cartas do referido autor, encontra-se uma reafirmação do gosto pelo trabalho da confecção de textos por parte do literato:

Meu caro Gilberto, como a vida corre depois dos sessenta! O que nos vale é este consolo de rabiscar papel. Li no Rilke que a única maneira de viver sem morrer é trabalhar, bem entendido, trabalhar no que a gente gosta. Acenda a sua lâmpada, e escreva, meu amigo, escreva sem parar, como o pássaro canta aí na árvore do seu quintal (MATOS, [carta] 12 de nov. 1956).

Um de seus livros bem elogiados é o de contos cognominado **Casa das três meninas** (1949), em que periódicos da época noticiaram sua publicação, como a revista **Alterosa**, que publicou o seguinte a seu respeito:

¹² De acordo com o **Dicionário da elite política republicana** – verbete ORDEM, A –, **A Ordem** foi uma revista católica publicada mensalmente. Foi fundada no Rio de Janeiro no ano de 1921 tendo em sua direção Jackson de Figueiredo, e foi extinta em 1990 devido a dificuldades financeiras.

Fixando tipos com habilidade invejável, Mário Matos consegue prender o leitor através da fluência do estilo personalíssimo que realiza o milagre de mostrar, como num filme em relêvo, as personagens que movimenta com incrível facilidade, bisturizando-lhes os caracteres e desnudando-lhes, sem preconceito, as almas díspares (A CASA..., **Alterosa**, 1949, p. 151).

Mário Gonçalves de Matos foi, também, diretor dessa revista (além de outras também extintas) juntamente com Miranda e Castro¹³. Em suas publicações, havia conteúdo sobre sociedade, arte, literatura e moda na forma de contos, crônicas, novelas, resenhas e reportagens.

Investigando as informações em jornais, revistas e periódicos em geral da época em que viveu o escritor Mário Matos, encontra-se com frequência seu nome vinculado a atuações como desembargador do Tribunal de Apelação.

Com certa frequência também são encontrados os suntuosos discursos proferidos por ele a fim de homenagear importantes personalidades e colegas da área jurídica, política e literária. Por vezes, Matos discursou no leito de morte de seus companheiros (incluindo os da Academia Mineira de Letras), mas também discursava para receber celebridades ou parabenizá-las por seus feitos.

Como era tão querido em seu espaço conquistado, Mário Gonçalves de Matos estava sempre presente nos meios intelectuais mais afamados de seu tempo, recebendo palavras tão belas quanto as que dedicava a seus companheiros. Foi dessa maneira que Mário Matos foi lembrado após sua morte por meio de notas e verdadeiras declarações afetuosas de amigos e intelectuais da época. Matos não foi somente um significativo jurista, mas também um competente literato, amigo e companheiro, fatos estes que podem se comprovar em diversas publicações a seu respeito, como a registrada no ano de 1939 em **Vida Doméstica**¹⁴:

¹³ Segundo o periódico **Vida Doméstica** em publicação de 1944, “Miranda e Castro, ilustre diretor da revista ‘Alterosa’, que se edita em Belo Horizonte e que é, sem favor, uma das nossas melhores publicações ilustradas” (MIRANDA..., **Vida Doméstica**, 1944, p. 144) é um “espírito dinâmico e trabalhador incansável” (MIRANDA..., **Vida Doméstica**, 1944, p. 144), que “vem prestando com a sua revista, admirável serviço às letras mineiras divulgando obras dos mestres e incentivando os novos” (MIRANDA..., **Vida Doméstica**, 1944, p. 144).

¹⁴ A revista **Vida Doméstica** foi fundada pelo jornalista Jesus Gonçalves Fidalgo, repórter fotográfico do **Jornal do Brasil** e da **Revista da Semana**. O periódico tinha como público-alvo a mulher. Sobreviveu até o início dos anos 1960, atuando em um contexto de expansão das relações capitalistas, de modernização das relações de gênero e de desenvolvimento da cultura de massas no Brasil (CARDOSO, 2009).

Em Mario Matos a palavra escrita não se afasta do amável e atraente tom falado, expositivo, essencial da sua maneira de conversar. E não há narrador que melhor saiba prender, surpreendendo mórmente pela plácida dramaticidade com que encêna os assuntos, fazendo com que êles vivam e impressionem exclusivamente pelos seus fundamentos éticos e nada pedindo á roupagem verbal para lograr os grandes efeitos [...] (UM EXPOENTE..., **Vida Doméstica**, 1939, p. 56).

Esta é a imagem que Mário Gonçalves de Matos transmitiu aos seus contemporâneos e às gerações posteriores à sua. Matos foi um homem que, além de impressionar pelo seu dom da dialética e escrita, era um amigo de grande valor, um jurista retilíneo e exemplar e um exímio poeta das letras mineiras que, ao partir, deixa seu vasto legado de impressionantes obras, poemas, discursos e valorosas publicações para que seja estudado, pesquisado e apreciado, assim como seu correspondente passivo Gilberto de Alencar, o qual será apresentado a seguir.

2.2 GILBERTO DE ALENCAR: um saudosista melancólico

O Pharol, Alterosa, A Manhã, Diário de Notícias. Estes foram apenas alguns dos periódicos em que os contemporâneos do escritor Gilberto de Alencar se acostumaram a ver seu nome impresso. Todavia, a última aparição deste ícone das letras em um jornal não fora, de fato, baseada em parabenizações ou saudosos e elogiosos comentários acerca de sua pessoa ou de suas brilhantes obras. Na realidade, aparecera para decretar em papel o fim de mais uma história de Alencar: a sua própria.

Modesto e retraído, como sempre viveu na província, assim faleceu Gilberto de Alencar. Foi um exemplo de fidelidade ao seu recanto natal Juiz de Fora, onde permaneceu quase tôda a existência, fazendo jornalismo. Prosador de excelentes qualidades foi, durante muito tempo, ignorado do resto do país¹⁵ e, principalmente do Rio de Janeiro, que continua ainda a ser metrópole em matéria de literatura. Só há uns cinco ou seis anos, seu romance “Memórias de Gudesteu Rodovalho”¹⁶ encontrou, aqui, alguns críticos que lhe fizeram justiça, chamando a atenção do público, para o romancista de mérito, cujo renome

¹⁵ Causou estranhamento por parte da pesquisadora observar que o vocábulo **país** não fora acentuado nesta ocorrência, problema capaz de confundir o leitor. Confirmou-se, contudo, que no referido jornal tal verbete encontrava-se assim grafado.

¹⁶ A pesquisadora observou que o referido texto menciona o título da obra de Gilberto de Alencar de maneira equivocada, havendo supressão do termo **sem malícia**. Contudo, houve, aqui, citação direta do jornal, o qual assim apresentava – equivocadamente – a obra **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**.

nunca atravessara as fronteiras de Minas. Foi um ato de justiça, embora Gilberto de Alencar, pela sua fidelidade às letras e à indiferença completa pelo sucesso publicitário, estivesse a merecer muito mais. Em 1959, pela “Itatiaia”, lançou o romance histórico “Tadia é o batizado”¹⁷, que gira em torno da figura de Tiradentes e da Inconfidência Mineira. E pela mesma editora mineira anunciava outro romance “Reconquista”, que infelizmente só aparecerá como publicação póstuma. O nome de Gilberto de Alencar não pode ficar esquecido na história do ficcionismo brasileiro (O FALECIMENTO..., **Correio da Manhã**, 1961, p. 9).

De acordo com o Suplemento Literário do **Diário de Notícias**¹⁸ em 1957, “Gilberto de Alencar nasceu em Minas Gerais, no arraial de João Gomes [...] a 1 de dezembro de 1888¹⁹. Filho do médico e poeta cearense Fernando de Alencar, (primo de José de Alencar). Entrou para o jornalismo, que nunca mais abandonou, em 1905” (LIMA, 1957, p. 3).

Tendo se mudado para Juiz de Fora, inicialmente Gilberto Napoleão Augusto de Alencar²⁰ publicou quadrinhas satíricas para o jornal da cidade. Além de professor de Português e Francês da Escola Normal, Alencar foi membro da Academia Mineira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora. Atuou, ainda, como diretor e redator do jornal **O Pharol**²¹, além de colaborar com outros periódicos (BARBOSA; RODRIGUES, 2002).

Durante muitos anos, Gilberto de Alencar foi um dos colaboradores mais assíduos da revista **Alterosa**, dirigida por Miranda e Castro em parceria com Mário

¹⁷ Como na nota anterior, novamente há equívoco na menção ao nome da obra do escritor Gilberto de Alencar. A referida intitula-se, na realidade, **Tal dia é o batizado**.

¹⁸ De acordo com o **Dicionário da elite política republicana** – verbete DIÁRIO DE NOTÍCIAS (Rio de Janeiro) –, o **Diário de Notícias** foi um jornal carioca diário e matutino fundado em 1930 por Orlando Ribeiro Dantas. Suas publicações tratavam de diversos temas, como política nacional e internacional, economia, cultura entre demais temáticas sociais. Saiu de circulação em 1974, ano em que passou a pertencer ao proprietário Olímpio de Campos, o qual não conseguiu recuperar financeiramente o periódico que já encontrava-se com problemas há mais de uma década devido, principalmente, à compra de uma nova sede.

¹⁹ Ao transcorrer das pesquisas realizadas para o desenvolvimento desta dissertação, notou-se que há controvérsias com relação à data de nascimento de Gilberto de Alencar. De acordo com Barbosa e Rodrigues (2002), o referido autor teria nascido no ano de 1886, assim como registrado em Nóbrega (1982) da coleção **Juiz de Fora**.

²⁰ De acordo com o periódico **O Pharol** (1911) – ACADEMIA Mineira de Letras –, este é o nome completo de Gilberto de Alencar.

²¹ **O Pharol** foi um periódico que teve seu início na cidade fluminense de Paraíba do Sul no ano de 1866, passando, posteriormente, a ser editado em Juiz de Fora em 1870. O jornal contava com inúmeras propagandas, crônicas, notícias, política e até mesmo com anúncios de fugas de escravos. Contudo, o jornal teve seu fim no ano de 1939 (PREFEITURA..., 2005).

Matos – este último seu amigo de correspondências. Em pesquisa realizada, a carta datada de 16 de abril de 1945 enviada a Alencar é a primeira, dentro do lote trabalhado, em que Mário Matos comenta com o companheiro sobre tal revista: “Instituímos aqui na Alterosa a publicação em cada número de uma novela inédita. Vários escritores de nome já foram solicitados para esta colaboração. Venho pedir a sua” (MATOS, [carta] 16 de abr. 1945). De acordo com as investigações da pesquisadora, Gilberto de Alencar, após esta publicação, voltou a escrever para a **Alterosa** após decorridos muitos anos com relação à data desta missiva, tendo recebido, inclusive, um caloroso elogio do parceiro quase uma década depois: “Leio sempre suas crônicas, na Alterosa, onde Você, sendo o último, é o primeiro” (MATOS, [carta] 21 de mar. 1954).

Em sua jornada, Gilberto de Alencar publicou distintas obras, das quais merecem destaque a menção de algumas: **Cidade do sonho e da melancolia** (1926), que suscitou palavras de lisonja advindas de Renato Vianna no periódico **A Manhã**²², dentre elas

[...] um dos mais sinceros livros destes ultimos tempos [...].

[...]

O livro de Gilberto é a defesa eloquente da consciencia nacional pela salvaguarda do subsidio historico, que os nossos congressistas desconhecem.

[...]

[...] o teu livro [...] é a moeda desse oiro immortal, cunhada no inconfundivel estylo que te consagra um dos mais nobres artistas da [...] geração (VIANNA, 1927, p. 6);

Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho (1946), que forneceu a seu autor muitos e importantes elogios “de bons críticos que desejaram que saísse o livro das fronteiras de Minas e para o grande público” (LIMA, 1957, p. 3), sendo “uma obra de admirável sobriedade, de segurança e correção, de bom gosto” (LIMA, 1957, p. 3); **Misael e Maria Rita** (1953), que “alcançou a consagração estadual que era possível, com o prêmio Cidade de Belo Horizonte” (FILHO, 1961a, p. 5) e **Tal dia é o batizado**

²² De acordo com o **Dicionário da elite política republicana** – verbete MANHA, A –, **A Manhã** foi um periódico carioca com publicação semanal. Foi fundado em 13 de maio de 1926 por Aparício Torelly, também conhecido como Barão de Itararé. Contendo sátira política e de costumes, o jornal era composto por seções bem humoradas sobre cotidiano, denúncias, economia, esportes, literatura, noticiário policial e política. Este periódico mantinha sempre um tom irreverente em seus textos, utilizando-se de charges, fotomontagens e fotografias retocadas. Após diversas vezes em que deixou de circular devido a problemas financeiros, em 1952 o semanário deixou definitivamente de ser editado.

(1959), em que “a história de Tiradentes é reconstituída em romance, sem quebra entretanto de sua fidelidade” (ROMANCE..., **Letras e Artes: Suplemento Literário do Diário de Notícias**, 1959, p. 3).

Em todos estes anos de publicações e de escrita incessante, Gilberto de Alencar se correspondeu com Mário Matos, tendo recebido a última carta do parceiro das letras em 09 de dezembro de 1957. Contudo, consta que os literatos sempre mantiveram relações amistosas de alguma forma: três anos antes, segundo a edição datada de 15 de janeiro de 1954 da revista **Alterosa**, Gilberto de Alencar recebe um prêmio de Cr\$ 15.000,00 pelo trabalho de ficção **Misael e Maria Rita**, sendo que, entre os membros da Comissão Julgadora, estava ninguém menos que seu amigo Mário Matos. Tratava-se do Concurso de Literatura **Cidade de Belo Horizonte**, já mencionado anteriormente. Em tal nota, há, ainda, comentários sobre a obra e o autor:

“Misael e Maria Rita” é um romance de costumes mineiros que, além dos louros alcançados no Concurso “Cidade de Belo Horizonte”, vem obtendo calorosos elogios da crítica, a qual o recebe com os mesmos aplausos com que já distinguiu “Memórias sem Malícia de Gudesteu Rodvalho”, o primeiro romance do autor.

Gilberto de Alencar é responsável por uma das mais apreciadas seções da ALTEROSA e nosso antigo companheiro de trabalho. Sua recente vitória, mais uma entre as várias que têm coroado sua carreira literária, vem provocando, em seu círculo de amizades e admiradores, gestos de simpatia e cumprimentos, aos quais aliamos os nossos (PRÊMIOS..., **Alterosa**, 1954, p. 75).

Contudo, a amizade entre os literatos vem de muito antes: em 1912, no jornal **O Pharol**, Alencar fala sobre Mário Matos, “um ‘novo’ de valor” (ALENCAR, G., 1912, p. 1):

O nosso meio literario, incontestavelmente o mais importante do Estado, acaba de adquirir um elemento de primeira ordem na pessoa de Alberto Olavo ou, por outra, na pessoa do distinto moço que teima em se occultar modestamente debaixo do pseudonymo de Alberto Olavo.

Os leitores do *Pharol* decerto já se deliciaram com a leitura dos dois magníficos e eruditos artigos ha pouco publicados por esta folha, o primeiro com o titulo “Ouro Preto e o seu chronista”²³ e o segundo com a epigraphe “Carta aberta”²⁴.

²³ O referido artigo encontra-se na edição datada de 21 de dezembro de **O Pharol** (1912a), na primeira página, assinado por seu codinome OLAVO, Alberto.

²⁴ O referido artigo encontra-se na edição datada de 26 de dezembro de **O Pharol** (1912b), na primeira página, assinado por seu codinome OLAVO, Alberto.

São duas peças literarias de alto valor e que bastam, unicamente ellas, para consagrar como artista de grande merito aquelle que as subscreve. Alberto Olavo revela, a par de um estylo original e encantador, que não fatiga, mas attrahe e prende, uma erudição nada vulgar, um conhecimento nada superficial da literatura moderna e antiga de todos os paizes. E o seu senso critico é igualmente admiravel, como se vê nessas duas paginas por elle traçadas rapidamente, em um momento de folga concedido pelo estudo, a que se entrega, das sciencias juridicas. Mas o que mais admirará aos leitores é saberem elles que Alberto Olavo é quasi uma creança, pois ainda não completou 22 annos.

E' um "novo" de extraordinario valor e que começa triumphando esplendidamente, com os applausos geraes e entusiasticos de todo um meio intellectual como o nosso – que sabe e que pode julgar com criterio e segurança.

E o que acarreta ao digno moço maiores sympathias é a sua modestia.

O saudoso Arthur Azevedo se referiu, um dia, áquelles que, ao começar, procuram acotovelar brutalmente, á cata de um logar, "os que já estão de dentro".

E Arthur escreveu então:

– Oh! Senhores. Entrem, mas não acotovelem os demais... Olhem que ha logar para todos!

Alberto Olavo, cujo nome verdadeiro é Mario de Mattos, é o contrario. E' a modestia em pessoa. O meu distincto confrade e excellent amigo Heitor Guimarães – um dos admiradores de Mario – disse-me ha dias:

– E' um rapaz de peregrino talento. E parece, com o seu ar todo modesto, estar a pedir aos outros desculpas de ser intelligente e de ser invulgarmente illustrado...

E é este recato, este pudor, esta modestia de Alberto Olavo que o torna sympathico e que lhe conquista admirações.

Amigo e camarada de Mario Mattos desde os tempos saudosos da meninice, eu folgo immenso em vê-lo agora a triumphar.

Juiz de Fora deve orgulhar-se de haver trazido para seu meio intellectual mais um vulto de valor, e o *Pharol*, de cuja redacção faço parte, deve desvanecer-se, e desvanece-se de facto, de ter proporcionado ao publico que lê as primeiras rutilantes manifestações do talento artistico de Alberto Olavo (ALENCAR, G., 1912, p. 1).

Querido como, de fato, era (principalmente pela forma carinhosa que utilizava no tratamento com seus próximos, como no exemplo acima), Gilberto de Alencar já fora alvo de condecorações e de belos elogios. Em publicação do periódico **Diário da Noite**²⁵ em 1955, foi registrada uma nota sobre a homenagem que em poucos dias Alencar receberia:

²⁵ De acordo com o **Dicionário da elite política republicana** – verbete DIÁRIO DA NOITE –, **Diário da Noite** foi um jornal vespertino carioca fundado em 1929 por Assis Chateaubriand. Devido à crise financeira que se tornou insustentável, ao final da década de 1950, do grupo **Diários Associados** do qual fazia parte, o periódico chegou ao fim em fevereiro de 1961, mesmo possuindo colaboradores de peso como Nélson Rodrigues, Antônio Maria e Sérgio Porto.

O jornalista Gilberto de Alencar, que está comemorando o seu jubileu nas lides da imprensa, como tivemos ensejo de noticiar, receberá no próximo dia 6 de fevereiro uma das mais significativas demonstrações de apreço, já tributadas em nossa cidade, a um homem de letras.

A importância e a justiça do acontecimento, aliás, devem ser mais uma vez colocadas em realce. Nos seus cinquenta anos de labuta em algumas dezenas de jornais da cidade e de outros Municípios, maioria deles já desaparecida, Gilberto de Alencar, estilista primoroso, dedicou-se, conforme a fase da sua vida e o desenrolar dos acontecimentos, a algumas das mais duras campanhas sustentadas pela nossa imprensa, inclusive à grande campanha civilista pelo grande Ruy Barbosa.

Assim, um banquete se realizará no Palace Hotel que contará com a presença de centenas de pessoas num justo tributo a Gilberto de Alencar (JUBILEU..., **Diário da Noite**, 1955, p. 7).

Em **Gazeta de Paraopeba**²⁶, João Ribeiro de Oliveira, também a fim de exaltar o excelente trabalho que Gilberto de Alencar vinha executando, assim disserta sobre o distinto autor: “Nem tudo está perdido e acabado, nesta terra e pelo Brasil a fora. Ainda existe um Gilberto de Alencar” (OLIVEIRA, J., 1953, p. 2).

Gilberto de Alencar marcou presença por meio de suas obras que até hoje deixam características no cenário da literatura mineira e brasileira. No entanto, é importante lembrar que nem toda a vida literária de Alencar é de conhecimento do grande público. Para que os documentos de um escritor continuem a fazer parte de sua história e da história da literatura em si, eles devem ser preservados e disseminados em instituições que, além de armazená-los, possam higienizá-los e levá-los à pesquisa pública. É por esta razão que se fez necessária a criação de um acervo do referido escritor, em que o registro de acontecimentos de seu tempo pretérito seja permanecido e jamais esquecido mesmo que se passem muitos anos. Estes registros com outros aspectos da jornada do escritor muitas vezes desconhecida devem ser não somente divulgados como também devidamente armazenados. É por meio deste acervo que a memória alencariana e de todos os seus correspondentes ali contidos é preservada. Ao escrever cartas, o poeta preserva, mesmo que sem intencionalidade, a memória literária de um povo ou de uma época, bem como sua cultura, suas tradições, seus costumes, enfim, sua história.

²⁶ **Gazeta de Paraopeba** foi um semanário independente de Villa de Paraopeba, Estado de Minas Gerais. Fundado em 1910 e dirigido por Manoel Antônio da Silva, teve como gerente Lauro Sodré da Silva. O referido periódico contava com, entre demais temas, farta colaboração literária em suas edições (GAZETA..., 1935).

3 ARQUIVOS E EPISTOLOGRAFIA: a preservação da memória

Quero que durante séculos se continue a discutir sobre o que fui, o que pensei e o que senti.

Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord

Quando as recordações [...] apertam, [...] então surge na memória, evocada pela saudade, mais do que pela saudade, evocada pela nostalgia, a mocidade morta mas sempre viva nos escaninhos de delicadas lembranças.

Mário Matos

Devido ao advento da *internet*, pode-se observar que a escrita de cartas não pertence mais ao nosso cotidiano nos dias atuais. Segundo a obra **Janelas indiscretas** de Eneida Maria de Souza (2011, p. 41), “é forçoso lembrar que esta prática de lidar com os manuscritos começa a perder sua utilidade e prestígio [...] pela ação dos novos instrumentos da escrita [...]”. Contudo, elas já foram um essencial meio de comunicação, com várias formas e modelos, em todos os locais de que se têm notícia de seu uso. Embora sua escrita tenha caído em desuso, existem incontáveis epístolas que estão sendo utilizadas para a busca de informações pertinentes ao campo literário, biográfico e histórico, enfim, com o intuito de se acrescentar novos dados que até então os estudos não foram capazes de fornecer.

Muitos escritores renomados, artistas, filósofos e todos os tipos de personalidades deixaram suas cartas, as quais nos transmitem todo o sentimento que fora impregnado no suporte papel daquele que o remetera a outrem. Por meio de seus relatos, podemos percorrer os locais pelos quais os signatários estiveram, bem como nos deparar com as características da época, dos costumes e das sociedades inseridas naquele contexto específico. Dentro do lote de cartas aqui estudado, pode-se verificar esta questão em alguns momentos distintos. Ao observar, por exemplo, as cartas datadas de 21 de março de 1954 e de 19 de dezembro de 1955, nota-se que Matos expõe uma situação que ocorrera na referida época: o número assustador de crimes que ocorriam bem como a quantidade avassaladora de processos demandados assustaram-no, levando-o a relatar para o amigo e, conseqüentemente, registrar

documentalmente tais fatos. Com relação, ainda, às abordagens socioculturais levantadas nas missivas deste lote epistolar, salienta-se a carta de 22 de março de 1957, em que o remetente fora acometido por um súbito mal-estar e procurou, primeiramente, **remédios caseiros e benzeduras de uma preta velha analfabeta**; apenas depois de constatar que não havia obtido resultado, procurou por auxílios médicos. Tais relatos possibilitam que o leitor e o pesquisador desta correspondência tenham uma melhor e maior compreensão, por parte, do contexto em que os signatários estavam inseridos.

Com esta preocupação, surgiu então a teoria da Crítica genética na década de 1960, na França, com o desejo de compreender melhor o processo de criação artística, preocupando-se “[...] com os textos inéditos, com as correspondências dos autores e com a história da obra em si mesma” (SOUZA, A., 2009, p. 287). Seu objetivo é estudar como se dá o nascimento de um texto, sua fabricação, desde os primeiros rascunhos, desde os primeiros manuscritos. Inserida nesta premissa, a carta, sendo de fato um documento manuscrito, é estudada como um viés desta teoria, a qual será utilizada nesta pesquisa.

Ao se dissertar sobre as missivas, cabe ressaltar alguns aspectos acerca da utilização das informações nelas contidas como fonte de pesquisa literária.

Um dos primeiros pontos que se deve mencionar ao trabalhar com epístolas é com relação à posse da carta: a quem ela, de fato, pertence? Para Philippe Lejeune (2008, p. 251), “uma vez na caixa [dos correios], a carta passa a pertencer ao destinatário. Uma vez postada, reavê-la significa roubar”. Contudo, vale ressaltar que ela pertence, intelectual e moralmente, ao seu redator, enquanto o documento físico pertence ao receptor da missiva. No momento em que o proprietário vai a óbito, seus herdeiros passam a ter os mesmos direitos que o antigo dono tinha acerca do documento epistolar; contudo, o exercício desse direito é limitado. “Na medida em que uma carta desvela a vida privada, toda pessoa envolvida (o autor, o destinatário ou terceiros) pode se opor à divulgação e à publicação (Código Civil, artigo nove)” (LEJEUNE, 2008, p. 257). Para exemplificar esta questão, pensemos no lote que está sendo estudado aqui, o qual refere-se às epístolas que foram escritas pelo correspondente Mário Gonçalves de Matos enviadas ao escritor Gilberto de Alencar.

Este último mencionado, ao falecer, deixou tais documentos guardados, os quais foram recolhidos por seus herdeiros e doados, então, a uma instituição que pudesse melhor armazená-los, preservá-los e, em sequência, levá-los a público. Para tal realização, todos os envolvidos nas missivas têm o direito de questionar a explanação do conteúdo, já que a carta possui o efeito de revelar situações muitas vezes desconhecidas pelos próprios entes. Neste caso em especial, como a discussão literária é o assunto mais encontrado, é provável que nenhum dos citados tenha se colocado em oposição de sua divulgação, o que facilitou todo o acesso a este lote e, por conseguinte, a confecção desta pesquisa.

Outro ponto que se deve levar em conta quando se trata de epístola está relacionado à elaboração do documento físico, que, sendo manuscrito, pode, portanto, vir acompanhado por rasuras, podendo dificultar, porventura, a compreensão daquele que o lê. Walnice Nogueira Galvão acredita que “bem antes do advento da caneta-tinteiro, como usavam canetas e tinteiros separados, era comum que houvesse borrões, porque a tinta respingava, favorecendo o tradicional ‘desculpe os erros e os borrões’, no final das cartas” (GALVÃO, 2008, p. 16).

Walnice Galvão (2008) ainda assinala outro fator comumente encontrado nas epístolas: o distinto estilo de escrita. Tratava-se de uma maneira mais formal, já que não havia certeza de que tão somente o destinatário leria a missiva, além de o remetente preocupar-se com o fato de ela ser um documento e, portanto, ficar registrado por um tempo inestimável.

Um elemento com o qual devemos nos atentar é quanto à veracidade do que vem escrito numa carta. Galvão (2008, p. 26) questiona: “Quando é que a carta deixa de ser documento histórico e passa a ser construção literária? Como saber se a pessoa está inventando?” Tais questões nos levam à reflexão do que se considera, portanto, ficção e não-ficção e qual a relevância destes conceitos no estudo da epistolografia; no entanto, este é um aspecto que não será contemplado nesta pesquisa.

Por se tratar de um elemento físico, há uma natural dificuldade para realizar pesquisas em epístolas, pois o objeto de estudo pode, facilmente, ter se perdido, ter sido destruído ou, simplesmente, estar arquivado em algum local desconhecido pelo pesquisador. É por este motivo que se faz necessário o arquivamento e correto

armazenamento das missivas de um determinado autor. Neste trabalho, tal dificuldade foi localizada: conforme já mencionado, houve pesquisa por informações sobre o acervo de Mário Matos em diversas instituições; contudo, não se tem conhecimento do destino das missivas que o referido autor recebera.

De acordo com a estudiosa Eliane Vasconcellos (2014a, p. 7), deve-se observar “[...] a importância da guarda dos arquivos pessoais, pois neles é que se encontram os manuscritos que nos possibilitam realizar edições fidedignas, críticas e genéticas não só na área literária, mas também em outras áreas do conhecimento”. Segundo a autora (2008), também se deve ressaltar a existência e relevância das normas e regulamentações acerca do armazenamento deste conteúdo extremamente pessoal que, como já citado, tem seus direitos reservados aos herdeiros dos signatários após o falecimento. Desta forma, para que uma instituição pública ou privada obtenha a guarda dos documentos derivados de um escritor, é necessário que seus herdeiros os disponibilizem. No entanto, a instituição detentora da guarda não possui direito de publicação, de acordo com o artigo 153 do Código Penal, mas, após 70 anos do falecimento do autor, o documento se torna de domínio público (VASCONCELLOS, 2008).

É notória a importância do arquivo para a pesquisa e, para tal, o pesquisador é o responsável pela realização da busca nestes acervos onde estão depositadas as fontes, ou seja, o objeto de pesquisa. Consoante Vasconcellos (2008, p. 384),

Durante muito tempo, a correspondência permaneceu sepultada nos arquivos públicos ou privados e recentemente passou a ter valor como fonte primária. Os pesquisadores têm-se conscientizado de que podem encontrar nela dados relevantes, além de ser um importante documento para revelar o processo criativo.

É por meio da análise do conteúdo de um arquivo que o pesquisador pode começar a compreender e conhecer a trajetória do autor, o local em que viveu, as pessoas com quem se relacionou, o período histórico, os sentimentos e, até mesmo, em alguns casos, o processo de criação de obras. Segundo Vasconcellos (2014b, p. 83), “cartas, documentos e [...] todos os traços materializados do processo de criação

que nos permitem estabelecer a trajetória da obra de um intelectual têm um valor incalculável, por fazer parte de sua história pessoal, [...] de seu país e de sua época”.

A prática arquivística é, muitas vezes, notada nos autores como um hábito de armazenar cartas, papéis, rabiscos e anotações, em que ele acaba se arquivando e preservando, assim, sua memória. Marques (2003), ao abordar uma das cartas de Drummond endereçada a Abgar Renault, diz que

É interessante observar [...] como um alimenta o arquivo do outro, enviando recortes de jornais com as publicações do amigo, entre outras coisas. [...] Trata-se de uma dupla operação de arquivamento, por meio da qual o escritor executa uma série de práticas arquivísticas, constituindo arquivos literários, e, ao mesmo tempo, se arquivava. Ou seja, constrói sua imagem de autor e preserva a memória de sua formação e relações afetivas e intelectuais (MARQUES, 2003, p. 142).

Reinaldo Marques (2003, p. 149) complementa, ainda, que “arquivando, o escritor deseja escrever o livro da própria vida, [...], mas como é impossível arquivar nossas vidas [...], os arquivos apresentam um caráter lacunar, de inacabamento”.

Mesmo que, por vezes, seja de maneira inconsciente, o ato de arquivar preserva a vida e a obra de um autor. Ao optar por arquivar uma carta, objeto maior desta pesquisa, ou quaisquer outros documentos ao invés de destruí-los, o autor está mantendo registradas a memória cultural, política, intelectual, artística e pessoal daquele momento enquanto aqueles elementos físicos existirem. A consequência de tal ato é a questão da preservação, às vezes, por séculos, de sua própria imagem e também a de seu signatário e, conseqüentemente, acaba por deixar vivo seu legado para que as gerações futuras o conheçam e até vivenciem tempos anteriores ao seu por meio destas leituras tão construtivas e contribuidoras. É esta premissa que se remete à importância dos museus de literatura, sua utilização para pesquisa, sua preservação e disseminação.

Em adição, conforme assinala Reinaldo Marques (2003, p. 143), os acervos “[...] compõem-se de biblioteca, correspondência, documentos pessoais, originais manuscritos e/ou datilografados, fotografias, esculturas, pinacoteca e mobiliário, que reconstituem a vida intelectual dos respectivos titulares”. Por armazenarem

praticamente toda a vida conhecida de um autor, os acervos se mostram fundamentais para que o pesquisador possa compreender melhor o seu objeto de pesquisa.

Segundo o que constata Vanilda Alvarenga (2014, p. 271), os documentos desenvolvidos por um escritor durante sua vida “[...] estão, atualmente, sendo depositados em instituições públicas como museus e instituições de importância literária. São recolhidos e guardados no fundo arquivístico do titular em questão”.

Para que tais elementos sejam mantidos em um estado propício para a pesquisa, faz-se necessária a aplicação de técnicas e tecnologias para sua preservação. Assim que uma instituição recebe o acervo de uma personalidade, ela adquire a obrigação de preservá-lo, já que, consoante o Conselho Internacional dos Museus (ICOM), “[...] os museus têm como função a guarda, a preservação, o estudo e a difusão de acervos, com a finalidade de promover a reflexão” (SILVA, S., 2011, p. 256).

De acordo com Sérgio Silva, “por preservação entende-se toda a ação que destina a salvaguardar ou a recuperar as condições físicas e proporcionar permanência e durabilidade aos materiais dos suportes que contêm a informação” (SILVA, 1998, p. 9 apud SILVA, S., 2011, p. 245). Assim sendo, cabe à instituição onde se encontra o arquivo pessoal do escritor zelar pela longevidade e integridade do documento para posteriores realizações de pesquisas e exposições.

Além da preservação, os museus têm a responsabilidade de promover o estudo e pesquisas acerca desses acervos. No entanto, tal dever não é exercido por todas as instituições, como afirma Claudia Reis (2011, p. 260) na revista **Verbo de Minas**: “na maioria dos museus de Literatura um enorme potencial resta sem estudo e sem a documentação adequada pela simples decisão, perpetuada até os dias de hoje, de não se aplicar ao acervo museológico as regras e técnicas essencialmente museográficas”. Reis (2011, p. 263) afirma, ainda, que um museu “[...] tem como etapa constitucional a visitação – a exibição ao público do seu acervo, por meio de um circuito permanente de exposições temporárias”.

Tal constatação nos permite concluir que é desta forma que a mencionada instituição angaria novos adeptos, é por meio da permissão da visitação que o museu torna-se capaz de disseminar a informação e realizar seu papel cultural junto da sociedade.

Assim como a visitação, os museus que permitem a realização de pesquisa em seu material arquivado propiciam um ambiente convidativo a novos visitantes – neste caso, interessados no potencial para a pesquisa que talvez se encontre dormente na instituição. Este potencial pode estar presente em arquivos pessoais de personalidades em forma de obras inacabadas, rascunhos, objetos pessoais e epístolas que podem estar guardando preciosas informações, há muito tempo escondidas, por seus antigos detentores.

Acerca desta temática, deve-se apresentar brevemente a instituição utilizada para esta pesquisa. Conforme já elucidado, o Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) situa-se em Juiz de Fora, e é administrado pela Universidade Federal desta mesma cidade. O MAMM abriga a biblioteca e a coleção de artes visuais do escritor Murilo Mendes, buscando ampliar a compreensão do poeta com as artes e assegurando continuidade e expansão de seu legado. Conta, ainda, com acervos de outros nomes da literatura mineira, conforme já mencionado nesta dissertação, incluindo o de Alencar, o detentor da principal fonte de pesquisa primária consultada para a execução desta dissertação.

Ao trabalhar com epístolas, os primeiros elementos com os quais nos deparamos, mesmo que inconscientemente, são os relatos, opiniões e descrições de acontecimentos pessoais e históricos de uma época pela ótica do autor da carta. Para tal, constata-se a relevância de estudar o conceito que abrange os mencionados elementos: afinal, o que se entende por **memória**?

Começemos por meio de uma observação feita por Mário de Andrade:

[...] as cartas são sempre uma espécie de memórias desde tenham alguma coisa mais nuclear e objetiva que arroubos sentimentais sobre o espírito do tempo. E as memórias em carta têm um valor de veracidade maior que o das memórias guardadas em segredo pra revelação secular futura. É que o amigo que recebe a carta pode controlar os casos e as almas contadas (ANDRADE apud MORAES, 2007, p. 117-118).

Mário de Andrade apresenta uma visão romântica da memória, afirmando que as memórias guardadas em cartas possuem um tom verídico maior devido ao caráter documental que a epístola possui, o que permite futuras revelações pelo remetente. Já

Michael Pollak, em seu estudo sobre memória, apresenta uma visão mais ampla acerca dela, dividindo-a em individual e coletiva. Para Pollak (1992, p. 201),

[...] a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. [...] [Ela] deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuação, transformações, mudanças constantes.

No entanto, Michael Pollak (1992, p. 201) destaca ainda que: “[...] devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis”.

Desta forma, devem-se esclarecer quais são os elementos que constituem cada um destes tipos de memória. Michael Pollak ressalta que o que define a memória individual “[...] são acontecimentos vividos pessoalmente” (POLLAK, 1992, p. 201), enquanto no caso da memória coletiva “[...] são os acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (POLLAK, 1992, p. 201). Pollak ressalta, ainda, que a mesma situação ocorre com pessoas ou personagens com que nos deparamos ao longo da vida, nossos conhecidos de fato ou não: “[...] também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que por assim dizer, se transformam quase que em conhecidas” (POLLAK, 1992, p. 201). Michael Pollak também cita como exemplo das diferenciações entre memória individual e coletiva a questão dos lugares. No caso da memória individual, o autor esclarece:

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser por exemplo um local de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independente da data real em que a vivência se deu (POLLAK, 1992, p. 201-202).

Já no caso da memória coletiva, Michael Pollak aponta o caso em que um indivíduo se identifique com um local longínquo devido a uma memória do grupo ao qual ele pertença. Isto ocorre, por exemplo, com uma pessoa de determinada etnia que

pertença a um grupo (família, por exemplo) de outra nacionalidade, que acaba carregando consigo a memória coletiva do grupo ao qual pertence por tabela (POLLAK, 1992). Assim sendo, pode-se dizer que esta memória coletiva possui elementos correlacionados à questão afetiva do grupo que a carrega, já que são estas características que serão resgatadas ou lembradas por ele (FOGAÇA, 2014).

Diante do exposto, percebe-se que a memória é seletiva e, conforme afirma Pollak (1992, p. 203), “nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”. O referido autor ainda nos explica que a memória coletiva, neste aspecto, é mais organizada que a individual, e que a memória nacional é ainda mais organizada, já que, por diversas vezes, é manipulada para atender aos anseios políticos. Conclui, assim, que “[...] a memória é um fenômeno construído” (POLLAK, 1992, p. 203).

A presente pesquisa observou tal fenômeno na carta datada de 21 de março de 1954, em que Mário Matos menciona, com carinho e saudosismo, a terra onde viveu nos tempos de infância – Dores do Indaiá. Tal memória do referido autor fora evocada devido à leitura do romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho** de seu correspondente, citando momentos distintos de suas lembranças nostálgicas, conforme já observado no capítulo **MEU CARO AMIGO**.

Michael Pollak aborda, também, a questão da identificação de um indivíduo decorrente do grupo ao qual ele se enquadre. Explica que trata-se da “[...] imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si [...] para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer [...] pelos outros” (POLLAK, 1992, p. 204). É possível afirmar que a memória tanto individual quanto coletiva é um elemento que constitui o sentimento de identidade, já que ela revela questões a respeito do “[...] sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 204). Contudo, deve-se ressaltar que, para que estas características sejam firmadas, há um outro elemento que se faz presente neste aspecto: **o outro**. A este respeito, Michael Pollak (1992, p. 204) assim se posiciona: “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros”. Conclui-

se, portanto, que não seria possível formular uma imagem de si mesmo se não se levasse em consideração as transformações em si geradas pelos outros.

3.1 EDIÇÃO DE FONTES

Para que se inicie uma abordagem com relação à fonte primária e histórica que foi estudada nesta dissertação – a correspondência pessoal –, verifica-se a necessidade do esclarecimento do que de fato se entende por **fonte histórica**. A este respeito, o autor José D'Assunção Barros (2012) nos esclarece tratar-se de tudo aquilo que nos leva à compreensão do passado, todos os documentos que possam fornecer um testemunho do que foi vivido um dia e que podem se revelar de extrema importância para nosso presente. Assim sendo, estão inseridos em fontes pessoais documentos textuais como crônicas, memórias, registros cartoriais, processos criminais, cartas legislativas, obras de literatura, autobiografias, correspondências públicas e privadas, entre outros; contudo, o que nos interessa para o presente estudo é este último item: as correspondências.

O caráter documental e histórico que as correspondências possuem nos permite conhecer mais detalhadamente a época, a sociedade, os hábitos, a literatura, a política, entre outras inúmeras questões em que uma determinada personalidade esteve inserida, o que vivenciou e o que registrou. É o mesmo caso que ocorre com outros textos de cunho pessoal, como os diários e as autobiografias, nos quais são registradas sentenças que nos permitem chegar a locais nunca antes adentrados, uma vez que são descritos de forma exclusiva e única pelas mãos de alguém que considerou importante registrá-los da maneira como o fizeram. Verifica-se, portanto, que “A carta trata-se [...] de um texto múltiplo, que condensa em si outros gêneros [...] e possibilita leituras variadas, auxiliando no desvendamento da obra literária do escritor” (QUEVEDO, 2014. Não paginado).

O gênero epistolar tem suas origens na Antiguidade, tendo Demetrius como autor de um dos primeiros manuais epistolográficos do mundo ocidental. Nele, Demetrius “[...] aconselhava que a sinceridade, a coerência e a clareza deviam ser observadas de tal forma que do conjunto ressaltasse uma impressão agradável e

singularizante”. Insistia, ainda, que “[...] uma correspondência deve ser o resultado de uma elaboração do espírito traduzido em idéias, com imagens elegantes e coerentes” (SANTOS, Matildes, 1998, p. 27-28).

Matildes Santos (1998) afirma, ainda, que as epístolas teriam surgido, de fato, entre os romanos, sendo compostas em forma de verso, em que o poeta adotava o tom de quem escreve uma carta a um amigo ou a alguma personalidade. Seus conteúdos estavam relacionados à moral, à política, à literatura etc. Contudo, com o decorrer dos séculos, a carta foi tomando formas e modelos diferenciados, a saber: no século XI fora de caráter comercial; no Renascimento era escrita em verso; durante o século XVI possuía um tom descritivo, o que se seguiu no século XVII com o modelo informativo, passando a ganhar projeção pública e, como extensão destas missivas noticiosas, no século XIX surgiu a carta aberta, a qual direcionava suas palavras a um alvo específico a fim de atingi-lo ou de atraí-lo.

Com tudo isso, faz-se importante mencionar que foi apenas em 1978 que a Lei 6.538, definidora do gênero carta, apareceu. Ela afirma que a missiva é “[...] um objeto de correspondência, com ou sem envoltório, sob a forma de comunicação escrita, de natureza administrativa, social, comercial, ou qualquer outra, que contenha informação de interesse específico do destinatário” (VASCONCELLOS, 2008, p. 381).

A carta é constituída por um texto que “[...] ilumina fatos e acontecimentos, oxigena impressões, deixa entrever sentimentos, revela experiências e tendências, com a clareza que deveria ter uma confissão” (QUEVEDO, 2014. Não paginado). Ela contém informações não apenas sobre o remetente, como também abre brechas para que se conheça melhor o destinatário por meio de elogios, críticas e observações daquele que direciona suas palavras (SANTOS, Matildes, 1998), aspectos confirmados por Marcos Antonio de Moraes na obra **Orgulho de jamais aconselhar** (2007), que, citando Mário de Andrade, importante missivista de nossa literatura, afirma: a carta “socializa, aproxima os indivíduos e cultiva a amizade” (MORAES, 2007, p. 111).

De acordo com Matildes Demétrio dos Santos (1998, p. 294), constata-se que

[...] a correspondência literária tem configurações particulares, oferecendo, portanto, matéria substancial para uma reflexão sobre um estilo diversificado, de conteúdo ilimitado. O senhor da carta, submetendo-se à visão de um destinatário escolhido, garante o trânsito, a aproximação ou o distanciamento com a matéria narrada. Com isso, o texto marcha pela verossimilhança, abre lacunas, se ficcionaliza.

Observa-se, portanto, que este gênero constitui-se de ricas fontes de informações sobre signatários, terceiros citados nas epístolas, o processo de escrita etc. Porém, segundo Moema Mendes (2016), compreender o conteúdo de uma missiva não é suficiente para que se delimite uma ideia única e definitiva sobre os correspondentes. Trata-se, enfim, de “[...] ter a possibilidade de construir esta imagem a partir das informações contidas nas cartas relacionando-as com a[s] produções literárias de cada correspondente” (MENDES, M., 2016, p. 25-26).

No decorrer deste trabalho epistológico, pode-se observar tal fenômeno com clareza em determinadas ocasiões. Ao mencionar, raras vezes, sobre sua escrita/produção literária, Matos se mostrou inseguro quanto à qualidade de seus textos, o que caracteriza um traço de sua personalidade. Outro elemento constatado fora a ansiedade relatada por Matos sobre Alencar: GA, aparentemente, demonstrou ao correspondente certa impaciência em esperar opinião acerca de seu romance, o qual estava sendo lido por MM. Exemplos como estes mostram que informações contidas nas cartas permitem ao leitor do lote epistolar conhecer aspectos particulares dos signatários, podendo, inclusive, analisar a personalidade dos indivíduos e, então, traçar um perfil distinto de cada correspondente.

Torna-se implícito, portanto, o fato de que as cartas possuem destinatários fixos, os quais foram escolhidos pelo remetente a partir daquilo que este quer expor. Nesta escolha, aquele que envia elege as palavras que melhor se adequem ao seu destinatário, levando em consideração as possíveis reações e, conseqüentemente, respostas daquele. Neste sentido, Marcelo dos Santos afirma que a troca de carta é uma **inter-relação**, “[...] pois o espaço da correspondência sempre é uma via de mão dupla” (SANTOS, Marcelo, 2011, p. 150).

Segundo Moema Rodrigues Brandão Mendes (2016, p. 23), na epístola “há coisas ditas [...] que são extremamente de foro íntimo, mas que não podem ser

negadas, pois estão escritas, registradas, despidas de cerimônias, acatos e recatos”. É neste contexto que se insere a questão de as cartas tornarem-se ou não públicas. De um lado, o remetente expressa opiniões, inquietações, revela segredos e conta intimidades que porventura não gostaria que fossem divulgadas; de outro lado, tem-se “[...] um documento rico de informações históricas, biográficas, literárias e artísticas” (VASCONCELLOS, 2008, p. 381) que não se podem ser descartadas. Para tal, fez-se necessária a criação de leis que assegurassem os signatários quanto ao conteúdo divulgado de suas missivas.

Dito isso, pode-se compreender que, ao estudar, analisar e publicar cartas, documentos por diversas vezes tão pessoais, imprescindíveis cuidados devem ser tomados quanto à exposição de seu conteúdo, já que, diferentemente das obras já publicadas pelos autores, as cartas tratam diretamente dos bastidores. A pesquisa epistolar pode trazer à discussão elementos e nuances que, para o preenchimento das lacunas históricas, biográficas e literárias, sejam de fundamental importância, mas que, para o objeto de estudo – o signatário –, provavelmente tiveram motivações para se manter em segredo por todo este tempo.

Deve-se ter noção de que o conteúdo das epístolas não pode ser sempre tomado como verdadeiro, apesar de nos deixar tentados quanto a isso. De acordo com Moraes (2009, p. 116), “na teoria e nos estudos literários, a carta/texto tanto pode ser ‘material auxiliar’, ajudando a compreender melhor a obra e a vida literária, quanto ‘escritura na qual habita a ‘literariedade’”. O autor afirma, ainda, que “uma carta, para ser compreendida de maneira mais abrangente em uma pesquisa, deve ser tomada dentro de um contexto histórico e emocional. A mensagem epistolar não é apenas um assunto, mas uma (sutil) estratégia de persuasão” (MORAES, 2009, p. 124). Como exemplo, deve-se verificar a carta datada de 16 de abril de 1949, em que, por meio de um telegrama, Matos solicita que Alencar vote em Joaquim Thomaz para uma vaga na Academia Mineira de Letras.

Assim, para efeito de pesquisa, as epístolas se mostram reveladoras, já que expõem segredos (às vezes até íntimos) dos signatários, bem como revelam códigos sociais de quem escreve, seus pensamentos, projetos, afeições, testemunhos, convicções, experiências e, inclusive, diferentes personas – já que “o remetente

assume ‘papéis’, ajusta ‘máscaras’ em seu rosto, reinventando-se [...] diante de seus destinatários” (MORAES, 2009, p. 116). Estes aspectos tornam a missiva um maravilhoso instrumento de pesquisa, sendo, “[...] assim, território fértil para estudos biográficos, biografias intelectuais e perfis, dirigidos à ampla (e diversificada) gama de leitores” (MORAES, 2009, p. 117). Diferentemente de obras públicas, elas trazem consigo peculiaridades que fazem com que a pesquisa se torne mais rica, devido a estes elementos nelas encontrados, e desafiadora, graças ao cuidado já mencionado que se deve ter com a veracidade do que está ali escrito, com os segredos dos signatários e com os demais fatos abordados. Legitima-se, assim, a importância e a responsabilidade do trabalho epistolográfico.

Contudo, pelo fato de as epístolas serem documentos datados, com linguagem e termos relacionados à época em que foram escritas, a pesquisa nelas necessita seguir certos critérios pré-estabelecidos. Ao elaborar a edição das fontes epistolográficas, são definidos critérios e normas para que os pesquisadores possam compreender, sem maiores dificuldades, o que está sendo exposto.

3.2. CRITÉRIOS ESTABELECIDOS PARA A ELABORAÇÃO DA EDIÇÃO DE FONTES

A correspondência trocada entre os missivistas foi transcrita na íntegra, acompanhada de notas explicativas ou fontes e obedeceu aos seguintes critérios:

1. As cartas foram numeradas de 1 a 18 para efeito de índice;
2. foi informado, em fonte Arial 12 antes de cada correspondência, o número da missiva em relação ao lote completo (1/18, 2/18, em sequência, para efeito de índice) seguido das abreviaturas do remetente, Mário Matos (MM), e do destinatário, Gilberto de Alencar (GA), seguidos do número do registro catalográfico desta correspondência, de acordo com a organização arquivística do Centro de Pesquisa do Museu de Arte Murilo Mendes – MAMM, em Juiz de Fora, que detém a custódia deste acervo literário;
3. foi elaborada a descrição física do manuscrito após as informações contidas no critério 2 e registradas em Arial 12;

4. a transcrição das cartas foi atualizada de acordo com as novas regras de acentuação gráfica e ortografia, o que não ocorreu com a transcrição de periódicos, a fim de valorizar a memória linguística;
5. foi respeitada a pontuação original;
6. foi preservada a linguagem coloquial;
7. foram preservados os trechos grifados;
8. foram mantidos os sublinhados em palavras ou expressões;
9. foi registrada, em folhas separadas, a correspondência com suas respectivas fontes;
10. foram, os textos, transcritos na íntegra;
11. foram, as abreviaturas, desdobradas;
12. foram registradas, em Arial 12, as notas ou fontes inseridas em cada missiva, já que as mesmas constituem o fundamento do objeto de estudo;
13. foram preservadas as rasuras do escritor. Em suas devidas ocorrências, estão dispostas gravuras semelhantes a elas;
14. quando houve gravuras entre os textos, o espaçamento entrelinhas foi alterado de acordo com o tamanho da imagem;
15. foi informada em cada nota a referência de consulta a fim de respeitar a exigência de um texto acadêmico resultado de uma pesquisa *Stricto sensu*;
16. palavras ininteligíveis como, por exemplo, **coigir** - Carta 8 -, serão registradas entre chaves;
17. o [sic] será utilizado para identificar possíveis desvios em relação ao uso adequado do padrão culto da língua/linguagem em suas raras ocorrências como na Carta 13.

3.3. AS CARTAS E AS NOTAS

Carta 1

Nota de transcrição da carta 01/18.

MM a GA

Lote: 1939 a 1957.

Ano: 1939.

MAMM 814/2010.

A dimensão do documento é de 16,4 cm de largura x 22 cm de comprimento; não possui pautas; cor bege; há marca de clips na parte de trás da segunda folha; há marca d'água em pequenos leques; folhas com marcas de dobras; papel timbrado com emblema e o nome do Gabinete dos Ministros do Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais; 2 folhas; documento manuscrito.

Meu caro Gilberto,

Recebi sua carta. Estou pronto a auxiliar, no que me for possível, a realização da ideia de erguer-se um monumento ao nosso inolvidável Belmiro¹.

O presidente da Academia² vai ser o Anibal³, mas todos os acadêmicos dão inteiro apoio ao movimento. Em sessão que breve se efetuará, oficializará o apoio⁴.

Pode assinar, em nome, na lista a seu cargo, em meu nome individual, 200\$000. Aqui, estou com a ideia de abrir uma lista entre os meus amigos, que depois lhe mandarei.

Vou pedir aos jornalistas e cronistas que escrevam sobre o assunto⁵.

Minha visita a todos os seus.

Um abraço do
velho amigo

Mario Matos

B.H^{te}. 9.5.939

¹ De acordo com pesquisas em periódicos desta época, foram localizadas informações de que o **Belmiro** a que se refere Mário Matos nesta missiva é Belmiro Braga. São inúmeras as matérias que tratam da questão de se erguer um monumento dedicado a

Belmiro Braga, mesmo havendo relativamente pouco tempo decorrido de seu falecimento. Com relação ao monumento mencionado, foram localizadas publicações em diferentes periódicos da época referentes a ele, e optou-se por anexá-las a título de confirmação, pois as informações eram incertas à época da escritura desta missiva (ANEXO A).

² Trata-se da Academia Mineira de Letras, a qual fora fundada em 1909 na cidade mineira de Juiz de Fora e, anos depois, teve sua sede transposta para a Rua da Bahia, na cidade de Belo Horizonte (ACADEMIA..., **Ilustração Brasileira**, 1936).

³ A pesquisadora concluiu que se trata de Aníbal Matos, professor contemporâneo de MM e GA. Tal conclusão se deu de acordo com inúmeras pesquisas realizadas em periódicos diversos da referida época, na tentativa de se encontrar o nome **Aníbal** correlacionado à Academia Mineira de Letras. Para tal, a pesquisadora buscou em anos distintos a ocorrência deste nome em muitas edições, tendo encontrado algumas informações pertinentes: os anos de 1933 e 1934 foram marcados pela presidência de Aníbal Matos na AML; nos 5 anos seguintes, quem a presidiu foi Mário Matos; contudo, nesta carta datada de 1939 – ano em que MM ainda presidia a referida instituição –, Mário Matos menciona o fato de que Aníbal seria o próximo representante desta Academia e, por fim, em abril de 1940, de fato, no jornal **A Noite** aparece o nome de Aníbal Matos como sendo o atual presidente da Academia Mineira de Letras (NONO..., **A Noite**, 1940). Portanto, o **Aníbal** que Mário Matos acreditava ser o sucessor de seu cargo na Academia Mineira de Letras só poderia ser o já citado Aníbal Matos, questão, enfim, confirmada no periódico mencionado. Contudo, mesmo que este dado tenha sido obtido nesta pesquisa, vale ressaltar que também houve procura por informações como estas mediante ligações telefônicas para a AML, a qual nos forneceu a seguinte resposta: entre os anos de 1936 e 1942, esta instituição não possui registros de seus presidentes.

Importa, ainda, explanar de maneira sucinta a biografia deste distinto homem das letras, Aníbal Matos.

Nascido em Vassouras (RJ), trabalhou pela cultura, literatura e pintura de Minas Gerais. Recebeu vários prêmios como pintor, escritor e teatrólogo. Em determinada época de sua vida, dedicou-se, ainda, à arqueologia e à paleontologia (SILVA, A., 1948). Dentro de muitas de suas conquistas, pode-se ressaltar que fora presidente da Sociedade Mineira de Belas Artes e da Academia Mineira de Letras e também membro do Conselho Nacional de Belas Artes. Autor de diversas obras, destacam-se as peças **Anitta Garibaldi**, **Barbara Heliodora** e o poema dramático **Dona Maria de Sousa (O FRACASSO...**, **Diário de Pernambuco**, 1934).

⁴ Em todas as ocorrências encontradas sobre este assunto, a pesquisadora buscou pelo nome de Aníbal Matos para se certificar de que, de fato, ele havia oficializado o apoio à construção desse monumento; contudo, seu nome não apareceu veiculado ao referido tema em nenhuma das ocorrências pesquisadas. Não se pode afirmar, entretanto, que o acadêmico não tenha apoiado o projeto.

⁵ De acordo com buscas realizadas pela pesquisadora, observou-se que o referido assunto fora apresentado em diversos periódicos desde o surgimento da ideia, perpassando pelos preparativos e adesões de importantes nomes e instituições até sua realização de fato. Dentre os jornais que publicaram sobre este monumento, estão **A Noite**, **Jornal do Brasil**, **Jornal do Comércio**, **Correio da Manhã**, **Diário de Notícias**, **O Imparcial** e **A Batalha**, todos do Rio de Janeiro.

Carta 2

Nota de transcrição da carta 02/18.
MM a GA
Lote: 1939 a 1957.
Ano: 1939.
MAMM 815/2010.

A dimensão do documento é de 16,7 cm de largura x 21,9 cm de comprimento; não possui pautas; cor bege; folha com marcas de dobras; papel timbrado do Gabinete do Secretário do Interior do Estado de Minas Gerais; 1 folha; documento digitoscrito.

Em 10 de julho de 1939.

Meu caro Gilberto de Alencar,

Mando-lhe hoje a minha palavra de agradecimento pela sua prezada carta do dia 6 do corrente, em que me transmitia o seu abraço de felicitações pela minha nomeação para o cargo de Secretário do Interior⁶.

Queira receber, com esse agradecimento, as saudações muito afetuosas de seu amigo e admirador, de sempre,

que o abraça afetuosamente

Mario Matos⁷

⁶ O jornal **Lavoura e Comércio** (1939) – MINAS Gerais tem novo Secretário de Interior – publicou tal notícia cinco dias após Mário Matos assumir o cargo. Não apenas informou aos seus leitores sobre tal questão, como também apresentou-lhes todo o histórico de vida e de competência de Mário Matos, o que, de fato, importa para a biografia do autor (ANEXO B).

⁷ Apesar de se tratar de um documento digitoscrito, a assinatura com o nome do remetente é manuscrita. Observa-se, contudo, que o signatário não acentua o próprio nome nesta ocorrência, fato este que nos chama a atenção, assim como ocorre na Carta 1, uma vez que em 16 das 18 missivas seu nome vem acentuado.

Carta 3

Nota de transcrição da carta 03/18.
 MM a GA
 Lote: 1939 a 1957.
 Ano: 1940.
 MAMM 816/2010.

A dimensão do documento é de 17,7 cm de largura x 22,1 cm de comprimento; não possui pautas; cor bege; há marca d'água (Bank Linnen) em pequenos leques; folhas com marcas de dobras; 2 folhas; documento manuscrito.

Meu caro Gilberto,

Recebi o convite para assistir, no dia 19 do corrente, ~~assistir~~ à inauguração do monumento ao nosso inesquecível Belmiro Braga.

Dominado por um número invencível de trabalho, não sei se poderei dar um pulo a Juiz de Fora por essa ocasião.

Vou fazer o possível.

Mas, se não puder ir, Você, desde já, ~~assista~~ ^{fica incumbido} do especial obséquio de representar-me na solenidade⁸.

Peço-lhe também que transmita meu abraço aos velhos amigos.

A Você, como sempre, envio minhas saudades e a segurança da velha amizade do seu antigo

adm^{or9}

Mário Matos

B.H^{te}. 14.11.940

⁸ A solenidade, de fato, ocorreu, e contou com importantes personalidades literárias. Na 2ª Seção de **O Imparcial**, datada de 20 de novembro de 1940, com texto intitulado **Monumento a um poeta mineiro**, encontra-se a informação de que o referido monumento seria inaugurado neste mesmo dia, às 16 horas, no Parque Halfeld, em Juiz de Fora. Acrescenta informações sobre o escultor da obra e sobre a programação completa da solenidade, a qual iniciou com palavras de Gilberto de

Alencar, presidente da comissão, que fez a entrega do monumento ao governador da cidade. Em sequência, fez-se o descerramento e o hino nacional, além dos discursos do acadêmico Roquette Pinto, pela Academia Brasileira de Letras, do professor Vittorio Bergo, pelo Centro Literário de Juiz de Fora e do sr. Rafael Cirigliano, Prefeito Municipal (MONUMENTO..., **O Imparcial**, 1940). Contudo, é possível dizer que a programação ocorrida diferiu do que estava agendado, pois 11 dias antes da realização do evento o periódico **A Noite** publicou em uma matéria que além dos membros citados, discursaria, também, Lindolfo Gomes, então presidente da Academia Mineira de Letras (O MONUMENTO..., **A Noite**, 1940). De acordo com tais informações, é possível inferir que, de fato, Mário Matos não compareceu ao evento.

⁹ Abreviação de admirador.

Carta 4

Nota de transcrição da carta 04/18.
MM a GA
Lote: 1939 a 1957.
Ano: 1945.
MAMM 817/2010.

A dimensão do documento é de 21,5 cm de largura x 32,3 cm de comprimento; não possui pautas; cor bege; folha marcada de dobras; folha com bordas rasgadas pela ação do tempo; há 2 furos centrais na lateral da folha; 1 folha; documento manuscrito e a lápis.

Meu caro Gilberto,

Não repare escrever a Você neste papel e a lápis. É porque, ao fazer hoje minha correspondência, acabou-se o papel e este não comporta tinta.

Tenho aqui uma carta sua sem resposta há muito tempo. Eu e o Miranda¹⁰ estamos tratando de apressar a publicação das novelas, e a sua será a primeira¹¹.

Li uns versos lindos de sua filha¹² no Diário Mercantil¹³. Que felicidade para Você ter uma filha poetisa de valor!

Ando muito assoberbado de trabalho, mas estou com a ideia de publicar um livro de contos e um romance¹⁴, como V. vai fazer.

Penso que o seu vai ser um sucesso esplêndido¹⁵. Bem, terminou o papel.

Adeus, Gilberto. Um abraço do Mário Matos.

B.H^{te}. 30/1/945

¹⁰ Trata-se de Miranda e Castro, fundador e diretor-gerente da revista **Alterosa**, à qual se fez menção em muitas das epístolas trocadas entre Matos e Alencar. Castro trabalhou ao lado de Mário Matos na referida revista por muitos anos, sendo considerado

[...] o idealizador e construtor da 'Alterosa', para cujo êxito, já consolidado, trabalha incansavelmente, numa atividade cujo dinamismo fecundo às páginas de sua revista são o melhor atestado. Figura de 'gentleman' na sociedade belorizontina, jornalista brilhante e conceituado nos meios culturais de Minas, constitui a maior garantia do êxito crescente de 'Alterosa' [...] [cujas edições revelam] uma consagração ao seu espírito de luta e inteligência criadora (ALTEROSA, **FonFon**, 1945, p. 10).

¹¹ Trata-se da novela intitulada **O retrato da sala de visitas** (ALENCAR, G., 1946a, 1946b), publicada em partes nas edições números 73 e 74 da revista **Alterosa** e transcrita no ANEXO C. Ressalta-se que a edição 75 não foi localizada pela pesquisadora.

¹² Trata-se da filha de Gilberto de Alencar, jornalista e escritora mineira que, segundo o **Jornal do Brasil** (1973), recebeu premiação em 1968 com o Prêmio Walmap por seu romance **Giroflê, Giroflá** (1971). Entretanto, Marta de Alencar e Sousa, sobrinha da referida escritora, informou, em entrevista datada de 2017, que a citada obra foi indicada ao Prêmio Walmap. A família não tem conhecimento sobre a sua recepção. Cosette de Alencar traduziu obras de Dostoiévski e Dickens, assinou crônicas na revista **Alterosa** e escreveu em seus últimos anos de vida para o Suplemento Literário do jornal **Minas Gerais** (COSETTE..., **Jornal do Brasil**, 1973). Foi, também, colaboradora do **Diário Mercantil**, periódico da cidade de Juiz de Fora.

¹³ O **Diário Mercantil** teve sua primeira edição publicada em de 23 de janeiro de 1912, tendo como fundadores Antônio Carlos de Andrada e João Penido Filho. O periódico tinha um caráter de jornal político, sendo um órgão oficial do Partido Republicano Mineiro. Uniu-se ao grupo **Diários Associados**, de Assis Chateaubriand, em 1932, com o intuito de vencer a concorrência e aumentar o reconhecimento do jornal no país. Possuiu grande importância para o município de Juiz de Fora, onde circulou até 1983, podendo até ser considerado uma fonte histórica para a cidade, já que registrou as principais mudanças e eventos ocorridos no período em que era distribuído (FERNANDES; COUTINHO, 2009).

¹⁴ De acordo com tal informação e com buscas em jornais e revistas da época, observa-se que, em 13 de janeiro de 1945, a revista **O Cruzeiro** publicou a notícia de que sua editora acabara de entregar no mesmo mês a obra **O personagem persegue o autor**, a qual já estava obtendo “um magnífico êxito de livraria” (O PERSONAGEM..., **O Cruzeiro**, 1945, p. 20). Portanto, um dos livros mencionados por Mário Matos não pode se tratar deste, já que fora publicado dias antes da escrita dessa missiva em questão, datada de 30 de janeiro. Assim sendo, pode-se inferir que um dos livros a que Matos se refere é o de contos cognominado **Casa das três**

meninas (1949), seu único publicado após a data desta carta. Não se tem notícia, contudo, mesmo após pesquisas em periódicos dos anos consecutivos a esta missiva, do outro livro citado pelo autor, o que nos leva a crer que não fora publicado ou até mesmo que não fora escrito.

¹⁵ Pela data da carta e pelos comentários em missivas posteriores a esta, é possível afirmar que se trata do romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodvalho**. Em publicação de 1957 na revista **FonFon**, encontra-se uma elogiosa crítica de Agripino Grieco sobre a referida obra:

– O reencontro com a pobre Marta envelhecida, dona Marta, é página que se existissem críticos neste país de compadrios, de horríveis paróquias literárias, e se os nordestinos deixassem os mineiros respirar, tomar lugar ao sol da fama, seria imortal no romance brasileiro. É livro sazonado, de lineamentos clássicos, composto com emoção contida e sobriedade vocabular (COMO..., **FonFon**, 1957, p. 9).

CARTA 5

Nota de transcrição da carta 05/18.
MM a GA
Lote: 1939 a 1957.
Ano: 1945.
MAMM 818/2010.

A dimensão do documento é de 21,4 cm de largura x 28,8 cm de comprimento; não possui pautas; cor bege; há marca d'água em pequenos leques; folha marcada de dobras; papel timbrado da revista Alterosa (havendo o nome de Mario Matos como diretor-redator-chefe e de Miranda e Castro como diretor-gerente); há dois furos centrais na lateral da folha; 1 folha; documento manuscrito e a tinta.

Meu caro Gilberto,

Recebi a sua carta. Ora, não tinha nada que agradecer. Justiça não merece agradecimento.

O governador¹⁶ autorizou-me a falar com o diretor da Folha de Minas¹⁷ para manter a sua colaboração.

Instituímos aqui na Alterosa a publicação em cada número de uma novela inédita. Vários escritores¹⁸ de nome já foram solicitados para esta colaboração. Venho pedir a sua. Condições: 45 laudas datilografadas, espaço 2. Pagaremos cr\$ 200,00 por novela. Esperamos a sua. Não falte.

Com a visita do velho am^o¹⁹

Mário Matos
B.H^{te}., 16/4/945

¹⁶ O governador de Minas Gerais à esta época foi Benedito Valadares, com quem Mário Matos possuía uma relação amistosa, conforme já assuntado nesta dissertação. A respeito de Valadares, o periódico **Diário da Tarde**, ao publicar notas sobre seu falecimento, expôs breves informações sobre sua vida, citadas a seguir:

[...] Benedito Valadares ocupou importantes cargos na vida política mineira. Em 12 de dezembro de 1933 foi nomeado interventor em Minas e em 1934 foi eleito governador ficando no cargo até 1945. Foi deputado durante a Constituinte em 1946 e ainda o único presidente do PSD desde a existencia

do Partido. Aposentou-se em 1970 comunicando ao governador Israel Pinheiro que deixava a vida política pelas dificuldades em se locomover para Brasília. Estava morando no Rio desde 1945 [...] (SERÁ..., **Diário da Tarde**, 1973, p. 2).

¹⁷ **Folha de Minas** foi um periódico de Belo Horizonte que tinha como diretor, à esta época, Gualter Gontijo Maciel (A ATA..., **Lavoura e Comércio**, 1945). Este jornal mantinha um Suplemento dominical que contava com a colaboração de distintos escritores. Acredita-se que Gilberto de Alencar tenha escrito neste período devido às informações registradas por Matos na presente missiva e também às notas do Suplemento de **A Manhã** (intitulado **Letras e Artes**), as quais discorriam sobre determinado artigo que teria sido escrito por Alencar na **Folha de Minas** há não muito tempo – “[...] Aliás, na ‘Folha de Minas’, de 1[?] de junho de 1944, Gilberto de Alencar escrevia um artigo, reclamando um editor para Afonso da Silva Guimarães [...]” (AFONSO..., **Letras e Artes: Suplemento Literário de A Manhã**, 1949, p. 12). Movimentos foram realizados, inclusive, em busca do referido texto, entretanto a pesquisadora não conseguiu acessá-lo.

¹⁸ Ao realizar buscas nas edições disponíveis da revista **Alterosa**, constatou-se que a primeira das novelas publicadas fora **O retrato da sala de visitas**, já mencionada nesta dissertação, de autoria de Gilberto de Alencar. Após sua publicação, outras novelas com autorias distintas começaram a aparecer: os nomes de João Lúcio, Nóbrega de Siqueira, Godofredo Rangel e Neyde Joppert são exemplos dos autores que despontaram nas primeiras edições após a decisão da referida revista de criar uma nova seção exclusiva para **novelas**, ainda que algumas delas tenham sido interpostas na seção de **contos** antes desta nova diretriz.

¹⁹ Abreviação de amigo.

CARTA 6

Nota de transcrição da carta 06/18.
MM a GA
Lote: 1939 a 1957.
Ano: 1945.
MAMM 819 /2010.

A dimensão do documento é de 21,4 cm de largura x 28,8 cm de comprimento; não possui pautas; cor bege; há marca d'água em pequenos leques; folha marcada de dobras; papel timbrado da revista *Alterosa* (havendo o nome de Mario Matos como redator-chefe e de Miranda e Castro como diretor-gerente); 2 folhas com 2 furos centralizados na parte superior de cada uma delas; documento manuscrito e a tinta.

Meu caro Gilberto,

Você já deve ter sabido pela carta do Miranda que estive de cama seguramente uns 15 dias, devido a uma injeção que tomei e se arruinou. Eis o motivo por que não respondi as suas duas cartas.

Quanto a sua novela, ao contrário do que você pensa, está excelente, é considerada por nós como sendo a melhor que recebemos. Fiquei contente com isto, porque havia assegurado ao Miranda que o seu estilo se prestava de modo evidente para romance.

Quem vai ilustrar seu trabalho é o Rodolfo²⁰. Tecemos aqui o critério de destacar o desenhista de acordo com a natureza do trabalho, e o Rodolfo se nota pela finura, personalidade e maneira original na interpretação dos textos.

É minha opinião que Você deve dedicar-se à novela e ao romance por causa de seus dons inegáveis para o gênero.

Adeus. Já lhe tomei muito tempo. Continuamos a contar com a sua colaboração, que reputamos necessária a nossa revista.

Visita-o o velho am^o

Mário Matos

B.H^{te}., 19/6/945

²⁰ De acordo com buscas empreendidas pela pesquisadora nas edições disponíveis da **Alterosa**, afirma-se que Rodolfo é um dos ilustradores da referida revista desde a

primeira edição, datada de agosto de 1939. Entretanto, se a novela tomada como a inicial escrita por Gilberto de Alencar para a **Alterosa (O retrato da sala de visitas)** for, de fato, a primeira, o ilustrador não fora o mencionado na missiva – Rodolfo – e sim outro ilustrador que também desenhava para a referida revista nesta época, Fábio.

Carta 7

Nota de transcrição da carta 07/18.

MM a GA

Lote: 1939 a 1957.

Ano: 1945.

MAMM 820/2010.

A dimensão do documento é de 17,2 cm de largura x 24,5 cm de comprimento; possui pautas e parece ter sido arrancado de caderno; cor bege; folha marcada de dobras; há dois furos centrais na lateral das folhas; 2 folhas; documento manuscrito e a tinta.

Meu caro Gilberto,

felicidades no Natal para Você, sua esposa²¹ e seus filhos²².

Eu e Miranda, há tempo, tivemos a ideia de dar em cada número da Alterosa uma novela. E escrevemos a 12 escritores que reputávamos aptos para isso. Como a turma é demorada (Você sabe), assentamos que só iniciáramos a publicação quando tivéssemos em ~~uma~~ mão pelo menos umas 8 produções, para evitar interrupção. Já temos 5 ou 6 e vamos pôr em prática a ideia²³.

Esperávamos também papel bom, que já veio.

Devo dizer-lhe que entre os que falharam ao pedido está este seu criado Matias. Ainda não escrevi minha novela²⁴.

Quanto a Você, foi dos primeiros que corresponderam ao nosso pedido, como sempre. No meu e no conceito de Miranda, o seu trabalho é o melhor. É tipicamente uma novela boa.

Penso até que Você deve sempre escrever contos, novelas e romances. Será um sucesso.

Pode pois explicar aos amigos que estas são as razões de o seu trabalho ainda não ter saído.

– Estou agora com vastos planos de trabalho, para disfarçar o meu isolamento sentimental. É o meu refúgio à hostilidade da vida.

Adeus, Gilberto. Escreva-me sempre.

Sou, como sabe, o sempre amigo grato

Mário Matos

B.H^{te}.,

17/12/945

²¹ De acordo com nota do **Diário Mercantil**, Gilberto de Alencar fora casado com Sofia de Alencar (FALECEU..., **Diário Mercantil**, 1961).

²² Trata-se de Heitor de Alencar (pintor, paisagista e funcionário da Prefeitura Municipal), Emilia de Alencar, Cosette de Alencar e Maria da Conceição (professoras em Juiz de Fora) e Fernando de Alencar (engenheiro) (FALECEU..., **Diário Mercantil**, 1961).

²³ Talvez esta seja a justificativa para a novela de Gilberto de Alencar ter sido publicada apenas em maio de 1946, embora os signatários tenham trocado missivas referentes a este assunto desde 30 de janeiro de 1945. Ao que se pôde perceber em buscas realizadas nas edições disponibilizadas virtualmente desta revista, não houve interrupção na publicação das novelas desde esta primeira aparição.

²⁴ Apesar de terem sido consultadas todas as edições posteriores a esta data (as disponibilizadas virtualmente), não se localizou a referida novela de autoria de Mário Matos. Talvez esta não tenha sido publicada ou estivesse inserida em alguma edição que não foi localizada até o momento (ALTEROSA. Disponível em: <<https://issuu.com/apcbh>>. Acesso em: 11 jan. 2017).

Carta 8

Nota de transcrição da carta 08/18.

MM a GA

Lote: 1939 a 1957.

Ano: 1946.

MAMM 821/2010.

A dimensão do documento é de 21,7 cm de largura x 32,4 cm de comprimento; possui pautas; cor bege; folha marcada de dobras; papel timbrado da Secretaria do Tribunal de Apelação do Estado de Minas Gerais (escrito transversalmente por toda a folha); há dois furos centrais na lateral da folha; 1 folha frente e verso; documento manuscrito e a tinta preta.

Meu caro Gilberto,

Aproveito o sossego do domingo para responder sua carta que recebi ontem. Também penso como Você quanto à bipartição da novela²⁵. Isto mesmo disse ao Miranda, que concordou. Mas é que desejávamos satisfazer a Você e estamos lutando com a angústia de espaço. Entretanto, um número muito grande de leitores coleciona a Alterosa e, assim, muitos terão a novela guardada. Ela está muito boa, bem encadeada, em estilo natural e atrativo. É o seu gênero.

Quando você terminar o romance²⁶, poderá enviar-me cópia datilografada. Eu o lerei com prazer e, depois, darei minha opinião com toda sinceridade. Agradecido a Você pela referência à crônica. Você sabe, quem escreve precisa de estímulo, porque está sempre duvidando do que escreve²⁷.

Estou com um livro de contos²⁸ pronto, mas, não sei, não acredito que sejam bons. Estou incerto quanto a sua edição.

– O caso do Eugenio Rubião²⁹ é o seguinte.

Logo que se deu a vaga³⁰, ele me telefonou, pedindo-me o voto. Sou amigo dele desde os tempos de J. de Fora. Prometi que votaria nele. Há porém outro candidato, e eu não quero atrapalhar ninguém, de modo que vou-no {coigir} a dar o voto ao Eugenio. É o que disse ao Mario Casasanta³¹. A coisa está neste pé.

Tem gostado da Alterosa? Estamos com uma tiragem de 12.000 exemplares, que não é aumentada por incapacidade produtiva das oficinas. Aqui na Capital, vendemos mais do que todas as revistas do Rio. ~~Ali~~ Ali, nossa venda é de 5.000

exemplares. Vai de ~~vento~~ vento nas velas, a revista. Mande, quando puder, sua apreciada colaboração³²: - Crônica, conto, o que lhe apetercer.

Adeus, Gilberto.

Um abraço do Mário.

B.H^{te}. 12/5/946

²⁵ A data desta missiva nos permite inferir que se trata da novela publicada neste mesmo mês de maio na revista **Alterosa**, pois a referida produção é dividida em edições da revista. No índice, ela está inserida na seção de Contos, porém, na página em que se encontra, aparece como **A NOVELA NACIONAL**. Trata-se de **O retrato da sala de visitas** (ANEXO C).

²⁶ Já mencionado na Carta 4, de 30 de janeiro de 1945, trata-se de **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**.

²⁷ Provável referência a uma carta recebida por Matos e remetida por Alencar, a qual possivelmente elogiava uma suposta crônica publicada por MM. Pode-se inferir que se trate de alguma publicação recente na revista **Alterosa**, já que, à esta época, seus textos encontravam-se em todas as edições da referida revista – assinados com seu próprio nome ou como **Alberto Olavo**.

²⁸ É possível afirmar que se trata do livro **Casa das três meninas**, publicado em 1949, uma vez que é a única obra publicada por Mário Matos após a data da presente missiva. Na seção de **Livros novos** da **Revista da Semana** datada de 13 de agosto de 1949, encontra-se um longo comentário noticioso de João Luso acerca da referida obra, o qual fornece valiosas informações acerca do novo livro que acabara de elevar o nome de Mário Matos (ANEXO D).

²⁹ Segundo nos informa a **Revista da Semana** datada de 19 de março de 1949, o professor Eugênio Rubião nascera em Silvestre Ferraz em 14 de abril de 1887. Lecionou em diversas cidades do sul de sua terra, residiu em Belo Horizonte, ocupando cadeiras em colégios dali e uma cátedra no Instituto de Educação. Dedicava-se aos estudos do vernáculo e às questões do ensino. Publicou os livros

No horto suave da legenda, Nos caminhos do Evangelho, Trevas, entre outros. Era membro da Academia Mineira de Letras (MORRE..., **Revista da Semana**, 1949).

³⁰ De acordo com as investigações da pesquisadora, Matos refere-se à vaga deixada pelo acadêmico Navantino Santos, falecido no mês anterior à data desta missiva. Segundo informações do *site* da Academia Mineira de Letras – OS ACADÊMICOS –, sabe-se que, de fato, Eugênio Rubião conseguiu a referida vaga na AML, sendo o primeiro sucessor de Santos na cadeira 35, cujo patrono fora João Pinheiro.

³¹ Mário Casassanta foi diretor da Diretoria Geral de Instrução (atual Secretaria de Educação); era membro da Academia Mineira de Letras, tendo publicado mais de 15 livros; foi professor da Faculdade de Filosofia e Catedrático de Direito Constitucional da Universidade de Minas Gerais; presidiu o diretório estadual do Partido Social Progressista, representando o partido no governo do estado; dirigia, nos últimos meses de vida, a Secretaria do Interior de Minas Gerais. Fora casado com Lúcia Monteiro Casassanta, com quem teve vários filhos (CONSTERNAÇÃO..., **Correio da Manhã**, 1963).

³² Após a novela **O retrato da sala de visitas**, a próxima colaboração feita por Gilberto de Alencar à revista **Alterosa** apenas aparecera na edição de outubro de 1951. Convém registrar que a pesquisadora não localizou, até o presente momento, as edições da **Alterosa** datadas de junho de 1947 até dezembro de 1948, assim como não foram localizadas as edições do ano de 1952. É sabido, porém, que Gilberto de Alencar começou a publicar com regularidade neste periódico em outubro de 1951, e em janeiro de 1953 seu nome já constava na ficha catalográfica da referida revista entre seus colaboradores.

Carta 9

Nota de transcrição da carta 09/18.

MM a GA

Lote: 1939 a 1957.

Ano: 1946.

MAMM 822/2010.

A dimensão do documento é de 20,3 cm de largura x 25,5 cm de comprimento; possui pautas; cor bege; há marca d'água em pequenos leques; folha marcada de dobras; há dois furos centrais na lateral da folha; 1 folha frente; documento manuscrito e a tinta preta.

Meu caro Gilberto,

Recebi sua carta e logo em seguida os originais datilografados do seu romance “Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho”. Ao contrário de seu aviso, seu filho não me processou. Ontem, o Carlindo³³ se comunicou comigo pelo telefone, dizendo que ele já regressara a J. de Fora.

Estou lendo o livro com vagar e estou gostando muito. Enviarei a V. depois, cumpridamente, a minha opinião. Vai fazer sucesso, pois não é livro apressado e reiventado como os que se publicam todo dia. Vejo que é vivido e sentido.

Breve, terá V. os originais de volta com as minhas impressões. Você não tem mandado mais colaboração para a Alterosa? Lembre-se da gente de vez em quando.

Uma visita e um abraço do velho am^o

Mário Matos

B.H^{te}., 2-8-946

³³ Devido à evasividade de dados na própria missiva em relação ao nome citado, a pesquisadora não localizou esta informação.

Carta 10

Nota de transcrição da carta 10/18.

MM a GA

Lote: 1939 a 1957.

Ano: 1946.

MAMM 824/2010.

A dimensão do documento é de 15,5 cm de largura x 23,5 cm de comprimento; não possui pautas; cor bege; folha marcada de dobras; há dois furos (de fichário) na lateral das folhas; 3 folhas de seda frente numeradas manuscritamente; documento manuscrito e a tinta cinza.

Meu caro Gilberto,

recebi a sua carta de 11 deste e aqui lhe mando a resposta. Já li o seu livro até o meio. Parei a leitura por excesso de trabalho no Tribunal³⁴, aumentado ainda com a licença dada a dois desembargadores. Além disso, meu desejo é ler o romance em horas propícias. Como percebo que V. está apreensivo com o meu silêncio, já lhe adianto uma opinião. É um grande livro, em que Você se mostra com toda a força do estilo, experiência e sabedoria da vida. Nele V. põe de manifesto os seus dons de narrador, de psicólogo, de mestre do diálogo e fixador de seus personagens. Os episódios, que foram quase todos vividos, têm teatralidade comedida, movimento e emoção levemente contidos. De seu livro transpira uma profunda melancolia, advinda dessa voga, romântica saudade da infância, que é o nosso arrependimento de não sabermos ter vivido. Entre outras coisas, a de que mais gostei foi a apresentação do professor Castro³⁵: Página digna da antologia!

Quanto ao estilo, vê-se que Você chegou ao que penso seja o sucesso certo: – combinar a estilística criada pelo povo com o sentido evolutivo da língua. Para lhe dizer numa palavra tudo: – Hoje, poucos livros me agradam, e o seu está me agradando em cheio. Se a minha opinião vale alguma coisa, ele será um dos maiores êxitos literários destes tempos³⁶.

Aqui lhe estava mandando uma opinião ligeira, só porque sinto que Você está inquieto ou apreensivo sem motivo algum.

Mais de espaço, eu lhe mandarei opinião assuntada, desenvolvendo o que aqui deixo escrito. Ou melhor: – escreverei um artigo sobre o seu grande livro³⁷. Tenha paciência, e mande a obra para o editor.

Aceite um abraço do seu velho

Mário Matos

B.H^{te}., 14/9/946

³⁴ Refere-se ao seu trabalho como desembargador da Câmara Criminal da Corte de Apelação do Estado de Minas Gerais.

³⁵ O prefácio da quarta edição da obra **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho** foi redigido por Oscar Mendes, da Academia Mineira de Letras, e nele há o seguinte parágrafo definindo a figura do citado professor Castro:

[...] a figura que merece do memorialista a maior simpatia e admiração é a do professor de francês, Manuel Anselmo de Araújo Azevedo e Castro, tipo de professor que se vem fazendo raro: o do mestre apaixonado pela matéria que ensina. Gilberto de Alencar descreve-o com saudosa reverência, carinho mesmo. Homem sofredor, com problemas de família e pobreza natural à profissão, seu entusiasmo pela língua e pela literatura francesa se transmite mesmo aos alunos mais relapsos. Consegue dominar, por instantes, os “bárbaros”, lendo-lhes com entonação própria e dramática as páginas antologizadas pelo Filon. Gudesteu é conquistado por esse entusiasmo e torna-se ótimo aluno de francês. E mais ainda: ama e admira o seu mestre. Ter-lhe-á sempre amizade. E, homem feito, o procurará, no desejo incontido de rever o professor querido e de renovar-lhe a gratidão. É, aliás, uma das mais belas páginas do livro, esse reencontro, anos passados do antigo aluno e do velho mestre. Um desses momentos simples e humanos que enchem de lágrimas os olhos (MENDES, O., 1970, p. IX).

³⁶ Conforme prevê Mário Matos nesta missiva, o referido romance torna-se um sucesso após sua publicação, e logo se esgota antes mesmo de sair das fronteiras de Minas Gerais.

³⁷ O referido artigo também é mencionado nas Cartas 11 e 18. Contudo, embora tenham sido realizadas pesquisas na tentativa de localizá-lo, não foi possível seu acesso. Encontrou-se, porém, na quarta capa do livro alencariano **Misael e Maria Rita** (1953), uma “opinião autorizada” de Mário Matos a respeito do romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**. Convém, portanto, citá-la:

MEMORIAS SEM MALICIA DE GUDESTEU RODOVALHO é um dos mais emocionantes, um dos maiores romances da literatura brasileira. Só não o parece porque, escriptor e editor de suas proprias obras, Gilberto de Alencar lhe deu uma publicidade clandestina. E um pouco tambem pela razão historica de que os grandes livros são lidos pelas gerações futuras. Estas paginas são vividas, nasceram da terra embebida do soffrimento de seu

autor, são a viagem de uma existencia batida pela chuva, pelo vento, pelo sol, pela poeira de sua via-crucis por esses caminhos além (MATOS, 1953, Quarta capa).

Carta 11

Nota de transcrição da carta 11/18.

MM a GA

Lote: 1939 a 1957.

Ano: 1946.

MAMM 825/2010.

A dimensão do documento é de 15,5 cm de largura x 23,5 cm de comprimento; não possui pautas; cor bege; folha marcada de dobras; há dois furos centrais na lateral das folhas; 2 folhas de seda frente numeradas manuscritamente; documento manuscrito e a tinta cinza.

Meu caro Gilberto,

Um abraço

Recebi o livro. Muito obrigado tanto pela dedicatória quanto pelo exemplar. Gostei muito da edição: – formato, tipo e ordenação. Ficou com uma feição simpática. Li-o todo outra vez com interesse crescente. É um grande romance, vivido como são sempre os grandes romances. Ele me trouxe tristes e agradáveis recordações dos tempos de Dores de Indaiá³⁸. {E sinhô} está esplêndido. Você é o Gudesteu³⁹. O final⁴⁰ é empolgante e traduz uma das maiores tragédias humanas, que é a solidão do homem em face dos filhos. Nessas páginas, Você mostra todo o seu poder de romancista nato. E que belas figuras que há no seu livro!

– Já conversei com alguns livreiros daqui. Para começar, Você pode mandar 20 exemplares para cada uma dessas livrarias: – Pax⁴¹ – (Avenida Afonso Pena) 20 exemplares; Livraria Minas-Gerais⁴², Rua da Bahia, 20; Livraria da A Noite⁴³, rua da Bahia, 20 exemplares; Livraria Alves⁴⁴, rua Rio de Janeiro, 20 exemplares. Vou conversar com as outras e lhe mandarei aviso. Assim que forem se esgotando, Você enviará mais, sob meu aviso.

Continuo ainda doente, porém dentro ~~de~~ de sete dias entrarei em férias e terei tempo para agir. Vou escrever o artigo prometido. Convém que mande um livro para o Estado de Minas⁴⁵ e eu cuidarei de mandar notícias.

Adeus. Um abraço do am^o.

Mario

B.H^{te}., 7/12/946

³⁸ Dores do Indaiá é uma cidade mineira que foi fundada em 1850 com o nome de Nossa Senhora das Dores do Indaiá, a qual era considerada uma vila. Apenas em 08 de outubro de 1885 foi elevada à categoria de **cidade** (PREFEITURA..., [20--?]). Refere-se à cidade em que Matos e Alencar viveram na infância, conforme publicação de Gilberto de Alencar em **O Jornal** ao citar o correspondente:

Mario Matos, que hoje é desembargador e uma das mais altas figuras intelectuais de Minas e do Brasil veio para aqui creio que em 1912, e eu, que **havia sido menino com êle em Dores do Indaiá**, abri-lhe as portas do “Farol” onde começou a escrever. Depois foi ser secretário do Diário Mercantil. Muitos bifes comemos juntos no Guarani. Mario Matos, com Heitor Guimarães, fundou a revista “Marília” que deu poucos números, mas todos magníficos. Para os amadores locais Mario escreveu uma revista, que foi apresentada muitas vezes, com grande êxito (ALENCAR, G., 1956, p. 7, grifo meu).

³⁹ Trata-se do personagem principal de **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**. No periódico **Correio da Manhã**, Batista de Castro assim sintetiza suas características:

Gudesteu Rodovalho, filho de alfaiate honesto e um tanto letrado, que ‘assinava a Gazeta de Noticias, arranhava um pouco de latim e de francês, lia bastante nas horas de folga que lhe deixavam a tesoura, a agulha, e a fita metrica’, conta-nos como lhe transcorreu a vida. ‘Vim ao mundo – diz ele – ai por volta de 1882 no interior de Minas Gerais. Para ser mais preciso nasci no povoado de Ressaquinha onde os trilhos da Estrada de Ferro Dom Pedro II tinham acabado de chegar em busca das distantes terras do sertão bruto. Parece que estou velho hem? A velhice não me aborrece muito em si mesma só o que me aborrece é que ela não esteja sendo aquilo que pensei que pudesse um dia ser e para o que tanto trabalhei, tanto lidei’. [Seu pai era alfaiate e, por ser republicano e abolicionista à época, tinha dificuldades em manter uma clientela.] [...] A vida de Gudesteu, por isso, conservou sempre certo travo de amargura, reflexo dos recalques da infancia, quando, p. ex., no colegio, reconhecia ‘que nada é capaz de humilhar tanto uma criança como um par de botinas velhas ou rotas, na presença de outras crianças bem calçadas. Um par de botinas acalcanhadas constitui, muitas vezes, todo um drama silencioso de sofrimento, suscetível de gerar revoltas terríveis na alma dos meninos pobres’ (CASTRO, 1948, p. 3).

⁴⁰ O periódico **Correio da Manhã** fornece os dados principais a respeito do desfecho do referido livro, como se pode observar abaixo:

No final do livro, quando recebe Gudesteu a noticia do suicidio do seu grande amigo de infancia, extravasa-se-lhe o pessimismo: ‘Não, não penso em fazer como José de Brito, não quero morrer, quero é chorar, quero furiosamente chorar e não posso. Sinto um bolo na garganta e depois um

desanimo fundo, uma vontade imensa de não procurar mais saber de coisíssima nenhuma, de não ver nada, nada, de fechar os olhos a tudo, de apagar todas as lembranças, todas, a do tempo que fugiu e que perdi, a dos bons momentos que não aproveitei, a dos devaneios que não se realizaram.' Mas termina com serena filosofia, suponho que, quando chegarem da rua a mulher e a filha 'é possível que possa chorar, para que me consolem, me envolvam no seu carinho [...] (CASTRO, 1948, p. 3).

A citada passagem refere-se às últimas páginas do último capítulo do romance alencariano, destacando o momento em que Gudesteu Rodovalho chega em casa e recebe a notícia da morte de seu antigo companheiro, porém não encontra a família – esposa e filhos – para consolá-lo: todos estão cuidando de seus distintos afazeres, os quais divergem, inclusive, do modo de vida que o protagonista sonha levar. Está sozinho, de fato, física e emocionalmente, conforme ratifica Mário Matos ao mencionar a **solidão do homem em face dos filhos**.

⁴¹ Segundo OLIVEIRA, A. (1991), a Livraria Pax, situada na Avenida Afonso Pena em Belo Horizonte à época, era pequena, porém bem frequentada. Muitos homens iam a um conhecido Café que se localizava ali perto para conversarem, e acabavam frequentando a referida livraria.

⁴² A Livraria Minas Gerais foi inaugurada em 04 de março de 1944, sendo entregue ao público pelo jornalista Hermenegildo Chaves, em nome dos **Diários Associados**. Localizava-se em um dos melhores pontos comerciais de Belo Horizonte – Rua da Bahia, 946, de frente para o Cine Metrôpole (“LIVRARIA...”, **O Cruzeiro**, 1944).

⁴³ Localizada na Rua da Bahia, em Belo Horizonte.

⁴⁴ De acordo com OLIVEIRA, A. (1991), a Livraria Alves era uma das mais afamadas daquela época em Belo Horizonte. Como naquele tempo não havia muita diversão na cidade, a livraria era bastante frequentada pelos intelectuais e até mesmo pelos semi-intelectuais.

⁴⁵ O periódico **Estado de Minas** foi fundado em 07 de março de 1928 por Pedro Aleixo, Álvaro Mendes Pimentel e Juscelino Barbosa, sendo apoiados por um grupo de intelectuais e políticos. O jornal manteve um desenvolvimento linear desde o

início que, sem contar com grandes crises e problemas marcantes, foi pouco a pouco ganhando notoriedade e chegou a ser considerado **o grande jornal dos mineiros** (FRANÇA, 1998).

Carta 12 (Telegrama)

Nota de transcrição do telegrama 12/18.

MM a GA

Lote: 1939 a 1957.

Ano: 1949.

MAMM 831/2010.

A dimensão do documento é de 22,0 cm de largura x 18,3 cm de comprimento; possui pautas; na cor bege; 1 folha com bordas rasgadas pela ação do tempo; há marcas de dobras; com carimbo roxo da Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos.

Departamento dos Correios e Telégrafos

PROF GILBERTO DE ALENCAR JFORA MG

Mal Deodoro 957

16.abr.1949

Texto e assinatura: VENHO PÉDIR VOCÉ VOTÉ COMIGO NOME JOAQUIM

THÔMAZ⁴⁶ VAGA RIBEIRO ACADEMIA⁴⁷ ABRACOS

MARIO MATOS

CT ===== VOTE COMIGO NOME JOAQUIM:

⁴⁶ “Joaquim Tomás, autor de vários livros de poesias, crítica e ficção, entre os quais <<Jerusalém>>, <<Meu Pássaro de Ouro>>, e <<Efêmeros>>, pertence à redação do <<Jornal do Brasil>>, assinando críticas literárias” (AS ELEIÇÕES..., **Alterosa**, 1949, p. 148).

⁴⁷ O pedido de Matos refere-se à eleição na Academia Mineira de Letras para o preenchimento da vaga deixada por Eugênio Rubião em ocasião de seu falecimento. De acordo com a revista **Alterosa**, havia apenas dois candidatos após o encerramento das inscrições: Joaquim Tomás de Paiva e Otávio Dias Leite (AS ELEIÇÕES..., **Alterosa**, 1949). Contudo, no periódico **Diário de Pernambuco**, a informação fornecida fora diferente, mencionando quatro candidatos que apresentaram-se para a referida vaga e seus respectivos votos: Joaquim Thomaz, com 17; Afonso da Silva Guimarães, com 11; Tenório de Albuquerque, com 5; e

Waldemar Tavares Pais, com 3. Embora Joaquim Thomaz houvesse sido o mais votado, o então presidente Hely Menegale decidira marcar nova votação devido ao regimento interno da instituição, desta vez com apenas os dois candidatos mais votados (BARULHO..., Suplemento do **Diário de Pernambuco**, 1949). Não se localizou, entretanto, entre os periódicos pesquisados da época, nenhuma nota informativa a respeito do novo membro para a assuntada vaga. No entanto, pode-se afirmar que o vencedor fora Afonso da Silva Guimarães, conforme verifica-se no *site* da Academia Mineira de Letras – OS ACADÊMICOS –.

Carta 13

Nota de transcrição da carta 13/18.
MM a GA
Lote: 1939 a 1957.
Ano: 1954.
MAMM 826/2010.

A dimensão do documento é de 21,4 cm de largura x 30,8 cm de comprimento; possui pautas; cor bege; folha marcada de dobras; há dois furos centrais na lateral das folhas; 4 folhas numeradas manuscritamente; documento manuscrito e a tinta cinza; papel timbrado com emblema e o nome do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais.

Meu caro Gilberto,

Só agora, depois das férias de janeiro, consegui pôr meu serviço em dia. Você não calcula a enorme quantidade de crimes e demandas que há em Minas. Aí pelo interior, os mineiros estão se matando progressivamente. Haja cadeia, meu amigo, para abrigá-los...

Este é o motivo por que não lhe respondi as cartas, a última das quais tem a data de 12 de janeiro.

O Menegale⁴⁸ me disse haver recebido o discurso que Você lhe enviou⁴⁹. A revisão vai ficar ao cuidado de mestre Frieiro⁵⁰.

– Gostei muito do seu livro. Ele me evocou a Dores de nosso tempo. De página a página, no curso da leitura, eu parava e voava, na asa da memória, a Usina. Eu vi de novo as árvores enfloradas e os passarinhos brincando em suas capas. Lembrei-me dos dias de chuva, de pescaria, de caçada. Revi nossos passeios pela cidade, nossas conversas, nossos temores.

Nunca mais voltei lá. Sabe por quê? Para não sentir um dos mais angustiados sentimentos da terra, o exílio na cidade em que nascemos ou vivemos. O panorama humano e natural, pelas informações que tenho tido, transmutou-se. É outro. Mas em mim, o menino ainda existe, o moço ainda existe. A única coisa que me irmana com o Goethe⁵¹ é isto: não consinto em envelhecer. Como o nosso Belmiro Braga, não tolero as moças do meu tempo.

Pode ficar certo, seu livro é bom. Bom livro certamente é o que nos acorda, nos faz reviver, nos faz reviver a vida. Bom livro é o livro mágico, sendo o seu autor um prestidigitador espontâneo e natural. Noto que seu estilo agora combina com a

frescura de ideias e observações com a simplicidade. Não a simplicidade buscada mas nascida da experiência e da direção segura do espírito. Se Você conseguir firmar a saúde, ainda virá a escrever melhor, se possível.

Leio sempre suas crônicas⁵², na Alterosa, onde Você, sendo o último, é o primeiro. Mas vamos deixar de conversa mole...

– Fico ciente de seus passos no sentido de obter aí do Prefeito adesão a nosso intuito de selecionar as poesias do Belmiro. Nosso saudoso amigo tinha o defeito da espontaneidade. Escrevia mais facilmente em verso que em prosa. Por isso, seus momentos altos de emoção devem ser apartados, devem ser escolhidos no meio de suas produções. Penso que esta seleção engrandecerá o nome dele. Ele espalhava versos como a árvore dispersa flores. Convém colher os frutos que deu. Eu e Você poderemos, se a ideia vingar, pôr na obra essa sugestão justa que lhe elevará o nome⁵³. E, aqui, meto-me por outro atalho, mudo de assunto.

– Por que Você não escreve contos? Creio que seria capaz de fazer um livro humano neste gênero. Se o tentar o meu conselho, só lhe peço não esquecer que a atmosfera do conto é a tensão poética. Aprendi tal verdade com o Carlos Drummond⁵⁴. Escreva contos, Gilberto.

– Diga a sua filha⁵⁵ que li outro dia uma página bonita que escreveu sobre o homem bom⁵⁶. Diga-lhe também que a Maria⁵⁷ lhe manda lembranças.

Adeus, Gilberto. Meus respeitos a sua senhora. Escreva-me de vez em quando, que há [sic] um dia sai a resposta.

Meu abraço saudoso do velho

am^o

Mário

B.H^{te}, 21/3/954

N.B.⁵⁸ Envie-me o jornal daí em que Você publica coisas suas⁵⁹.

⁴⁸ Heli Menegale foi presidente da Academia Mineira de Letras. Publicou obras como **Azul, Ânfora do sonho, Suave poema, Passa Quatro, Antiga melodia** (poesias), **Cabo Deodato** (novela), **Joãozinho e Maria** (poesia) (SILVA, A., 1948).

⁴⁹ Informação não localizada pela pesquisadora.

⁵⁰ Eduardo Frieiro foi um ensaísta, romancista e crítico que nasceu na cidade mineira Matias Barbosa em 1892. Atuou como professor da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, foi diretor da revista **Kriterion**, colaborador dos **Diários Associados** (FREITAS, 1953) e sucessor de Avelino Foscolo na Academia Mineira de Letras (SILVA, A., 1948). Publicou obras como **O Clube dos Grafômanos** (1927), **O melueluco Boaventura** (1929), **Inquietude, melancolia** (1930), **O Cabo das Tormentas** (1936), romances; **O brasileiro não é triste** (1931), **O Diabo na livraria do Cônego** (1945), **Como era Gonzaga?** (1950), ensaios; **A ilusão literária** (1932), reflexões sobre a arte de escrever e a vida do escritor; **Os livros, nossos amigos** (1941), reflexões de um amigo dos livros; **Letras mineiras** (1937), crítica; **Temas de literatura espanhola e Hispano-americana**; **Ouro Preto, ida e volta**; **Temas mineiros**; **A nobre arte de desagradar** (FREITAS, 1953).

⁵¹ Johann Wolfgang (von) Goethe nasceu em 28 de agosto de 1749 na cidade de Frankfurt e faleceu no dia 22 de março de 1832. Escreveu um dos livros mais admirados de sua época, **Werther**, o qual foi rapidamente traduzido para todas as línguas. Contudo, sua obra-prima foi **Fausto**, a qual demorou anos para ser construída em sua totalidade (A VIDA..., **Letras e Artes: Suplemento Literário de A Manhã**, 1949).

⁵² O comentário de Mário Matos a respeito de Alencar ser o último é válido, uma vez que, desde o mês de janeiro de 1953 (já que não foram localizadas edições do ano de 1952, conforme já mencionado em nota da Carta 8), as crônicas de Gilberto de Alencar encontravam-se finalizando com primor a última página deste periódico.

⁵³ Apesar de a pesquisadora ter buscado a referida informação em periódicos de Juiz de Fora da época em questão, não foi localizada nenhuma publicação próxima a esta data que abordasse tal assunto.

⁵⁴ Ainda que este ícone das letras brasileiras não necessite de notas explicativas para que os leitores desta dissertação conheçam seu ser, não poderia ser ignorada a criação de uma breve biografia de quem foi Carlos Drummond de Andrade. Localizou-se no periódico **Tribuna da Imprensa** os seguintes dados: nascera em

Itabira em 31 de outubro de 1902; teve sua literatura influenciada por Gustave Flaubert e pelo movimento simbolista brasileiro; em 1920 ingressou no jornalismo, publicando seu primeiro poema no **Diário de Minas**, e deixou de escrever para jornais em 1985; era formado em Farmácia, não tendo, contudo, exercido a profissão. Publicou sua primeira obra – **Alguma poesia** – em 1930, escrevendo mais 37 livros ao longo da vida, sendo 23 de poesia. Sua última obra fora dedicada à literatura infantil, publicada pouco tempo antes de seu falecimento (DRUMMOND..., **Tribuna da Imprensa**, 1987).

⁵⁵ Trata-se de Cosette de Alencar.

⁵⁶ Na segunda edição de fevereiro de 1954 da revista **Alterosa** encontra-se tal texto de Cosette de Alencar, extraído do periódico **Diário Mercantil**, no qual ela publicava (ANEXO E).

⁵⁷ Trata-se da segunda esposa de Mário Matos: Maria Hermelinda de Almeida de Matos (MÁRIO..., **Correio da Manhã**, 1966).

⁵⁸ De acordo com o **Dicionário Aulete Digital** ([2008?]), trata-se da expressão *nota bene*, a qual é utilizada para chamar atenção do leitor para algo importante de um texto.

⁵⁹ Trata-se do periódico **Diário Mercantil**, no qual Alencar chegou a publicar em três colunas, cognominadas **Preto & Branco**, **Suelto** e **Ferroadas**.

Carta 14

Nota de transcrição da carta 14/18.

MM a GA

Lote: 1939 a 1957.

Ano: 1955.

MAMM 827/2010.

A dimensão do documento é de 17,0 cm de largura x 23,5 cm de comprimento; possui pautas; cor bege; folha marcada de dobras; há dois furos centrais na lateral das folhas; 4 páginas (2 folhas frente e verso no mesmo papel), 1 folha; documento manuscrito e a tinta cinza; emblema e o nome do Tribunal de Justiça de Minas Gerais; datado na parte superior da primeira folha com números manuscritos e outros elementos timbrados: “Belo Horizonte, 19 de 12 de 1955”.

Meu caro Gilberto,

Estou aqui com a sua carta de 13 do mês passado para responder, e só agora, que entro de férias, é que tenho uma folga para conversar um pouco com Você. O trabalho no Tribunal é uma coisa louca, não dá tempo nem de respirar. Tenho a impressão que o mineiro não faz ~~mais~~ mais nada senão cometer crime e demandar.

Fiquei satisfeito com a opinião⁶⁰ do Afonso Pena⁶¹ a respeito do seu livro e da promessa que lhe fez, de conseguir a sua reedição⁶² no José Olímpio⁶³. Muito justo.

Leio-o sempre na Alterosa, na última página que, sem favor, é a primeira da revista. Seu estilo está cada vez mais límpido e conceituoso. Creio que a velhice é benéfica aos homens de letras porque lhes dá a sabedoria nascida da experiência.

A Academia⁶⁴ tem trabalhado bastante. Saiu agora o primeiro volume das obras de Antônio Torres⁶⁵, Verdades Indiscretas⁶⁶, publicação patrocinada pela nossa instituição⁶⁷.

Estou com desejo de aumentar o jeton⁶⁸ para cr\$ 200,00 no próximo ano. Breve, editaremos as cartas inéditas⁶⁹ de Lafaiete⁷⁰.

– Muito lhe agradeço a crônica que escreveu⁷¹, sugerindo meu nome para a Academia⁷². Nem penso nisso, meu caro. Você sabe que a política literária é pior do que a outra, que nos desgraça. E, depois, desde 1.500, o Brasil pertence aos nortistas por direito de nascença e conquista. Dai-me uma dúzia deles, e eu dominarei a América do Sul⁷³.

Quando você vier por aqui, talvez seja fácil obter a edição de seu novo livro⁷⁴ na Itatiaia⁷⁵. O do Antônio Torres, você receberá por estes dias. O acertado é mesmo pedir a seu irmão⁷⁶ que o apanhe na Itatiaia e lho envie pelo correio.

Eu e minha mulher, agradecendo a gentileza de vocês, mandamos-lhes nossos votos de felicidade, a Você, senhora e filhos.

Um afetuoso abraço do seu velho am^o de coração

Mário Matos

⁶⁰ Tal opinião de Afonso Pena parece ter sido informada por Alencar em carta remetida a Matos, o qual, nesta epístola, apenas expressa ao correspondente sua satisfação por esta conquista do amigo.

⁶¹ Trata-se de Afonso Pena Júnior, “[...] acadêmico desde 1948, quando assumiu a cadeira número 7, cujo patrono é o poeta Castro Alves” (CANDELÁRIA..., **Correio da Manhã**, 1968, p. 7). Nasceu em Santa Bárbara no ano de 1879. Foi professor de Direito Internacional Público e Direito Civil na Faculdade de Direito de Belo Horizonte, instituição em que se formou. Foi reitor da Universidade do Distrito Federal e lecionou Direito Civil na PUC. Foi, ainda, deputado federal, membro da Comissão de Justiça da Câmara e ministro da Justiça. Escreveu **A educação pelo escotismo** e **Crítica de atribuição de um manuscrito da Biblioteca da Ajuda**. Dois de seus discursos também se destacam: um em 1920, como paraninfo dos bacharelados em Direito de Minas, e o outro proferido em 1925 na Academia Mineira de Letras, ambos já publicados (CANDELÁRIA..., **Correio da Manhã**, 1968).

⁶² De acordo com as investigações realizadas pela pesquisadora, nenhuma obra do autor Gilberto de Alencar fora reeditada pela editora José Olympio.

⁶³ A editora José Olympio foi estabelecida no mercado em 1931, atravessando várias fases. Muitas obras de renome foram publicadas por esta editora, sendo considerada um dos pilares da cultura brasileira. Foi integrada, em 2001, ao Grupo Record (GRUPO EDITORIAL RECORD, [20--?]).

⁶⁴ Academia Mineira de Letras. Matos presidia a referida instituição nesta época.

⁶⁵ De acordo com o periódico **A Nação**, Antônio Torres foi, em seus últimos anos, considerado “[...] um dos pamfletarios mais vigorosos do Brasil” (ANTONIO..., **A Nação**, 1934, p. 12). Em sua adolescência, Torres optara por cursar um seminário em Minas Gerais, tendo chegado inclusive ao presbiterato, porém o abandonou nesta última etapa. Ingressou, primeiramente, no magistério primário, e depois foi para o jornalismo. “Escrevendo certamente, Torres utilizou os conhecimentos e a cultura adquirida onde, realmente, se estuda sob uma disciplina rigorosa, no genero de jornalismo em que antes d'elle brilharam vultos inesqueciveis de nossa imprensa” (ANTONIO..., **A Nação**, 1934, p. 12). Publicou, entre outras obras, **Razões da Inconfidência**, **Verdades indiscretas**, **Prós e contras** e **Pasquinadas cariocas**. “No governo Epitacio Pessoa, Antonio Torres foi nomeado para o posto consular em que a morte [...] o surprehendeu aos 48 annos de idade” (ANTONIO..., **A Nação**, 1934, p. 12).

⁶⁶ Trata-se de uma obra cujos 2.000 exemplares de sua primeira edição se esgotaram em 15 dias. Constitui-se de uma compilação de artigos seus já publicados nos jornais para os quais escrevia, como **Gazeta de Notícias** e **Correio da Manhã**.

“[...] o livro, como colcha de retalhos, não tem uma côr firme e muito menos a consistencia de panno inteiriço. Há algumas verdades que são indiscretas de mais, e liberdades que o A. não devia pôr nas mãos de todo o publico. Dos sacerdotes catholicos, que no Brasil têm deixado a batina, é talvez Antonio Torres o que conservou maior compostura e decencia no que escreve sobre religião. Convém, no emtanto, adeantar que o meio em que aqui viveu antes de embarcar para Londres não foi tão discreto e sério que o preservassem de certas idéas duvidosas e desse scepticismo moral que revela em alguns dos artigos. Brilho no estylo, graça no dizer e muita cultura não lhe faltam.

[...] (VERDADES..., **A União**, 1922, p. 3).

⁶⁷ De acordo com o periódico **A Cruz**, trata-se da edição das obras completas de Antônio Torres. Tal iniciativa partira da Academia Mineira de Letras, e contara com o apoio do governo mineiro (MOVIMENTO..., **A Cruz**, 1955).

⁶⁸ Refere-se ao pagamento feito aos acadêmicos.

⁶⁹ Informação não localizada pela pesquisadora.

⁷⁰ Informação não localizada pela pesquisadora.

⁷¹ Foi localizado no periódico **Diário Mercantil**, no qual Gilberto de Alencar publicava à época na coluna **Preto & Branco**, o referido texto, intitulado **Usemos os cotovelos**. De fato, Alencar menciona o nome de Matos entre personalidades mineiras consideradas por ele merecedoras de melhor reconhecimento, mineiros que poderiam, sem prejuízo, preencher vagas da Academia Brasileira de Letras. Como o periódico consultado encontra-se bastante deteriorado pela ação do tempo, optou-se por transcrever o texto em questão na tentativa de preservá-lo (ANEXO I).

⁷² Trata-se da Academia Brasileira de Letras.

⁷³ A mencionada situação problemática entre os nortistas e o resto do país encontra-se discutida em diversos textos da época em questão. Um deles é o intitulado **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, já transcrito em ANEXO F, escrito por Gustavo Corção. Em suas últimas linhas, o crítico cita a opinião de Agripino Grieco de que os mineiros não têm vez se comparados aos nordestinos. Discordando firmemente, Corção finaliza: “[...] Compadrios, tanto os há do norte como do centro. Também não me parece oportuno reclamar para os mineiros mais amplo lugar ao sol” (CORÇÃO, 1957, p. 1). Outra abordagem polêmica fora feita em **A Ordem**, contendo marcantes e relevantes frases referentes a esta temática. Citam-se: “O que há de se notar em primeiro lugar, com a publicação desses livros [mineiros], é o deslocamento literário do Norte para o Centro. Aliás, o Norte ou mais propriamente o Nordeste vem a longos anos repetindo as mesmas histórias” (LIVROS, **A Ordem**, 1957, p. 68); “[...] temos visto nortistas carreando documentários sem importância, reportagens mal escritas, com o rótulo de romances, que aplaudidos por eles próprios, numa admirável campanha de auto-elogio, são vendidos a granel” (LIVROS, **A Ordem**, 1957, p. 68) e a controversa “Literatos mineiros, uni-vos contra o literato do Norte” (LIVROS, **A Ordem**, 1957, p. 68). Além destas referências, outro autor que demonstrou insatisfação com o tema

foi Gilberto de Alencar, relatando suas opiniões no texto **Usemos os cotovelos**, citado nestas notas e transcrito em ANEXO I.

⁷⁴ Tendo em vista que a obra **Tal dia é o batizado**: romance de Tiradentes foi publicada pela editora Itatiaia em 1959, levou a pesquisadora a registrar a possibilidade da referência ser em relação a esta produção romanesca.

⁷⁵ Trata-se de uma livraria e editora que situava-se em Belo Horizonte, cidade onde foi fundada também a editora por Pedro Paulo de Senna Madureira e Edson Moreira. A Editora Itatiaia publicou coleções que abordavam literatura brasileira, ciências sociais e naturais, bem como ilustres clássicos da literatura mundial (HALLEWELL, 2005).

⁷⁶ Informação não localizada pela pesquisadora.

Carta 15

Nota de transcrição da carta 15/18.
MM a GA
Lote: 1939 a 1957.
Ano: 1956.
MAMM 828/2010.

A dimensão do documento é de 21,2 cm de largura x 30,8 cm de comprimento; possui pautas; cor bege; folha marcada de dobras; há dois furos centrais na lateral das folhas; 4 folhas numeradas manuscritamente; há, timbrado, na parte inferior direita das folhas, os elementos: “MOD. 14”; documento manuscrito e a tinta cinza; emblema e o nome do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais.

Meu caro Gilberto,

Só agora é que posso responder sua carta de 17 de outubro. O acúmulo de serviço nos tribunais – o de Justiça e o Eleitoral – tem-me {arasado}. É uma coisa louca.

Tive satisfação em saber que Você contratou com a editora Agir⁷⁷ a reedição de suas obras e também a publicação de mais um romance⁷⁸. Muito bem. Sua percentagem é pequena, como diz, mas, por outro lado, há a vantagem de se tornar mais conhecido no Brasil⁷⁹. Isto é importante.

Ao contrário do que pensa, não creio que o caro amigo esteja no fim da picada. Atualmente, seu estilo mostra que remoçou. Acho suas crônicas da Alterosa admiráveis; ainda outro dia assim me pronunciei em sessão da Academia⁸⁰, com anuência de todos.

Aliás, você, que nasceu com a pena na mão, sempre escreveu bem, sempre escreveu com naturalidade e graça. Está no sangue⁸¹.

Na próxima quinta-feira, farei a comunicação que deseja aos nossos colegas, em sessão⁸². Vão ficar satisfeitos. E um favor lhe peço, Gilberto. Não me fale mais em velhice em suas cartas. Ando danado da vida com esta fatalidade de envelhecer. E agora, deu-me a mania de pensar no passado, de refugiar-me no passado, que é um-deus-nos-acuda. A todo momento, com um cigarro na boca, me vejo de calças curtas a pegar passarinho, em Dores-de-Indaiá. Tenho soltado papagaio que é uma beleza. Por qualquer motivo, estou correndo atrás de foguete. Sou menino. Mas também, quando volto a mim, que tormento! Caio na canja de galinha, numas pílulas que a mulher me dá para levantar o moral, no padre-nosso-que-estais-no-céu,

perdoai-as-nossas dívidas - e numa fraqueza de pernas tal, que subir escada, para mim, representa um ato heroico. E é numa situação dessas que Você me vem falar em fim-de-picada! E com uma calma, uma {feleigris}! Deixe disso, rapaz. A mim me basta a má notícia dos jornais, em cada dia. É cada susto. Ainda a semana passada ~~#,~~ abri o Estado⁸³ e, de repente, encontro a morte do Cornélio Caetano da Silva Guimarães⁸⁴. Fiquei lívido. Para mim, era ele um belo moço do nosso tempo, e foi desaparecendo assim, sem mais nem menos. Custei a aceitar o absurdo. E aceitando-o, fiquei triste sem querer.

Meu caro Gilberto, como a vida corre depois dos sessenta! O que nos vale é este consolo de rabiscar papel. Li no Rilke⁸⁵ que a única maneira de viver sem morrer é trabalhar, bem entendido, trabalhar no que a gente gosta⁸⁶.

Acenda a sua lâmpada, e escreva, meu amigo, escreva sem parar, como o pássaro canta aí na árvore do seu quintal.

Uma visita cordial do seu

Mário Matos

B.H^{te}, 12/11/956

⁷⁷ A Livraria Agir foi fundada em 1944, contando com a participação de Alceu de Amoroso Lima. Publicou coleções de clássicos brasileiros, bem como livros estrangeiros traduzidos, além de obras que abordassem a religiosidade. Em 2002, contudo, foi adquirida pelo grupo Ediouro, sofrendo radicais reformas. Contudo, a editora não perdeu a característica de dar espaço aos mais recentes autores, apostando, assim, na continuidade fértil da literatura brasileira (GRUPO EDIOURO [20--?]).

⁷⁸ Tal afirmação é validada segundo a edição de 03 de outubro de 1956 do periódico **Folha Mineira**:

O escritor e jornalista Gilberto de Alencar assinou anteontem, contrato com a editora “Agir” da capital da Republica, vendendo os direitos de todos os seus famosos livros já publicados, bem como o direito de opção para a publicação de suas obras inéditas.

Falando ontem à noite, á reportagem da FOLHA MINEIRA, o conhecido e admirado escritor, declarou que a “Agir” deverá lançar ainda este ano, a segunda edição de seu extraordinario “Memorias sem malicia de Gudesteu Rodovalho”, numa tiragem de quatro mil volumes. Esse lançamento da conhecida e criteriosa editora, possibilitará a maior divulgação dessa obra

que muito dignifica a literatura montanhosa e que é, sem duvida, a obra prima de Gilberto de Alencar. Alem disso, vem suprir uma lacuna, pois a primeira edição de “Memorias sem malicia de “Gudesteu Rodovalho”, se encontra totalmente esgotada. Não ha um exemplar, sequer de sua primorosa obra em livraria alguma da cidade e, nem, em outros centros. Acrescente-se ainda que ha muito, o publico leitor, não só da cidade, como de varios outros pontos do Pais, está a exigir nova edição do livro em apreço.

OBRAS INEDITAS

Na ligeira entrevista que tivemos com o venerando [sic] escritor e jornalista, na redação do “Diario Mercantil”, adiantou-nos ainda que, após a publicação de “Memorias sem malicia de Gudesteu Rodovalho”, a editora “Agir” ditará o romance “Reconquista”, obra inedita em que focaliza figuras da sociedade local, tanto do presente, como do passado e um outro romance que, atualmente, está escrevendo.

MISAELE MARIA RITA

Tambem esse magnifico romance de costumes, que tão bem retrata a vida passada de nossas cidades do interior, deverá igualmente, ser publicado pela editora “Agir” que, se assim proceder, prestará valioso serviço á literatura mineira. Mesmo porque a primeira edição deste livro, está proticamente [sic] esgotada. Alem das obras mencionadas, é de se crer que a editora em apreço venha a publicar o livro “Cidade do sonho e da melancolia”, que Gilberto de Alencar escreveu há mais de trinta anos (A <<EDITORA..., **Folha Mineira**, 1956, p. 1).

A referida editora publicou, em 1957, a reedição de **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**. Entretanto, ao contrário do que noticiara a **Folha Mineira** (<<EDITORA..., 1956) e acreditara Mário Matos, a obra inédita **Tal dia é o batizado** (1959) não fora publicada pela editora Agir, assim como a citada obra **Reconquista** (1961), que acabaram por ser publicadas pela Itatiaia. As obras **Misael e Maria Rita** (1953) e **Cidade do sonho e da melancolia** (1926) não foram, também, reeditadas pela editora Agir, ao contrário do que se esperava.

⁷⁹ De acordo com pesquisas realizadas em distintos periódicos, pode-se afirmar que Gilberto de Alencar não obtivera o reconhecimento literário que merecera e buscara. Além do assuntado no texto intitulado **O falecimento de Gilberto de Alencar**, já citado nesta dissertação, que aborda quase exclusivamente esta situação, citam-se, a seguir, exemplos de notas em jornais a este respeito:

“[...] Gilberto de Alencar [...] nem conseguiu em vida a reputação literária a que tinha direito” (FILHO, 1961b, p. 6); Gilberto de Alencar, um nome “infelizmente [...] não tão divulgado como deveria ter sido” (CONDÉ, 1963, p. 2);

[...] nunca teve a repercussão que merecia. Acho que esse silencio relativo em torno de [...] autor de tal gabarito, deve-se em parte ao temperamento esquivo de Gilberto, homem tímido e de pouco avançar [...]. Creio que

Gilberto de Alencar um belo dia sera redescoberto>> em tôda a sua importancia – talvez numa idade mais atenta a reais virtudes literárias, quando as novidades de agora forem velhas e os valôres permanentes possam vir à tona [...] (QUEIROZ, 1971, p. 4).

⁸⁰ Apesar de a pesquisadora ter buscado por informações acerca das sessões que ocorriam na Academia Mineira de Letras e seus referidos discursos, não foi possível localizá-los.

⁸¹ Matos refere-se à ligação consaguínea de Gilberto de Alencar com ilustres literatos: seu pai, Fernando de Alencar, era, além de médico, distinto poeta derivado da linhagem alencariana, sendo primo e afilhado do grande romancista brasileiro José de Alencar (DR. FERNANDO..., **O Pharol**, 1911).

⁸² Ver nota 80.

⁸³ Trata-se do periódico **Estado de Minas**, já mencionado na Carta 11.

⁸⁴ Cornélio Caetano da Silva Guimarães foi prefeito de Dores do Indaiá (VIAJANTES..., **Abaeté Jornal**, 1943), cidade em que nasceu Mário Matos, e dirigiu o jornal local **O Liberal** (O ANIVERSARIO..., **O Triângulo**, 1941).

⁸⁵ Trata-se do poeta alemão Rainer Maria Rilke, conhecido por seus distintos poemas e cartas, os quais, em sua maioria, foram traduzidos para o português nesta época da presente missiva.

⁸⁶ Localizou-se no periódico **Jornal do Dia** especificamente esta parte que Mário Matos cita. Trata-se de uma carta que Rilke enviara de Paris em 11 de setembro de 1902 para seu mestre, Rodin, registrada na página 87 da obra **Letters of Rainer Maria Rilke**, traduzida para o inglês por J. B. Grenne e H. Norton:

Não foi apenas para lhe fazer a biografia que me aproximei do senhor, mas para lhe perguntar: como devemos viver? E o senhor me respondeu: trabalhando. Compreendi perfeitamente. Sinto que trabalhar é viver sem morrer. E estou cheio de gratidão e de alegria. Pois desde a minha mais tenra infância, outra coisa não desejei senão isso. E experimentei fazê-lo. Mas meu trabalho, justamente porque o amava tanto, se tornou durante

êsses anos qualquer coisa de solene, um festival ligado a raras inspirações e houve semanas em que não fiz nada senão esperar, com infinita tristeza, pela hora criadora. Era uma vida cheia de abismos. Eu, angustiosamente, evitei todos os meios artificiais de evocar inspirações. Comecei por abater-me de vinho, o que fiz por muitos anos, procurando levar a minha vida para para mais próximo da própria Natureza... Mas em tudo isso, que era incontestavelmente razoável, não tive a coragem de fazer voltar a inspiração por meio do trabalho. Agora sei que é o único meio de a manter viva. E foi êsse o grande renascimento do meu trabalho e da minha vida, que *vail et patience*... (RILKE, [1945?], p. 87 apud ATHAYDE, 1954, p. 15).

Carta 16

Nota de transcrição da carta 16/18.

MM a GA

Lote: 1939 a 1957.

Ano: 1957.

MAMM 829/2010.

A dimensão do documento é de 17,3 cm de largura x 23,5 cm de comprimento; possui pautas; na cor bege, papel timbrado com emblema e nome do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais; datado manuscritamente com demais elementos timbrados: “Belo Horizonte, 22 de março de 1957”; há dois furos centralizados na margem esquerda; documento manuscrito a tinta cinza; 7 páginas, 2 folhas.

Meu caro Gilberto,

Respondo por esta sua carta de 6 de fevereiro. A demora desta resposta tem uma explicação. Andei com dores no peito e fiquei apreensivo. Exausto com o excessivo trabalho no Tribunal – uma coisa doida, Gilberto –, tinha tonteiras a todo momento. Como bom mineiro do interior, procurei primeiro remédios caseiros, inclusive benzeduras de uma preta velha analfabeta, que é u'a mão na roda para essas coisas. Pois você acredita que não deu resultado? Não deu nenhum. Então, fui arrastado para vários consultórios médicos. Fui examinado da cabeça aos pés por três mil e quinhentos cruzeiros. Chegaram a uma conclusão surpreendente. Aerofagia e insuficiência hepática. E era mesmo, tanto que, com os remédios que me deram, fiquei bom, bom relativamente, como você sabe, porque casa velha sempre tem goteiras.

Foi nessa quadra de preocupações que recebi sua carta. Já havia sabido, pouco antes, que Você se tinha submetido a uma operação com êxito. Não calculava, porém, que fosse coisa tão grave⁸⁷. Foi o José Osvaldo⁸⁸ quem me pôs a par do que houvera. Apurei que a cabeça tinha ficado no lugar pela leitura de suas crônicas na Alterosa. Mantinham a mesma firmeza graciosa de sempre.

Quanto à repercussão nacional do seu romance⁸⁹, não foi para mim espanto algum. Como lhe disse várias vezes, isto seria, como foi, questão de tempo.

Tenho lido, com agrado, os elogios na imprensa carioca e destaque, como dos melhores, os de Gustavo Corção⁹⁰ no Diário de Notícias⁹¹. Este homem, Gilberto, tem cultura, senso crítico e honestidade mental.

Mas tudo isso, você há de convir, foi previsto por mim, modéstia a parte. Você combina bem o tom moderno de escrever com o gênio da língua. E nas Memórias realizou a observação de André Gide⁹², quando diz que o romancista faz romance dentro do próprio romance. E, depois, sua experiência, através dos trancos e barrancos da vida, não é brincadeira. É uma grande lição de sabedoria. Você aprendeu a escrever, escrevendo, única maneira operosa de aprender. É aquela história do Camões⁹³, ao falar da disciplina militar prestante...

Mas vamos deixar de elogios, que Você não precisa mais deles.

Quanto ao livro⁹⁴ do Ataliba⁹⁵, Você é quem sabe. Como presidente da Academia⁹⁶, tomei o propósito de ~~vã~~^ã interferir em votação⁹⁷. Gosto muito do Ataliba, porque me tem amizade decidida. É um sujeito boníssimo, tão bom como a água e a fruta. Vou dar-lhe o meu voto silenciosamente. O livro dele é útil, é escrito correntemente e pode prestar serviços aos moços.

Agora, outro assunto. A sua menina⁹⁸ não escreve mais versos? Ela precisa considerar a responsabilidade literária do nome Alencar. Deve continuá-lo, como Você está fazendo. Gosto dos versos dela. Há neles uma nota de lirismo suave, que se parece com a melodia dos nossos passarinhos...

Bem. Paro por aqui. Adeus, Gilberto. Minha mulher envia lembrança a sua.

Meu afetuoso ~~abraço~~^{abraço} do velho amigo e adm^{or}.

Mário Matos

⁸⁷ De acordo com pesquisas realizadas no periódico em que publicava Gilberto de Alencar à esta época, o **Diário Mercantil**, localizou-se relevante texto de Cosette de Alencar abordando o referido assunto. Optou-se, portanto, por transcrevê-lo em ANEXO H.

⁸⁸ Segundo a revista **Alterosa**, José Osvaldo de Araújo formou-se na cidade de Belo Horizonte, chegando a ser prefeito desta capital mineira. Foi membro da Academia Mineira de Letras, catedrático de Literatura Portuguesa da UMG e de Português do Instituto de Educação, diretor do Banco de Minas Gerais e presidiu a Companhia de Seguros **Minas-Brasil** (<<NEM MELHOR..., **Alterosa**, 1957).

⁸⁹ De fato, o livro **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho** obteve repercussão nacional, conforme já previra o confrade Mário Matos. Comprova-se tal questão em nota publicada na **Folha Mineira** neste mesmo ano:

“As Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho”, continuam na lista dos livros mais vendidos no País, neste primeiro semestre. Gilberto de Alencar, sem dúvida, está satisfeito com essa viagem pelo Brasil afora. E logo êle que, para sair de Juiz de Fora, em breves dias de férias é preciso haver conselho de família, influência de amigos, exigência de médicos! Esse Gilberto é um caso muito sério... (NÓBREGA, 1957, p. 2)

⁹⁰ Gustavo Corção Braga foi um reconhecido artista, político, professor e escritor. Começou sua vida dando aulas de Matemática no colégio de sua mãe. Quis ser engenheiro mas não chegou a concluir seu curso, tornando-se topógrafo mais tarde. Contudo, trabalhou com eletricidade e foi, também, sócio de seu irmão numa firma de engenharia. Foi apaixonado pela Astronomia. Devoto da eletrônica, fazia cálculos complexos e chegou a inventar aparelhos. Além disso, Corção pintava, escrevia e jogava xadrez. Escreveu para os periódicos **A Ordem**, **Tribuna da Imprensa**, **Diário de Notícias** (a partir de 1954) e **O Globo** (depois de 1967), além de ter publicado livros consagrados. Faleceu aos 81 anos de idade, tendo deixado seis filhos (VILLAÇA, 1978).

Artigo escrito por Gustavo Corção em ANEXO F.

⁹¹ Periódico já mencionado nesta dissertação.

De acordo com investigações da pesquisadora, Gustavo Corção publicou artigos, desde o ano de 1952, no Suplemento Literário dominical do **Diário de Notícias**. Inicialmente, não teve uma regularidade fixa, porém publicou muitas vezes quinzenalmente, passando, tempos depois, a publicar semanalmente neste periódico. À época desta missiva, contudo, sua periodicidade era às quintas-feiras e aos domingos.

⁹² André Gide nasceu em 1869 em uma família convertida ao catolicismo. Após adquirir uma doença que quase levou-no à morte, revoltou-se quanto às suas raízes puritanas. Tendo passado por fases conflituosas que envolviam moralismo, disciplina artística, abandono da vida e desejo sensual ilimitado, publicou as obras *Les*

nourritures terrestres (1897) – cuja tradução para o português fora **Os frutos da Terra** –, **Saul** (1903), *Le retour de l'enfant prodigue* (1907), **Corydon** (1924) e *Si le grain ne meurt* (1924), já citada na nota anterior. Escreveu, também, diários por toda sua vida. Em 1947, André Gide recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, falecendo 4 anos depois (NOBEL..., [2014]).

⁹³ Mário Matos, ao afirmar tal questão, determina que não se adquire quaisquer conhecimentos por meio de teorias e sonhos apenas; aprende-se, de fato, ao praticar o referido ofício. Camões faz a mesma afirmação em seu livro **Os Lusíadas** (1572), quando diz:

A disciplina militar prestante
 Não se aprende, Senhor, na fantasia,
 Sonhando, imaginando ou estudando,
 Senão vendo, tratando e pelejando
 (CAMÕES, [20--?]).

⁹⁴ Após uma criteriosa busca em mais de 100 periódicos, a pesquisadora não obteve sucesso quanto às informações sobre Ataliba Lago e sua obra **Falas e conselhos**.

⁹⁵ Nascido em 1901 na cidade mineira de Além Paraíba, Ataliba Lago foi poeta, ensaísta político, advogado, comerciante e jornalista, tendo fundado vários periódicos. Venceu o concurso **Cidade de Belo Horizonte** com a obra **Na esteira do tempo** em 1968, falecendo 5 anos depois (BIBLIOTECA..., [201-?]).

⁹⁶ Mário Matos empossara-se da presidência da Academia Mineira de Letras no biênio de 1955-1956, sendo reeleito para exercer o ofício no biênio de 1957-1958. Informações fornecidas por telefone pela funcionária Marília, da citada instituição.

⁹⁷ De acordo com esta fala de Matos, infere-se que haveria uma votação na Academia Mineira de Letras, e que o citado livro de Ataliba estaria concorrendo. Ao realizar investigações acerca deste assunto pouco explorado na epístola, foram encontradas informações reveladoras em dois dos periódicos consultados. Quatro meses após a data desta missiva, encontra-se publicação no **Jornal do Brasil** mencionando uma recente seção da AML, a qual contou com votação para o famoso

prêmio Othon Lynch Bezerra de Melo. A referida premiação, contudo, não pôde ser concedida nesta reunião devido a um empate por parte da comissão julgadora, ficando decidido, assim, que a presidência ficaria responsável por resolver a dificuldade encontrada e solucionar o caso (ACADEMIA..., **Jornal do Brasil**, 1957). O periódico **Correio da Manhã**, no ano posterior, retoma o caso abordado, explicando que o mencionado prêmio deveria ser conferido anualmente pela Academia Mineira de Letras ao melhor livro publicado, e reitera que a causa de não ter sido possível na última eleição fora mesmo a divergência de escolha por parte dos acadêmicos, resultando em empate. Contudo, nova votação havia sido realizada, e o livro vencedor fora **Luz Efêmera**, de Maciel Oliveira, com 21 votos, enquanto **Falas e Conselhos**, de Ataliba Lago, obtivera apenas 12 (“LUZ..., **Correio da Manhã**, 1958).

⁹⁸ Trata-se da filha de Alencar, Cosette de Alencar, já mencionada nesta dissertação.

Carta 17

Nota de transcrição da carta 17/18.

MM a GA

Lote: 1939 a 1957.

Ano: 1957.

MAMM 830/2010.

A dimensão do documento é de 21,2 cm de largura x 30,8 cm de comprimento; possui pautas; cor bege; folha marcada de dobras; há dois furos centrais na lateral das folhas; 2 folhas frente; há, timbrado, na parte inferior direita das folhas, os elementos: “MOD. 14”; documento manuscrito e a tinta cinza; emblema e o nome do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais.

Meu caro Gilberto,

Eu e minha mulher recebemos o amável convite que seus filhos nos enviaram para comparecermos à missa que mandou rezar a 28 deste mês, comemorando o 50º aniversário de seu casamento.

Muito gratos estamos por essa gentileza. Infelizmente não poderemos comparecer ao ato, mas daqui, com sinceridade, fazemos votos a Deus para que continuem, Você e sua distinta esposa, vivendo como sempre: em paz e irmanados pelo afeto que nunca deixou de existir em seu lar. É um caso raro, o de vocês dois, constituindo uma grande lição para os filhos.

Desejamos-lhes muitas felicidades.

– Agora, outra coisa: quando sai o seu livro⁹⁹? Publique-o logo, sem receio. Acho que Você mantém muita insegurança quanto a seus méritos. Não há nenhum motivo para isso. Olhe que tenho sessenta anos de leitura e, firmado nesta autoridade, posso dizer-lhe que seu estilo é atraente, natural e inconfundível. Foi temperado em muitos anos de trabalho diário, graças a uma vocação indesejável.

Hoje em dia não é qualquer escritor que me agrada, e você eu leio com vivo interesse. Tanto que, de vez em quando, volto a seus livros, procuro-os na estante para consolar-me e edificar-me. E nisto não vai nenhum elogio.

Quanto a mim, digo-lhe que não tenho tempo de escrever¹⁰⁰. O trabalho no Tribunal é numeroso e contínuo. É uma bica, não pára. Tenho até a impressão de que o mineiro não faz outra coisa senão demandar e cometer crime. É impressionante. Estou sempre na expectativa de encontrar uma folga, folga que não

vem nem virá. Paciência...

Adeus, Gilberto.

Minha mulher manda lembranças a dona Sofia. Meu abraço fraterno do

Mário

B. H^{te}, 9/12/957

⁹⁹ Após esta data referente à missiva, sabe-se que Gilberto de Alencar teve mais três obras publicadas: **Tal dia é o batizado**, **Reconquista** e **O escriba Julião de Azambuja**. Contudo, Mário Matos devia estar se referindo à publicada mais proximamente à escrita desta correspondência. Infere-se, portanto, que se trate da primeira aqui citada, **Tal dia é o batizado**, publicada pela editora Itatiaia no ano de 1959.

¹⁰⁰ De fato, Matos não publicou livro algum após tal data. Aliás, sua última obra publicada fora, em 1949, o livro de contos **Casa das três meninas**. Constata-se, porém, que o referido autor escreveu crônicas para o Suplemento Literário do periódico **Minas Gerais** em 1966, o que demonstra que Mário Matos não havia parado completamente de escrever após esta missiva datada de dezembro de 1957.

Carta 18¹⁰¹

Nota de transcrição da carta 18/18.

MM a GA

Lote: 1939 a 1957.

Ano: sem data.

MAMM 823/2010.

A dimensão do documento é de 16 cm de largura x 23,8 cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege; há marcas de dobras; 3 folhas frente numeradas manuscritamente; papel de seda; documento manuscrito a tinta preta; há 2 furos descentralizados na margem esquerda de cada folha.

Meu caro Gilberto,

Estou em grande falta com você, deixando de responder em tempo as suas duas cartas. É que me assaltou uma nevralgia facial tremenda e tive que guardar o leito vários dias, em completo repouso, a conselho médico. Por mal dos pecados, assim que melhorei, fui a um almoço na Pampulha, e a coisa veio de novo, tremenda.

Colocarei o seu livro em todas as livrarias de B. Horizonte, onde tenho relações boas. Só ontem é que pude escrever a nota para a Alterosa¹⁰², mas creio que ainda saia em dezembro. Se [não] for em dezembro, em janeiro é certo. Conforme lhe prometi, escreverei um artigo sobre o seu romance e pedirei aos amigos apreciações nos jornais daqui. O livro fará sucesso, Você vai ver.

É bem aceito, tem estilo atraente e é muito humano. Aliás, é o seu gênero, pode crer.

– Tenho um livro de contos pronto, porém não sei quando o publicarei. Ando num esgotamento nervoso terrível, por excesso de trabalho. Nada me agrada, vivo agora numa tristeza e solidão que me acalcanham. E por cima, ainda bastante doente. O ato de escrever, que me era agradável, está se tornando doloroso.

Você me desculpe a demora nesta resposta e nas providências. É porque estou mesmo num estado deplorável, com os nervos em pandarecos. Nas próximas férias, talvez darei um pulo aí, pois estou precisando de distrair-me, de fugir do meio em que vivo.

Tenho falado com muita gente a respeito do seu romance. Vou pedir ao

Frieiro para lê-lo e comentá-lo¹⁰³.

Adeus, Gilberto.

Um abraço do seu velho am^o

Mário Matos

¹⁰¹ Nota a fim de justificar a data aproximada desta missiva. Os fatos mencionados a seguir estão em ordem cronológica, conforme estes aconteceram realmente, de acordo com estudos e análises feitos pela pesquisadora na preocupação de contextualizar, dentro do lote, esta carta, e facilitar a leitura/compreensão dos futuros leitores desta troca epistolar. À **Carta 10**, datada de 14 de setembro de 1946, Matos aborda os seguintes assuntos: excesso de trabalho, leitura vagarosa do romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, promessa de escrever um artigo sobre o referido livro do correspondente. Na **Carta 18**, sem data até então, Matos menciona pela primeira vez a enfermidade que o assaltara; diz que colocaria o romance em algumas livrarias de Belo Horizonte; assunta que a nota que escrevera para a **Alterosa** sairia possivelmente ainda em dezembro; cita o artigo que fora prometido na carta anterior; aborda suas férias, sendo possível inferir que as mesmas estariam próximas. Já na **Carta 11**, datada de 07 de dezembro de 1946, o remetente diz, além de outras coisas, que já conversara com os livreiros, assunto já abordado na carta anterior; remete à enfermidade que mencionara na Carta 18, afirmando permanecer ainda doente; retoma a questão das férias, desta vez encontrando-se mais próximas. Pode-se observar, ainda, que estas três cartas possuem as mesmas características em seus fólios: foram redigidas em papel de seda com dois furos em suas laterais, numeradas manuscritamente e não possuem pautas. Tais elementos, em conjunto, apenas coexistem nestas epístolas específicas.

¹⁰² Foram realizadas pesquisas nas edições disponibilizadas da revista **Alterosa** mais próximas à data desta missiva. Não se localizou, entretanto, possível nota que Matos tenha dirigido a Alencar ou a suas obras. Encontrou-se, todavia, na seção **Vitrine literária**, em fevereiro de 1947, distinto texto de Cristiano Linhares abordando o livro recém-publicado de Gilberto de Alencar: **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**. Nesta publicação de Linhares, encontram-se comentários

acerca do gênero romance, inserindo, em seguida, o seguinte parecer ao romance alencariano em questão:

[...] o escritor mineiro, Gilberto de Alencar, que se dedicou às letras desde mocinho, acaba de publicar “Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho”, que representa uma séria reconstrução da vida patriarcal do interior de Minas do século passado. É um livro que há de ficar. Bem escrito, contendo observações interessantíssimas do nosso “hinterland” com personagens de carne e osso, cheio de pensamentos finos a respeito dos choques do mundo, “Memórias” vêm colocar o autor, sem o menor exagero, entre os grandes romancistas do Brasil. Há neste livro um alto depoimento humano, há nêle essa melancolia filosófica que unicamente se nota na pena dos grandes prosadores. Começa por ser admiravelmente escrito, vazado numa linguagem ao mesmo tempo correta e natural, que empolga o leitor. Certas páginas podem mesmo entrar para a antologia. As figuras são de uma realidade comovida e vivem a vida transposta da arte com um vigor humano cheio de sedução. Não tem havido o menor reclame desta obra, o que mostra a antiga modéstia de Gilberto de Alencar, que sempre foi recatado e cheio de pudor nessas coisas. Aqui nesta secção, que modéstia à parte, é um pequeno tribunal de justiça literária, recomendamos com confiança a leitura do romance de Gilberto, um dos melhores livros dêstes últimos tempos (LINHARES, 1947, p. 42).

¹⁰³ Foram realizadas pesquisas objetivando encontrar o referido comentário de Eduardo Frieiro à esta época; contudo, não se localizou. Encontrou-se, entretanto, em 01 de junho de 1963, no **Correio da Manhã**, extenso artigo escrito por Frieiro assuntando Gilberto de Alencar e suas obras, incluindo o mencionado romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**. Foram selecionados, portanto, do referido artigo localizado, fragmentos em que Eduardo Frieiro tece seus comentários a respeito da citada obra (ANEXO G).

4 CONCLUSÃO

Desde o primeiro contato que se teve com as epístolas escritas por Mário Matos e remetidas a Gilberto de Alencar, foi possível perceber um incrível potencial para pesquisa nelas contido. Nestas missivas, inicialmente, observou-se mais explicitamente os assuntos de cunho literário: conversas sobre a publicação de uma novela numa renomada revista de Belo Horizonte, a **Alterosa**; a trajetória para publicação do romance alencariano **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**; abordagens acerca de uma **Academia** que, ao olhar amador, nem se sabia ao certo à qual instituição se referia.

No decorrer da pesquisa houve a necessidade de se aprofundar no contexto histórico em que estavam inseridos os correspondentes. Para tal, foi realizado um extenso e minucioso trabalho investigativo nos periódicos da época, os quais constataram grande parte do conteúdo relatado nas missivas. Na tentativa de preservar a memória e alguns textos que permaneceram por tanto tempo escondidos em periódicos já não mais existentes, foi realizada a transcrição de notícias jornalísticas pertinentes aos temas mencionados por Matos, bem como de textos publicados por renomes da literatura, opiniões sobre obras e sobre autores, traços biográficos e bibliográficos de personalidades já esquecidas na história.

Ao realizar a edição de fontes das missivas do lote trabalhado, foram explicados e confirmados diversos fatos e acontecimentos relatados por Matos. A título de comprovação, cita-se a tão mencionada inauguração do monumento a Belmiro Braga, que, após investigações, foi ratificada a presença do acadêmico Gilberto de Alencar, conforme assuntou Mário Matos. Confirmou-se, ainda, a questão levantada por Matos a respeito da bipartição que a novela de Alencar sofreria, verificando-se que ela, de fato, teve seu conteúdo dividido em mais de uma edição da revista. Validou-se, também, por meio de notas da filha de Alencar, o frágil estado de saúde em que ele se encontrava durante determinado período.

Dificuldades foram enfrentadas na elaboração desta dissertação. Pelo fato de se tratar de um documento histórico e datado, as epístolas demandaram um cuidadoso manuseio, mesmo apresentando bom estado de conservação. Já com relação a outro documento físico utilizado como fonte primária nesta investigação, o jornal **Diário Mercantil**, observou-se que este estava bastante deteriorado, fazendo com que seu manuseio fosse fiscalizado pela bibliotecária do Arquivo Histórico da

Prefeitura Municipal de Juiz de Fora. Os periódicos consultados digitalmente puderam ser trabalhados livremente. Contudo, por se tratarem de digitalizações de documentos físicos que já sofreram ação do tempo, muitas edições estavam ilegíveis, rasgadas e rasuradas.

Outros problemas foram verificados com relação à acessibilidade de alguns documentos. O acesso às cartas, em suas cópias e originais, foi, de início, intensamente controlado pela funcionária do Museu de Arte Murilo Mendes, estando a pesquisadora restrita a verificar apenas um documento por vez. Os fólios originais foram manuseados apenas quando solicitado, e sua utilização permaneceu fortemente supervisionada e controlada, apesar do bom estado de conservação em que se encontravam. Já com relação aos materiais digitalizados, a Biblioteca Nacional possui um sistema que possibilita o acesso por meio de buscas utilizando filtros como o **Nome do periódico**, **Período publicado**, a **Localização de publicação** e o **Conteúdo que se deseja encontrar**. No entanto, a ferramenta que realiza a busca por conteúdo por vezes não localiza termos, levando a pesquisadora a buscá-los um a um. O Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH) disponibiliza, digitalmente, edições da Alterosa, no entanto, as consultas ao periódico têm de ser realizadas sem nenhuma ferramenta de busca, ou seja, página por página, o que dificultou a pesquisa. Além disso, o acervo da mencionada revista não se encontra completo, impossibilitando que fosse localizada, por exemplo, a conclusão da novela **O retrato da sala de visitas**. Outra dificuldade foi verificada ao se procurar por informações como a presidência no ano de 1939 da Academia Mineira de Letras. Em telefonema datado de 08 de maio de 2017 para a referida instituição, a funcionária Marília disse não haver tal dado nos registros da própria Academia; contudo, a pesquisadora conseguiu localizar a resposta buscada ao realizar aprofundadas pesquisas em periódicos referentes à época em questão.

O trabalho realizado nesta investigação levou em consideração as teorias da Crítica genética e o estudo epistolográfico, já que ambos permitiram a revelação de fatos, pensamentos, opiniões de correspondentes que só puderam ser compreendidos por meio da leitura de cartas. É importante salientar que esta pesquisa não teria sido possível sem a existência do acervo de Gilberto de Alencar e sua preservação e conservação pelo MAMM, o qual recebeu e armazenou adequadamente as epístolas utilizadas nesta edição de fontes. Esta investigação, por meio de pesquisas acerca dos literatos, construção de notas explicativas e

transcrições, apresentou novos dados de cunho literário e mostrou distintos traços característicos e marcantes de ambos os signatários, além de contribuir para a preservação da memória e de trazer à luz os escritores Gilberto de Alencar e Mário Matos, que não possuem a fama merecida nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

1º DISTRITO eleitoral. **A Província de Minas**, Ouro Preto, ano V, n. 230, p. 2, 24 out. 1884.

A ATA da convenção política de 8 de abril realizada em Belo Horizonte. **Lavoura e Comércio**, Uberaba, ano XLV, n. 10.817, p. 3, 14 abr. 1945.

ACADEMIA Mineira de Letras. **Ilustração Brasileira**, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 11, p. 44, mar. 1936.

ACADEMIA Mineira de Letras. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano LXVII, n. 204, 1º caderno, p. 6, 03 set. 1957.

ACADEMIA Mineira de Letras. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano XVI, n. 130, p. 1, 03 jun. 1911.

ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS. **Os acadêmicos**. Belo Horizonte. Disponível em: <<http://academiamineiradeletras.org.br/cadeiras/>>. Acesso em: 23 maio 2017.

A CASA das três meninas. **Alterosa**, Belo Horizonte, ano XI, n. 112, p. 151, ago. 1949.

A <<EDITORA Agir>> vai publicar as obras de Gilberto de Alencar. **Folha Mineira**, Juiz de Fora, ano XXIII, n. 2.645, p. 1, 03 out. 1956.

AFONSO Guimarães, um romancista esquecido. **Letras e Artes: Suplemento Literário de A Manhã**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 114, p. 12, 06 fev. 1949.

ALENCAR, Cosette de. Páginas escolhidas. **Alterosa**, Belo Horizonte, ano XVI, n. 180, p. 69, 15 fev. 1954.

_____. Recado. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, ano XLV, n. 13.186, p. 6, 04 dez. 1956.

ALENCAR, Gilberto de. Um “novo” de valor. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano XLVII, n. 307, p. 1, 27 dez. 1912.

ALENCAR, Gilberto de. **Cidade do sonho e da melancolia**. Juiz de Fora: Typ. Brasil, 1926.

_____. **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**. Juiz de Fora: Of. Gazeta Comercial, 1946.

_____. O retrato da sala de visitas. **Alterosa**, Belo Horizonte, ano VIII, n. 73, p. 34-39, maio 1946a.

_____. O retrato da sala de visitas. **Alterosa**, Belo Horizonte, ano VIII, n. 74, p. 34-39, jun. 1946b.

_____. **Misael e Maria Rita**. Juiz de Fora: Montanheza, 1953.

_____. Usemos os cotovelos... **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, ano XLIV, n. 12.834, p. 2, 24 set. 1955.

_____. Juiz de Fora no princípio do século. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano XXXVII, n. 10.983, [3ª seção], p. 7, 28 jun. 1956.

_____. **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1957.

_____. **Tal dia é o batizado**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1959.

_____. **Reconquista**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

_____. **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**. 4ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1970.

_____. **Cidade do sonho e da melancolia**. 2ª ed. Juiz de Fora: IHGJF, 1971.

ALMANAK LAEMMERT. Rio de Janeiro, ano 91, 1935.

ALMANAK LAEMMERT. Rio de Janeiro, ano 93, 1937.

ALTEROSA.

Disponível em: <<https://issuu.com/apcbh>>. Acesso em: 11 jan. 2017.

ALTEROSA. **FonFon**, Rio de Janeiro, ano XXXVIII, n. 33, p. 10, 18 ago. 1945.

ALVARENGA, Vanilda Cardoso de. O poeta e o crítico: correspondência de Murilo Mendes e Antonio Candido. In: OLIVEIRA, Paulo Roberto Soares de (Org.). **Café com pão de queijo**: um encontro com a literatura mineira e brasileira. Juiz de Fora: América Gráfica e Editora Ltda, 2014. p. 268-279.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Imagem de escritor mineiro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano LXVI, n. 22.619, 1º caderno, p. 6, 30 dez. 1966.

ANTONIO Torres. **A Nação**, Rio de Janeiro, ano II, n. 464, p. 12, 18 jul. 1934.

AS ELEIÇÕES na Academia Mineira de Letras. **Alterosa**, Belo Horizonte, ano XI, n. 109, p. 148, maio 1949.

ATHAYDE, Tristão de. O poeta. **Jornal do Dia**, Porto Alegre, ano VIII, n. 2.260, p. 15, 15 ago. 1954.

AUTOR de uma obra. **Vida Doméstica**, Rio de Janeiro, ano XX, n. 274, p. 14, jan. 1941.

A VIDA de Goethe. **Letras e Artes**: Suplemento Literário de **A Manhã**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 135, p. 5, 28 ago. 1949.

BARBOSA, Leila; RODRIGUES, Marisa. **Letras da cidade**. Juiz de Fora: FUNALFA, 2002.

BARROS, José D'Assunção. Fontes históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a pesquisa histórica. **Mouseion**: Revista Eletrônica do Museu e Arquivo La Salle, n. 12, maio-ago. 2012, p. 129-159. Disponível em: <<http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/332>>. Acesso em: 15 dez. 2016. ISSN: 1981-7207

BARULHO para entrar na Academia. Suplemento do **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 124, n. 184, p. 8, 07 ago. 1949.

BIBLIOTECA PÚBLICA ATALIBA LAGO. **Ataliba Lago**. [Divinópolis], [201-?]. Disponível em: <<http://177.69.246.150:8182/biblago/ataliba.html>>. Acesso em: 31 maio 2017.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. [20--?]. Disponível em: <<http://oslusíadas.org/x/>>. Acesso em: 29 maio 2017.

CANDELÁRIA reza hoje missa por Afonso Pena Jr. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano LXVII, n. 23.015, 1º caderno, p. 7, 18 abr. 1968.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. Entre o tradicional e o moderno: os femininos na revista Vida Doméstica. **Revista Gênero**, Niterói, v. 9, n. 2, p. 103-134, 1. sem. 2009.

CARVALHO, Maria Regina de Souza. **A correspondência de Enrique de Resende a Cosette de Alencar no ano de 1964**: eu, ela e os outros. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

CASTRO, Batista de. Um romance evocativo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano XLVII, n. 16.356, 2ª seção, p. 3, 29 fev. 1948.

COMO êles se vêem. **FonFon**, Rio de Janeiro, ano 50, n. 2.606, p. 9, 07 maio 1957.

CONDÉ, José. Gilberto de Alencar. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano LXII, n. 21.487, 2º caderno, p. 2, 23 abr. 1963.

CONDENADO por haver beijado a namorada. **A Noite**, Rio de Janeiro, ano XXXI, n. 10.693, p. 2, 16 nov. 1941a.

CONDENADO por ter beijado a namorada. **Correio do Paraná**, Curitiba, ano IX, n. 4.338, p. 1, 20 nov. 1941b.

CONSTERNAÇÃO em Minas com a morte secretário interior, prof. Casassanta. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano LXII, n. 21.469, 1º caderno, p. 2, 31 mar. 1963.

CORÇÃO, Gustavo. O humorismo. **Revista de Cultura**: Suplemento Literário de **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano XXII, v. 28, p. 137-154, jul.- dez. 1942.

CORÇÃO, Gustavo. Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho. **Letras e Artes: Suplemento Literário do Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XXVII, n. 10.531, p. 1, 10-11 mar. 1957.

CORREIO DO PARANÁ. Curitiba, ano 1, n. 1, 09 abr. 1932.

COSETTE Alencar. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano LXXXIII, n. 95, 1º caderno, 2º cliché, p. 7, 12 jul. 1973.

DIÁRIO DA NOITE. **Dicionário da elite política republicana** (1889-1930). FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/CPDOC. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica/3>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS (Rio de Janeiro). **Dicionário da elite política republicana** (1889-1930). FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/CPDOC. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica/3>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

DR. FERNANDO de Alencar. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 11, p. 1, 13 jan. 1911.

DRUMMOND, o poeta maior, morre no Rio e será enterrado ao meio-dia. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, ano XXXVII, n. 11.678, p. 3, 18 ago. 1987.

FALECEU o escritor Gilberto de Alencar. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, ano L, n. 14.396, p. 1, 5-6 fev. 1961.

FEDERAÇÃO, A. **Dicionário da elite política republicana** (1889-1930). FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/CPDOC. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica/3>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

FERNANDES, Livia; COUTINHO, Iluska. TV Mariano Procópio no Diário Mercantil: estratégia de atrair o público para a telinha. **Mídia alternativa e alternativas midiáticas** / 7º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Fortaleza: Unifor, 19 a 21 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/TV%20Mariano%20Procopio%20no%20Diario%20Mercantil.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

FERREIRA, Alessandra; RODRIGUES, Iara. **Outros ângulos de uma mesma Savassi**. [S.l.], 2012.

Disponível em:

<<http://jornalismodecombate.blogspot.com.br/2012/05/outros-angulos-de-uma-mesma-savassi.html?view=sidebar>>. Acesso em: 21 jul. 2016.

FILHO, Aires da Mata Machado. O romancista Gilberto de Alencar. **Letras e Artes: Suplemento Literário do Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XXXII, n. 11.953, p. 5, 29 out. 1961a.

_____. Correspondência de Belo Horizonte. **Letras e Artes: Suplemento Literário do Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XXXII, n. 11.981, p. 6, 3-4 dez. 1961b.

FOGAÇA, Renata Martins. Literatura e gastronomia: as crônicas de Nina Horta. In: OLIVEIRA, Paulo Roberto Soares de (Org.). **Café com pão de queijo: um encontro com a literatura mineira e brasileira**. Juiz de Fora: América Gráfica e Editora Ltda, 2014. p. 220-237.

FONDO ANRIO, XX PH - **Correio da Manhã**. [19--?].

Disponível em: <<http://atom.ippdh.mercosur.int/index.php/correio-da-manha>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

FREITAS, Geraldo de. No mundo dos livros. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano XXV, n. 21, p. 57, 07 mar. 1953.

FRIEIRO, Eduardo. Rodovalho, Azambuja & Cia. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano LXII, n. 21.520, 1º caderno, p. 9-10, 01 jun. 1963.

GALVÃO, Walnice Nogueira. À margem da carta: entrevista [22 maio 2007]. Entrevistador: Marcos Antonio de Moraes. **Teresa**: revista de literatura brasileira 8/9. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, 2008. p. 14-29.

GAZETA DE PARAOPEBA. Vila Paraopeba, ano 25, n. 1.384, 03 nov. 1935.

GRUPO EDIOURO. **Apresentação**. [S.l.], [20--?].

Disponível em: <<http://www.ediouro.com.br>>. Acesso em: 24 out. 2016.

GRUPO EDITORIAL RECORD. **José Olympio**. [S.l.], [20--?].

Disponível em:

<http://www.record.com.br/grupoeditorial_editora.asp?id_editora=3>. Acesso em: 22 maio 2017.

GUSTAVO, Paulo. Último bandeirante. **O Malho**, Rio de Janeiro, ano XXXIV, n. 125, p. 52, 24 out. 1935.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. Tradução Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 623, 2005.

HOMENAGEM à memória de Belmiro Braga. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano XLIX, n. 90, p. 11, 18 abr. 1939.

JORNAL Lavoura e Comércio. [S.l.], [201-]. Disponível em:

<<http://www.codiub.com.br/lavouraecomercio/pages/main.xhtml>>. Acesso em: 21 jul. 2016.

JUBILEU do jornalista Gilberto de Alencar. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, ano XXVII, n. 5.801, 1ª seção, p. 7, 04 fev. 1955.

JUIZ de Fora terá uma herma do seu poeta. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, ano XI, n. 3.832, p. 3, 20 dez. 1939.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à *internet*. Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008 (Humanitas).

LIMA, Raul. Memórias sem malícia. **Letras e artes**: Suplemento Literário do **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XXVII, n. 10.492, p. 3, 20-21 jan. 1957.

LINHARES, Cristiano. Um livro para você. **Alterosa**, Belo Horizonte, ano IX, n. 82, p. 42, fev. 1947.

“LIVRARIA Minas Gerais”. **O Cruzeiro**: revista semanal ilustrada, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 20, p. 41, 60, 11 mar. 1944.

LIVROS. **A Ordem**, Rio de Janeiro, vol. LVII, n. 6, p. 68, jun. 1957.

LUSO, João. Casa das três meninas. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, ano XLVIII, n. 33, p. 10, 13 ago. 1949.

“LUZ efêmera”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano LVII, n. 19.957, 1º caderno, p. 4, 19 abr. 1958.

MANHA, A. **Dicionário da elite política republicana (1889-1930)**. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/CPDOC. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica/5>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

MÁRIO Matos sepultado em Minas Gerais. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano LXVI, n. 22.618, 2º caderno, p. 10, 29 dez. 1966.

MATOS, Mário Gonçalves de. **Dicionário da elite política republicana (1889-1930)**. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/CPDOC. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica/5>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

MATOS, Mário. **O último bandeirante**. Belo Horizonte: Os Amigos do Livro, 1935.

_____. **Machado de Assis: o homem e a obra – Os personagens explicam o autor**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939 (Coleção Brasileira, 5ª série da Biblioteca Pedagógica Brasileira, vol. 153).

_____. [carta] 09 maio 1939, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 2f.

_____. [carta] 10 jul. 1939, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 1f.

_____. [carta] 14 nov. 1940, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 2f.

_____. [carta] 30 jan. 1945, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 1f.

_____. [carta] 16 abr. 1945, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 1f.

_____. [carta] 19 jun. 1945, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 2f.

_____. [carta] 17 dez. 1945, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 2f.

MATOS, Mário. [carta] 12 maio 1946, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 1f.

_____. [carta] 02 ago. 1946, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 1f.

_____. [carta] 14 set. 1946, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 3f.

_____. [carta] 07 dez. 1946, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 2f.

_____. [carta] [1946], Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 3f.

_____. **Casa das três meninas**. Belo Horizonte: Movimento Editorial Panorama. 1949.

_____. [carta] 16 abr. 1949, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 1f.

_____. Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho. In: ALENCAR, Gilberto de. **Misael e Maria Rita**. Juiz de Fora: Montanha, 1953. Quarta capa.

_____. [carta] 21 mar. 1954, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 4f.

_____. [carta] 19 dez. 1955, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 1f.

_____. [carta] 12 nov. 1956, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 4f.

_____. [carta] 22 mar. 1957, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 2f.

_____. [carta] 09 dez. 1957, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 2f.

MARQUES, Reinaldo. O arquivamento do escritor. In: SOUZA, Eneida M. de; MIRANDA, Wander M. (Org.). **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 141-156.

MENDES, Moema Rodrigues Brandão. Guarde as minhas cartas, Lúcio. In: NEVES, José Alberto Pinho et al (Org.). **Lúcio Cardoso: a escrita sem limites**. Juiz de Fora: MAMM/UFJF, 2016. p. 19-28.

MENDES, Oscar. Um romance clássico. In: ALENCAR, Gilberto de. **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**. 4ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1970. p. VII-XV.

MINAS Gerais tem novo Secretário de Interior. **Lavoura e Comércio**, Uberaba, ano XL, n. 8.199, p. 1, 10 jul. 1939.

MIRANDA e Castro. **Vida Doméstica**, Rio de Janeiro, ano 25, n. 313, p. 144, abr. 1944.

MONUMENTO a um poeta mineiro. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 1.685, seção 2, p. 7, 20 nov. 1940.

MORAES, Marcos Antonio de. **Orgulho de jamais aconselhar**: a epistolografia de Mário de Andrade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2007. p. 110-123.

_____. Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade: histórico e alguns pressupostos. **Patrimônio e memória**. UNESP-FCLAs-CEDAP. v. 4, n. 2, jun. 2009.

MORRE um intelectual mineiro. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, ano XLVIII, n. 12, p. 50, 19 mar. 1949.

MORREU Belmiro Braga. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, ano X, n. 2.701, p. 2, 02 abr. 1937.

MOVIMENTO literário. **A Cruz**, Rio de Janeiro, ano XXXVII, n. 1.980, p. 3, 20 fev. 1955.

<<NEM MELHOR nem pior: é diferente>>. **Alterosa**, Belo Horizonte, ano XIX, n. 271, p. 64, 01 dez. 1957.

NOBEL PRIZE. **André Gide - biographical**. [S.l.], [2014].

Disponível em:

<http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1947/gide-bio.html>.

Acesso em: 29 maio 2017.

NÓBREGA, Dormevilly. Calendário. **Folha Mineira**, Juiz de Fora, ano XXII, n. 2.350, p. 2, 19 jun. 1957.

NÓBREGA, Dormevilly. **Prosadores**. Juiz de Fora: Fundação Alfredo Ferreira Lage, 1982 (Juiz de Fora coletânea – Volume 1).

NOITE, A. **Dicionário da elite política republicana** (1889-1930). FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/CPDOC. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica/5>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

NONO Congresso Brasileiro de Geografia. **A Noite**, Rio de Janeiro, ano XXIX, n. 10.122, p. 4, 16 abr. 1940.

NOTA BENE. **Dicionário Aulete Online**. Lexikon Editora, [2008?]. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/nota%20bene>>. Acesso em: 29 maio 2017.

O ANNIVERSARIO de <<O Liberal>>, de Dores do Indaiá. **O Triângulo**, Araguay, ano XII, n. 635, p. 3, 10 mar. 1941.

O BUSTO do poeta Belmiro Braga em Juiz de Fora. **A Noite**, Rio de Janeiro, ano XXVIII, n. 9.768, p. 6, 20 abr. 1939.

O FALECIMENTO de Gilberto de Alencar. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano LX, n. 20.829, 1º caderno, p. 9, 18 fev. 1961.

O FRACASSO da arte no Brasil. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 109, n. 115, p. 3, 24 maio 1934.

OLAVO, Alberto. Villa Rica e o seu chronista. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano XLVII, n. 302, p. 1, 21 dez. 1912a.

_____. Carta aberta. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano XLVII, n. 306, p. 1, 26 dez. 1912b.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **História de vida**: entrevista [abr.-jun. 1991]. Entrevistador(es): Thaís Velloso Cougo Pimentel e Anny Torres. Belo Horizonte, 1991. Entrevista concedida ao projeto integrado Memória e História: visões de Minas da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiQq7mcifXTAhWBHZAKHV4vAkYQFggI MAE&url=http%3A%2F%2Fwww.fafich.ufmg.br%2Fhistoriaoral%2Findex.php%2Fpor%2FAcervo-de->>

entrevistas%2FHistoria-das-Cidades%2FAlaide-Lisboa-de-Oliveira&usg=AFQjCNHWuFyWa0UiZZT8Ke7YzMWIF9gs7w&sig2=8G9QVdbaRaP2qTbDKOCL3Q>. Acesso em: 16 maio 2017.

OLIVEIRA, João Ribeiro de. Misael e Maria Rita. **Gazeta de Paraopeba**, Paraopeba, ano 43, n. 2.317, p. 2, 27 set. 1953.

O MONUMENTO a Belmiro Braga em Juiz de F6ra. **A Noite**, Rio de Janeiro, ano XXX, n. 10.325, p. 7, 08 nov. 1940.

O NOVO Almanak Laemmert. **O Observador Econ6mico e Financeiro**, Rio de Janeiro, ano I, n. 12, p. 67, jan. 1937.

O PERSONAGEM persegue o autor. **O Cruzeiro**: revista semanal ilustrada, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 12, p. 20, 13 jan. 1945.

ORDEM, A. **Dicion6rio da elite pol6tica republicana (1889-1930)**. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/CPDOC. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica/6>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

POLLAK, Michael. Mem6ria e identidade social. In: **Estudos hist6ricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 200-212.

PREFEITURA DE DORES DO INDAIÁ. **Hist6ria da cidade**. Dores do Indai6, [20--?]. Disponível em: <<http://doresdoindaia.mg.gov.br/web/pagina.php?id=7>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. **Arquivo Hist6rico armazena exemplar mais antigo do jornal "O Pharol"**. Juiz de Fora, 2005. Disponível em: <<https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=2546>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

PRÊMIOS de literatura. **Alterosa**, Belo Horizonte, ano XVI, n. 178, p. 75, 15 jan. 1954.

QUEIROZ, Rachel de. Giroflê, Girofl6. **Di6rio do Paran6**, Curitiba, ano XVII, n. 4.926, p. 4, 09 dez. 1971.

QUEVEDO, Saigon. Gênero cartas pessoais: o lugar da ficção na não ficção de Caio Fernando Abreu. **Diversidade, empreendedorismo, inovação e transformação** / X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação da UniRitter – Laureate International Universities. Porto Alegre: UniRitter, 2014. ISBN: 978-85-60100-88-0. Disponível em: <https://www.uniritter.edu.br/uploads/eventos/sepesq/x_sepesq/arquivos_trabalhos/2968/185/161.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2017.

REIS, Claudia Barbosa. Museus voltados para a literatura: ainda um desafio no Brasil. **Verbo de Minas** / Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – Programa de Pós-graduação. v. 11, n. 19. CES/JF: Juiz de Fora, 2011. p. 255-270.

ROMANCE de Tiradentes. **Letras e Artes: Suplemento Literário do Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XXX, n. 11.340, p. 3, 01-03 nov. 1959.

SANTOS, Marcelo dos. O amador de poemas e o poeta: a correspondência entre Lauro Escorel e João Cabral. In: **Verbo de Minas** / Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – Programa de Pós-graduação. v. 11, n. 19. CES/JF: Juiz de Fora, 2011. p. 143-154.

SANTOS, Matildes Demétrio dos. **Ao sol carta é farol**. A correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas. São Paulo: Annablume, 1998.

SERÁ sepultado hoje o ex-senador Benedito Valadares. **Diário da Tarde**, Curitiba, ano 74, n. 21.877, p. 2, 03 mar. 1973.

SILVA, Álvares da. Artistas mineiros. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 2, p. 57-58, 30 out. 1948.

SILVA, Sérgio Conde de Albite. A preservação da informação: um cenário em arquivos e bibliotecas. **Verbo de Minas** / Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – Programa de Pós-graduação. v. 11, n. 19. CES/JF: Juiz de Fora, 2011. p. 241-254.

SOUZA, Adalberto de Oliveira. Crítica genética. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, v. 1, 2009, p. 287-300.

SOUZA, Eneida Maria de. **Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. (Humanitas).

SOUZA, Maria Claudia Helena de. **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho, de Gilberto de Alencar, e O Ateneu, de Raul Pompéia - leitura em movimento**: incursões intertextuais e arquivo pessoal. 2013. Dissertação (Mestrado em letras) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

SPALDING, Walter. Belmiro Braga. **A Federação**, Porto Alegre, ano LIV, n. 85, p. 3, 13 abr. 1937.

SUCESSÃO mineira. **Lavoura e Comércio**, Uberaba, ano XXXVIII, n. 7.305, p. 4, 22 ago. 1936.

TRIBUNAL de Contas de Minas Gerais. **A Federação**, Porto Alegre, ano LII, n. 56, p. 1, 10 ago. 1935.

UM EXPOENTE da intelectualidade mineira. **Vida Doméstica**, Rio de Janeiro, n. 250, p. 56, jan. 1939.

VASCONCELLOS, Eliane. Intimidade das confidências. **Teresa**: revista de literatura brasileira 8/9. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, 2008. p. 372-389.

_____. Apresentação. In: SANTOS, Marcelo; VASCONCELLOS, Eliane (Org.). **Arquivo, manuscrito e pesquisa**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014a. p. 7-10 (Coleção FCRB Estudos - 16).

_____. Patrimônio literário: formação, preservação e pesquisa. In: SANTOS, Marcelo; VASCONCELLOS, Eliane (Org.). **Arquivo, manuscrito e pesquisa**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014b. p. 83-96 (Coleção FCRB Estudos - 16).

VERDADES indiscretas. **A União**, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 3, p. 3, 08 jan. 1922.

VIAJANTES entre nós. **Abaeté Jornal**, Abaeté, ano VIII, n. 34, p. 4, 30 maio 1943.

VIANNA, Renato. A cidade morta, a cidade imortal. **A Manhã**, Rio de Janeiro, ano III, n. 328, p. 6, 16 jan. 1927.

VILLAÇA, Antônio Carlos. Gustavo Corção: matemático tranquilo, polemista vulcânico. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano LXXXIVVV, n. 90, caderno B, p. 1, 07 jul. 1978.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. **Da amizade**: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

ANEXO A – Publicações em periódicos da época que confirmam a elevação do monumento homenageando o poeta Belmiro Braga.

Houve publicação no **Jornal do Brasil**, em abril de 1939, dizendo que seus “amigos e admiradores” seriam os patrocinadores “para a ereção do busto do saudoso poeta” (HOMENAGEM..., **Jornal do Brasil**, 1939, p. 11). Dois dias depois, em matéria mais completa que esta, o periódico **A Noite** registrou uma ocasião que reunia personalidades – entre elas, Gilberto de Alencar – a fim de homenagearem Braga:

[...] em meio de geral animação, foram eleitas a comissão promotora, composta de autoridades, representantes de classes e educadores, e a comissão executiva, que ficou assim constituída: Gilberto de Alencar, presidente; Augusto Gribel, secretario geral; Danilo Breviglieri, secretario e Paulino de Oliveira, tesoureiro (O BUSTO..., **A Noite**, 1939, p. 6).

Neste mesmo ano, no periódico **Diário da Noite**, observa-se, também, esta questão: “Prosegue com grande interesse, o movimento organizado em Juiz de Fora a fim de erguer um monumento á memoria do poeta Belmiro Braga” (JUIZ..., **Diário da Noite**, 1939, p. 3), mostrando que tal ideia de erguerem o referido monumento encontrava-se ainda em fase de amadurecimento. Aproximadamente um ano após tal publicação no periódico citado, o **Vida Doméstica** publicou, acompanhado de uma foto, o seguinte:

Autor de uma obra poetica cujo sentido, singelo, desataviado, é a ressonancia do sentimento popular brasileiro montanhês, Belmiro Braga por essa razão mesma, veio a ter em vida a consagração do bronze na sua terra natal, Juiz de Fóra. Aí está o monumento que se levanta na cidade industrial entre chaminés fabris, por entre o ruido de teares: Belmiro Braga encimando uma figura de mulher que tantas vezes comparece nos seus poemas (AUTOR..., **Vida Doméstica**, 1941, p. 14).

ANEXO B – Transcrição da biografia de Mário Gonçalves de Matos contendo novas informações a seu respeito registradas no periódico **Lavoura e Comércio**.

Por decreto de 5 do corrente, o sr. dr. Benedito Valadares Ribeiro, ilustre governador de Minas, nomeou para o cargo de secretario do Interior do Estado, em substituição ao sr. dr. José Maria de Alkmin, o sr. dr. Mario Gonçalves de Matos.

Moço ainda; portador de admiraveis predicados de carater e de cultura, o sr. dr. Mario Gonçalves de Matos é uma das mais brilhantes afirmações da moderna geração de Minas, tendo prestado ao Estado, em varias investiduras que foram confiadas, os mais assinalados serviços.

O novo secretario do Interior é filho do cel. Antonio Pereira de Matos e de d. Maria Gonçalves de Souza Matos, e nasceu na cidade de Itauna, onde passou a infancia. Começou os estudos secundarios no Ginasio Mineiro desta capital, e, depois de conclui-los, matriculou-se na Faculdade Livre de Direito do Distrito Federal, pela qual se graduou em ciencias juridicas.

Regressando á sua terra natal, ali advogou por algum tempo, professando, na mesma ocasião, uma cadeira da Escola Normal local.

Sua vocação para as letras e o jornalismo cedo o impeliu para essas atividades. Em Juiz de Fóra, onde residiu, foi um dos redatores do “Diario Mercantil” e do “Jornal do Comercio”. No Rio, além de lecionar no Instituto Lafaiete e de trabalhar na Imprensa Nacional, pertenceu á redação do “Diario de Noticias”.

Em Itauna, seu berço natal, foi eleito vice-presidente da Camara Municipal, e, posteriormente, deputado estadual, no governo Raul Soares.

Fez parte, por livre escolha de seus pares, da Comissão de Finanças, sendo depois eleito vice-presidente da Camara dos Deputados.

Eleito deputado federal, em razão de sua atuação no legislativo mineiro, desempenhou o mandato com brilhantismo.

Em 1930 foi nomeado pelo presidente Olegario Maciel para a cadeira antopogeografia e historia universal da Escola Normal de Belo Horizonte. Deixou esse cargo em dezembro de 1933 para assumir a direção da Imprensa Oficial, a convite do governador Benedito Valadares.

Simultaneamente com as atividades publicas, o dr. Mario Matos tem feito notavel obra de cultura e pensamento, que se incorpora ao patrimonio da civilização brasileira, como uma das mais valiosas contribuições. Seu nome, como escritor, é de

projeção nacional, tal a significação dos livros que publicou, sobretudo os de ensaios, que revelam um estilista de extraordinários recursos e poderosa força de expressão. Seus dois livros “Último bandeirante” e “Machado de Assis”, este lançado recentemente, representam pontos culminantes da crítica literária brasileira.

O dr. Mario Matos é membro da Academia Mineira de Letras, da qual foi presidente (MINAS..., **Lavoura e Comércio**, 1939, p. 1).

ANEXO C – Transcrição de A NOVELA NACIONAL. Trata-se de **O retrato da sala de visitas**.

CAPÍTULO I

SEZEFREDO Lomba Vidigal, bacharel em direito, casou-se aos vinte e seis anos de idade, numa quarta-feira, oito de dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição, o civil em casa e o religioso no altar-mor da igreja da Glória, na cidade de Juiz de Fora, onde nascera. Casou-se é um modo de falar, porque o que êle realmente fêz, casando-se, foi ganhar a sua primeira grande causa. O dote da noiva era de trezentos contos de réis em apólices, e havia outros trezentos em perspectiva, ou ainda mais, como depois se verá. Ora, trezentos contos, mesmo desvalorizados, para um advogado que em perto de cinco anos de profissão não conseguira tirar o pé da lama, são decerto uma bela vitória. Vitória completa e agradável, realizada dentro de quatro meses, que tantos, não mais, foram os suficientes para o namôro, o noivado e o casamento.

Certa noite de agosto, noite ainda muito fria para a estação já adiantada, Sezefredo Lomba Vidigal, no café que habitualmente frequentava na rua Halfeld, esquina da avenida Rio Branco, em conversa com o amigo, soube que no bairro do Botanagua, do outro lado do Paraibuna, estava morando uma viúva rica, fazendeira, com uma filha casadoura, pequena muito bonita e cheia do dinheiro.

Sezefredo, que até ali palestrava um tanto distraído, como que despertou ao fim da frase do interlocutor.

– Cheia do dinheiro, Luiz?

Luiz de Freitas, cirurgião-dentista, tipo de homem grande, muito gordo, muito alto, fizera os preparatórios num dos colégios da cidade, onde fôra condiscípulo de Sezefredo.

– Então, cheia do dinheiro?

Freitas confirmou logo:

– Cheia, sim. Falam por aí em trezentos contos, herança do pai. E a mãe, além da fazenda e muita apólice, tem várias casas aqui e três ou quatro no Rio. E a pequena só tem um irmão.

– No duro?

– Pois então? Sei de tudo isso por minha mulher, que mantêm relações, desde solteira, com a viúva e a filha. Gente muito distinta. E a menina é mesmo bonita.

Sezefredo Vidigal não estava, evidentemente, fazendo lá muita questão de boniteza. Boniteza, no caso, era o que menos importava.

– Você acha fácil uma apresentação? Será que a pequena já tem namorado?

– Creio que não tem, não. E se você quiser ser apresentado, espere uns dias. A primeira vez que d. Laura e Lúcia forem lá em casa eu ligo telefone e você aparece, como quem vai visitar-me.

Luiz de Freitas gostava de Sezefredo, achava graça nêle, na sua pouca inteligência, nas suas escassas letras, no seu cinismo raro em homem ainda tão novo e sobretudo na sua vontade tenaz de romper, de ganhar dinheiro e posição, de ser alguma coisa na vida, ainda que por processos pouco lisos e inconfessáveis. O dentista não estava mal. Já casado, bem instalado na existência, com uma boa e numerosa clientela, as coisas corriam-lhe a contento, ao contrario do outro, advogado sem nome e sem causas, fazendo muito mal para vestir-se e morando ainda com os pais. Sentia-se superior e a superioridade gera a indulgência e a simpatia. E, depois, não custava nada fazer a apresentação, favorecer a caçada ao dote que o bacharel vinha tentando inutilmente há cinco anos. Quem sabe se, desta vez, daria certo?

– Você então não se esquece?

– Esqueço não, deixe por minha conta.

Os olhos de Vidigal brilharam, mexia-se todo na cadeira, esfregava as mãos, chegou a pedir mais café, êle que nunca pedia e esperava que os outros pedissem e pagassem.

– Você foi sempre muito bom camarada!

E depois de uma pequena pausa:

– Acha você que será ainda esta semana?

– E' possível. Talvez no sábado. Aos sábados elas quase sempre aparecem.

Luiz de Freitas mostrava-se visivelmente interessado em servir ao amigo sem sorte. Casara-se com moça pobre, de família humilde, outra superioridade sôbre o advogado e que cada vez mais o predispunha a protegê-lo na tentativa. Não custava nada a proteção ou custava muito pouco.

Vidigal batia-lhe nas costas carinhosamente, demonstrando muita gratidão antecipada.

– Camarada velho! Os amigos são mesmo para as ocasiões, não concorda? Você então no sábado telefona sem falta?

Luiz de Freitas telefonou sem falta no sábado à tarde. Sezefredo foi ao bairro de S. Mateus visitá-lo, lá encontrou a viúva e a filha, jantaram todos juntos, por insistência de d. Zuzú, mulher do dentista, e três dias depois, no Botanagua, o bacharel já passeava de noite com Lúcia, no escuro, o braço direito dêle colado ao braço esquerdo dela ao longo dos dois corpos, as mãos enclavinhadas e os rostos unidos, rua abaixo, rua acima, bem devagar para durar mais. Ao fim de uma semana dêsses passeios noturnos, d. Laura entendeu que não convinha continuar, porque as cozinheiras e arrumadeiras da vizinhança também passeavam à noite pelo bairro, muito agarradas a soldados do exército e da polícia.

– Uma pouca vergonha!

De fato era uma pouca vergonha muito grande das domésticas, um verdadeiro atrevimento das pretas e mulatas das redondezas, que tentavam imitar, assim sem mais nem menos, as moças de família.

Para que a filha não permanecesse sujeita a vexames deveras insuportáveis, dona Laura achou prudente franquear desde logo a casa ao dr. Vidigal. O namôro prosseguiu na sala de visitas, presidido por um quadro que pendia da parede, mesmo por cima do sofá estofado, uma fotografia ampliada do coronel Benevides Moreira Seabra. E assim, do alto, bem quieto dentro da sua moldura, o falecido pai de Lucia passou a vigiar, tôdas as noites, os coloquios intermináveis dos dois, sentados bem juntos no sofá em baixo, enquanto a viuva andava lá por dentro, só aparecendo a intervalos regulares, numa espécie de ronda destinada a reforçar a vigilância silenciosa e bem pouco eficaz do coronel no seu caixilho dourado.

Esta fase da sala de visitas foi um tanto mais longa do que a dos passeios no escuro, mas ainda assim durou pouco, porque já em princípios de outubro, ou por aí assim, Sezefredo e Lúcia estavam noivos e as conversas e projetos passaram a fazer-se na sala de jantar, em cujas paredes não havia nenhum retrato e sim uma oleografia da Ceia de Leonardo, em ponto grande.

D. Laura Moreira Seabra, se não demorou nada em concordar com o noivado, foi porque um doutor na família lhe parecia coisa altamente desejável e também porque as informações sôbre Sezefredo não eram más. Luiz de Freitas e d. Zuzú,

sobretudo, não poupavam gabos ao rapaz. Às vezes insinuavam um certo defeito que ele tinha, mas só o faziam por saberem que, dadas as circunstâncias, o defeito não era defeito, mas virtude. Sezefredo era seguro, possuía até fama, entre os amigos, de refinado pão-duro. Isto parecia de molde a tranquilizar muito sobre o destino dos trezentos contos, que nas mãos rôtas de outros pretendentes poderiam ir por água abaixo. Lúcia a seu turno, pensava que um homem formado sempre fazia mais vista no círculo das amigas e conhecidas, as quais em geral se contentavam, diante dos tempos bicudos, com empregados de bancos ou então com funcionários públicos de pequena categoria e pouco futuro. Vidigal era um advogado quase sem causas e inteiramente sem pecunia, sabia-se. O dote, porém, dava para tudo. Além disso, desde que deixara o colégio interno cinco anos antes, a vida, ora na fazenda, ora na cidade, lhe decorria muito monótona. O cinema, os bailes no clube, os romances para moças, os figurinos, um ou outro passeio ao Rio, os namorados que mudavam de mês em mês sem maiores consequências, tudo já se lhe afigurava muito páu... O casamento, aos vinte anos, seria um modo, segundo ela, infalível, de fugir àquela existência que a enfarava, com os seus dias iguais a serenos.

Sezefredo tratou de apressar as coisas.

Tratou mesmo de precipitá-las.

O noivado na sala de jantar, o esplêndido chá com torradas de tôdas as noites, o doce conchêgo em tórno à mesa, sob a lâmpada discreta, os jogos que se inventavam quando vinham o Freitas e d. Zuzú, as conversas até a hora de passar o último bonde para a cidade, tudo era muito bom, sem dúvida, mas as apólices, com que sonhava sem cessar, acordado ou dormindo, só estariam definitivamente garantidas depois da intervenção do padre e do juiz de paz, sobretudo dêste último.

– Isto de enxoval, dizia êle à noiva e à futura sogra, quanto mais simples melhor. Nada impede que se compre mais tarde o que por acaso ficar faltando.

D. Laura, embora estivesse disposta a gastar, para não fazer feio, achava que o bacharel não deixava de ter a sua razão. E agradava-lhe muito a parcimônia do noivo, vendo nela uma garantia para o dote, mais tarde.

Percebendo que podia contar com o apôio da viúva, Sezefredo propôs que se realizasse o casamento dentro de dois meses.

– E nada de festas, d. Laura. A senhora sabe muito bem como é essa gente. Por mais que se faça e por mais que se gaste, não falta quem saia falando, metendo a ronca. O melhor é não haver nada. A moda agora é receberem os noivos os

cumprimentos das pessoas amigas na igreja. Excelente moda. Devemos segui-la, a senhora não acha?

D. Laura achava. E Lúcia, que a princípio relutara, por ser de opinião que se devia realizar tudo de maneira brilhante e que provocasse a inveja e a admiração dos vizinhos, acabou achando também. O noivo afinal mostrava muito bom senso e não ficava bem contrariá-lo. Que ela, além do mais, não gostava de ser desmancha-prazeres.

Sezefredo Lomba Vidigal casou-se a oito de dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição, o civil em casa, na sala de visitas, sob a presidência do coronel Benevides, imóvel no seu caixilho dourado, e o religioso na igreja da Glória, onde uma chusma de convidados de ambos os sexos, capitaneada por d. Zuzú, atirou sobre êle e sobre Lucia, à saída, uma chuva de grãos de arroz com casca.

Estava ganha a primeira grande causa.

Outras haveriam de vir, que o bacharel, agora, pusera mesmo o pé na estrada certa.

CAPÍTULO III [sic]

A combinação fôra que a viagem de nupcias duraria um mês, mas uma semana depois o casal encontrava-se de volta, com grande surpresa de d. Laura, que até se assustou ao receber o telegrama avisando-a do regresso inesperado. Imaginou logo qualquer contratempo sério, alguma doença ou mesmo qualquer desastre. Mas não era nem desastre, nem doença, que os dois gozavam magnífica saúde. Os hotéis no Rio e em Petrópolis é que estavam caríssimos, não se falando no preço incrível dos restaurantes, das corridas de automóvel, das diversões. Um tal de gastar dinheiro que parecia não ter fim. E Sezefredo tratou imediatamente de encurtar de dois têrços, ou mais, o prazo marcado.

– Foi melhor assim, d. Laura. O Rio, em dezembro, é um forno. E Petrópolis só dá estrangeiro. Lucia também não revelava lá muita vontade de continuar... Depois, a senhora sabe, sempre é melhor passarmos o Natal todos juntos.

No mesmo dia do regresso instalou-se o casal na residência, inteiramente reformada e mobilada de novo, que d. Laura dera de presente à filha no dia do casamento. Era uma casa confortável e mais ou menos a duzentos metros do palacete da viúva, o que tornava mais suportável a separação.

Ao percorrer os cômodos em companhia de Lucia, que soltava gritinhos de surpresa e de prazer diante dos objetos valiosos e finos que o carinho materno

andara espalhando um pouco por tôda parte do novo lar. Sezefredo ia examinando os móveis, as louças, os cristais, os tapetes, tudo do bom e do melhor, e sentia-se como que imerso num grande bem estar, numa ampla sensação de felicidade completa. Veio-lhe então à lembrança num instante, tôda a dura vida de estudante que levava no Rio, vida de privações de tôda a sorte, as médias de café com leite à guisa de almôço, os ternos sovados, os sapatos rotos, a mesada de cento e cinquenta cruzeiros que o pai lhe mandava de má vontade, os empregos muito precários e muito subalternos que arranjava aqui e ali para ganhar mais alguns cobres, a pensão de quinta ordem da rua de S. Pedro, onde em mangas de camisa comiam portugueses suarentos, o quarto muito acanhado, com dois e às vêzes três companheiros...

Tôdas as humilhações, todos os sofrimentos, tôdas as amarguras daquele periodo ainda recente perpassaram-lhe pela memória, num relance, sobretudo a recordação de tantos prazeres, diurnos e noturnos, ao lado dos quais havia estado, jejuando sempre, no tumulto da grande cidade. E agora, dentro do prédio que era seu, junto da mulher que era sua, entre a mobília luxuosa que lhe pertencia, com as trezentas apólices já no banco em seu nome, rendendo juros, êle era feito o homem egoísta que numa noite muito fria e muito escura, numa noite de chuva e de ventos cortantes, como que se sente ainda mais agasalhado e mais seguro, no seu leito macio e nos seus cobertores felpudos, ao pensar nos pobres diabos que andam lá fora pelas ruas sem capa, sem dinheiro e sem destino.

Estavam acabadas, bem acabadas, as humilhações, inclusive a amarga humilhação que, depois de formado, teve que aguentar em casa dos pais, durante os últimos quatro ou cinco anos, em que a advocacia só lhe dera alguns magros inventários, muito pedidos, muito suplicados.

O pai, volta e meia, falava naquilo de nunca o filho ganhar dinheiro que prestasse, que valesse a pena. Manuel Vidigal, português, viera de Celórico de Basto para o Brasil há mais de quarenta anos... Estivador no Rio de Janeiro, hortelão e chacareiro em Niteroi, feitor de turma na Central do Brasil, acabara dono de um pequeno armazém de secos e molhados em Juiz de Fôra, já casado com uma filha de italianos, Clara Lomba, que foi quem fêz questão que Sezefredo estudasse e fôsse gente. Vidigal, atormentado pela mulher e também estimulado pelo orgulho de vir a ter um filho doutor, accendeu. Mas depois na formatura, ao ao [sic] ver o bacharel sem serviço e sem roupas, era seu costume repetir entre os dentes:

– Gasta-se êste mundo e o outro para formar um homem e o raio do homem, depois de formado, não ganha nem para a fatiota. Ora já se viu!

Sezefredo tinha afinal mostrado ao pai que há vários modos, nesta vida, de ganhar a própria fatiota, e alguns bem mais rápidos e menos trabalhosos do que os armazens de secos e molhados.

Esta vitória sôbre o velho Vidigal, que aliás não ia lá para que digamos no tocante a depósitos bancários, contribuía muito para a satisfação atual do genro feliz de d. Laura.

O negociante passara a achar que o canudo sempre servira para alguma coisa, ao que a mulher replicava:

– Pois então eu não lhe dizia, seu Manuel? Eu bem que lhe dizia.

Ambos, porém, estavam muito longe de julgar que o filho, naquela mesma tarde do regresso da viagem de núpcias, já andasse a ruminar novos planos.

Andava, sim.

Percorrida a casa, foram percorrer também o quintal, que era vasto e bem cuidado, e foi nesse passeio que acudiu ao espírito do doutor Sezefredo a idéia luminosa de que poderia facilmente dobrar a renda que as apólices lhe proporcionavam. As apólices davam-lhe quinze contos por ano. Arranjar outras quinze era canja.

– – Você não acha, Lúcia, que a casa é muito grande para nós?

– Pequena é que não é. Mas a gente se acostuma.

– Sei lá. . Acho muito grande.

Quando entraram para o jantar, ainda insistiu:

– Grande demais, pois quem é que não vê logo?

Lúcia deu-lhe uma palmadinha no rosto.

– Muito grande ou não, a casa é nossa e você não deve desfazer no presente de mamãe...

Desfazer! Quem é que disse que êle desfazia? Desfazia coisa nenhuma! Estava, bem longe disso, mais do que disposto a mostrar, dentro em pouco, o valor que sabia dar ao imóvel.

CAPÍTULO III

Não levou uma semana, e Sezefredo, que duas, três e mais vêzes por dia falava no tamanho exagerado da casa, principiou a bater noutra tecla. Esta outra tecla era que d. Laura, coitada, estava muito sozinha no palacete de Botanagua,

onde apenas podia contar, por assim dizer, com a companhia silenciosa do coronel Benevides, no seu caixilho dourado da sala de visitas. Maurício levava todo o tempo nas aulas do último ano do ginásio e no C.P.O.R., mal aparecendo em casa à hora das refeições e recolhendo-se tarde da noite. Tinha também que estudar, trancado no quarto. E era bom quando não se via obrigado a passar semanas inteiras acampado longe da cidade, para os exercícios militares.

Ao almoço, ao jantar, à noite, quando ficavam em casa ou iam ao cinema, o bacharel não se cansava de aludir à solidão de d. Laura.

– E você sabe, Lúcia? Tenho ouvido falar que uma perigosa quadrilha de ladrões arrombadores anda agindo êstes últimos dias em Juiz de Fora. E' gente que veio do Rio. Sua mãe corre risco, sozinha em casa com as empregadas. Maurício chega sempre tarde e ainda não tem muito juízo.

– Também acho que mamãe vive muito isolada. De dia, quando você sai, vou para lá, fazer-lhe companhia. Mas de noite, realmente...

– Pois não é o que eu estou dizendo? Chega a ser um absurdo, uma verdadeira imprudência que ela continue assim.

– Que se há de fazer?

Sezefredo sabia muito bem a providência que se devia tomar, mas não desejava, ao menos por enquanto, ir muito depressa.

Continuou durante mais alguns dias a argumentar no sentido de que não era humano, nem sequer razoável deixar d. Laura tão abandonada. Tornou a falar na quadrilha de ladrões perigosos arrombadores profissionais, citando várias casas já assaltadas, até por sinal que uma delas era ali bem perto, no Botanagua, próximo à ponte da rua Halfeld. Um dos assaltantes, perseguido por populares decididos, chegou a atirar-se ao Paraibuna, muito cheio com as últimas chuvas, escapando a nado. Gente perigosíssima, com a qual, em hipótese alguma, ninguém devia facilitar.

Lúcia, por fim, entrou de assustar-se, ficando cada vez com mais pena de d. Laura. Já parecia mesmo sentir um tal ou qual remordimento de consciência, porque, tudo considerado, do seu casamento, feito às carreiras, é que adviera aquela situação em verdade bastante desagradável.

– Mamãe deve estar sofrendo!

Sezefredo, de repente, num sábado à tarde, depois do jantar, que decorrera quase que em silêncio, percebendo que a mulher trazia os olhos úmidos, foi-lhe dizendo assim como quem não quer nada, com ares de distraído:

– O que consertava tudo era se fôssemos morar no palacete, com sua mãe...
Ela gosta tanto da gente!

Não foi preciso mais do que isso.

Lúcia procurou logo d. Laura, abraçou-a a chorar e deu-lhe a conhecer o projeto, afirmando ser êste tanto dela quanto do marido. A viúva também chorou, vendo simplesmente em tudo aquilo uma prova de afeição da filha e do genro. O dr. Sezefredo Vidigal era mesmo um moço muito distinto e ela de nada podia queixar-se.

No dia seguinte, após a missa das dez na catedral, estava a mudança feita e tôda a família tomou parte do ajantarado daquêle domingo, pois que Maurício, sendo dia de folga no quartel, chegou por acaso em cima da hora.

Sezefredo, sem perder tempo, tratou de alugar a casa, com a mobília, por seiscentos mil réis, a um oficial do Exército, já cansado de morar no hotel por causa da falta de casas em Juiz de Fora, suspendeu a conta do armazém e os outros fornecimentos, dispensou a cozinheira, mandou embora a copeira, tirou o telefone. Tudo junto representava renda igual, senão superior, à das trezentas apólices em custódia no banco.

Quando D. Zuzú contou a história ao marido, o gordo e bondoso Luiz de Freitas disse para os seus botões que Sezefredo, pelo jeito, ainda era capaz de ir bem mais longe do que êle supunha ou esperava.

Manuel Vidigal falou para a mulher, no armazém de secos e molhados da rua S. Roque:

– O rapaz fêz bem, tu não achas? Era uma falta de cálculo manter assim duas casas para tão pouca gente. Palavra de honra que eu já não estava a ver aquilo com bons olhos. Não dizia nada porque não gosto cá de me meter na vida dos outros. Economias, senhora Clara, fale-me sempre em economias.

Pelo Natal dêsse ano, que era o segundo ano da segunda grande guerra, o Paraibuna transbordou, houve na cidade uma enchente como nunca se vira, mas as águas não chegaram ao palacete de d. Laura Moreira Seabra, construído numa elevação, bem para dentro do alinhamento da rua.

A' noite o palacete ficou todo iluminado até tarde, a ceia foi muito alegre e muito farta, depois da ceia foram todos para a sala de visitas conversar.

– Pois é, d. Laura, se não tivéssemos abreviado a viagem de núpcias, não estaríamos agora passando êste Natal todos juntos.

D Laura concordou em que de fato fôra melhor assim, porque o Natal, sem a família reunida, é sempre muito triste.

Lúcia ligou o rádio.

O rádio estava dizendo que as bombas alemãs continuavam a cair sem parar por sobre a heroica cidade de Londres, mas também dizia, em compensação, que os gregos, em Janina, obrigavam os camisas pretas de Mussolini a ceder terreno e a correr como lebres espavoridas.

A viúva observou que era um horror não pararem a guerra ao menos em um dia como aquê. Bem que o Papa havia pedido.

– E ainda por cima esta enchente aqui na cidade, com tanta gente a sofrer!

Sezefredo pediu que Lúcia ligasse para outra estação, a fim de ouvirem músicas alegres.

– Afinal, d. Laura, que é que se há de fazer? O mundo é assim mesmo, e o remédio é aceitar as coisas com filosofia.

Filosofia, uma coisa que lhe valera várias reprovações e de que não entendia nada.

Imóvel no seu caixilho dourado, o coronel Benevides presidia à reunião familiar, a cabeça quase inteiramente branca, a calva incipiente, os bigodes grisalhos, a fisionomia um tanto severa, mas simpática, os olhos com uma suave expressão de bondade inteligente. De todo o bairro chegavam ruidos inusitados, vozes de homens que impeliam canoas pelas ruas, gritos assustados de mulheres e crianças fugindo com água acima dos joelhos, o surdo rumor de casas e muros que desabavam ao longe, à beira do rio. Dentro da noite, a cidade lutava contra a enchente.

CAPÍTULO IV

Em 1941, terceiro ano da segunda grande guerra, aconteceram muitas coisas importantes. Os alemães chegaram às portas de Moscou, Maurício Seabra saiu aspirante a oficial da reserva, os japoneses atacaram em Pearl Harbour, nasceu o primeiro filho de Sezefredo Lomba Vidigal.

Mas nao lhe nasceu, então, a Sezefredo, tão somente o primeiro filho.

Nasceu-lhe também uma preocupação de todo em todo inesperada, uma preocupação que se tornou incessante desde o momento em que surgiu, uma preocupação teimosa que, se não lhe tirava o sono nem o apetite, não deixava, todavia, de perturbar-lhe de modo bastante sério o gôzo sereno da nova existência.

Sezefredo estava forte, engordara vários quilos depois do casamento, vestia-se bem, com muitas exigências quanto à roupa branca, alimentava-se ainda melhor, tal se pretendesse, de semelhante maneira, compensar a tristeza antiga das camisas encardidas, a tristeza inesquecível das médias de café com leite dos tempos de estudante. De uma somiticaria terrível para os outros, não recuava, entretanto, diante da necessidade de soltar dinheiro para tratar-se. Não soltava muito, porque a mesa era tôda por conta da sogra, uma excelente mesa, sempre com muitas coisas boas vindas da fazenda, lombo de porco, frangos, queijos gordos, a escorrerem manteiga, ovos fresquinhos e muita fruta. Não soltava muito, mas em todo caso soltava para os sapatos, uns sapatões de três solas, para os ternos, para as gravatas, tudo talvez sem gôsto apurado, porém de alto preço. Nunca havia tido escritório e providenciou logo para montar um na rua Halfeld, num sobrado, com uma vasta taboleta na sacada do prédio, mais uma placa de metal amarelo junto ao elevador: “Dr. Lomba Vidigal, advogado”. Escritório só para fazer farol, que as causas, fora um ou outro inventário sem importância, não vinham nem a pau e êle bem pouco se incomodava com isso.

Mas fazer farol era uma das formas que adotara para usufruir a situação de segurança que alcançara. Farol nas roupas, mesmo sem elegância, farol no enorme anel de grau que Lúcia lhe dera de presente e que não tirava do dedo, farol na superioridade estudada com que agora procurava falar aos amigos e conhecidos, sem excluir o próprio Luiz de Freitas, o adiposo Luiz que tão útil lhe fôra naquela fria noite de agosto do capítulo primeiro.

O dr. Lomba andava nédio, corado, sorridente, muito loquaz.

A inesperada preocupação, contudo, não lhe dava folga. Era em casa, era na rua, durante o dia, durante a noite. Verdadeira idéia fixa.

Consistia a preocupação em que dona Laura ainda se mostrava bastante moça, com os seus quarenta e dois anos já feitos, e muito bem conservada. Quando saia com Lucia, e isto era muito a miudo, pareciam duas irmãs e ninguém, sem conhecê-las, diria que fôsses mãe e filha. Ao passarem pela rua Halfeld, que é onde se exhibe a elegância local, com perfumes violentos e muita perna feminina à vista, ao passarem pela rua Halfeld nas horas de maior movimento os olhares dos homens se dirigiam muito mais para a viuva do que para a mulher do advogado. Os mais vulgares e grosseiros chegavam a dizer em voz alta, fazendo questão de serem ouvidos, que ela era mesmo muito boa, uma uva. E na opinião de muita gente,

sempre em dia com a vida alheia, parecia certo que pensava em casar-se outra vez e que até já trazia de olho um tal Uchôa, nortista e caixeiro viajante.

Sezefredo, como é fácil imaginar, não estava gostando absolutamente nada da história. Os boatos que a respeito se espalhavam nas rodas conhecidas boliam-lhe com os nervos.

Um segundo casamento de d. Laura podia ser muito conveniente para ela, muito do seu agrado e da sua vontade, mas para êle significava um desastre, com a diminuição e até mesmo com a perda total de tudo quanto Lúcia ainda deveria herdar. Meter um intruso nos negócios da família, no ponto em que se encontravam as coisas, de mais a mais um nortista e caixeiro-viajante, era uma idéia extravagante e inaceitável, era sem dúvida atrapalhar tudo, comprometer irremediavelmente as apólices restantes e as propriedades.

D. Laura não podia fazer isso. Não vê!

D. Laura já se tinha casado uma vez. Não lhe cabia o direito de recomeçar, com prejuízo evidente dos filhos, em tempo de botar tudo a perder.

Nessa época, quando de tarde chegava em casa, de volta do Forum e do escritório, o bacharel passou a falar muito em inventários e partilhas, nos impostos pesados que recaiam sôbre as heranças, na ganância e voracidade do fisco e da justiça.

– Uma gente insaciável. Vocês nem podem imaginar que ladroeira! Eu às vezes até tenho vergonha, apesar de acostumado. Os herdeiros, hoje em dia, quando recebem a metade do monte, dão-se por muito satisfeitos, passam a mão à parede... Alguns acabam não recebendo coisa nenhuma. Tudo se vai em impostos, em selos, em buscas, em honorários, em editais e precatórias. E dizem que vem por aí um novo regimento de custas ainda mais extorsivo. Não sei onde iremos parar.

A mulher e a sogra não entendiam muito bem, ainda mais que Sezefredo empregava o vocabulário forense, como se estivesse por acaso falando a indivíduos da profissão.

Ele, porém, aos poucos, cautelosamente, procurava tornar-se mais claro e mais direto.

– As pessoas que têm posses andam alarmadas. E muitas, como defesa, estão adotando o sistema de doação em vida. A senhora sabe como é, d. Laura? Se é dinheiro ou se são apólices ao portador, entregam aos filhos de mão para mão. Se são casas ou terrenos, fingem uma venda, passam escritura aos herdeiros. As

despesas, com tal processo, são muito menores e assim o fisco e a justiça ficam a ver navio. Só esta semana fizeram isso o capitalista Oliveira Rezende, aquele do Alto dos Passos, e uma viúva muito rica, fazendeira em Vargem Grande. Fora os que eu não sei... (Continua no próximo número) (ALENCAR, G., 1946a, p. 34-39)

CAPÍTULO IV (CONTINUAÇÃO)

D. Laura não ignorava quão longas eram as unhas do fisco, as exigências da justiça.

– Quando Benevides morreu, apesar de ter deixado tudo muito em ordem, tivemos que desembolsar um dinheiro com o inventário. E o tempo que levou, meu Deus!

– Pois hoje está mil vezes pior do que naquele tempo, minha sogra. Só a senhora vendo. O remédio é mesmo a doação em vida...

A viúva, entretanto, fazia-se de desentendida, mudava de conversa, ladeava. O falatório a respeito do seu desejo de casar-se novamente não era { } gratuito. A fumaça anunciava o fogo. O próprio Uchôa não constituía uma invenção do povo. Existia em carne e osso. D. Laura conhecia-o, já conversara com êle diversas vezes, no clube e em casas amigas, dera-lhe mesmo bastante corda. Viúvo sem filhos, com quarenta e cinco anos, bem apessoado, trabalhador, o caixeiro-viajante não lhe parecia mau partido, afigurava-se-lhe antes um verdadeiro achado. E afinal de contas não era nenhuma coisa do outro mundo que ela pensasse em casar-se outra vez, mormente depois do casamento de Lúcia. Tudo dependia de refletir sobre o caso mais maduramente, de deixar passar mais algum tempo.

A preocupação do advogado crescia cada dia mais, envenenava-lhe decididamente a vida, fazia-se insuportável.

Não perdera o apetite nem o sono, mas descuidava-se do pouco que tinha a fazer, andava distraído, esquecia certos hábitos, entre êles o de visitar os pais uma ou duas vezes por semana. Seu Manoel Vidigal, no largo de S. Roque, de onde só arredava pé aos domingos e feriados, para o futebol ou para o cinema, resmungava continuamente sobre o procedimento do filho, queixava-se à mulher todos os dias.

– Anda agora para ai todo cheio de impostorias, o diabo do homem. Só porque apanhou alguns patacos. Não apanharia os patacos se não tivesse o

canudo. Afinal, senhora Clara, quem n'ó educou? Diga lá, não fique para [sic] ai sem falar palavra. Quem n'ó educou? Naturalmente que foi cá a besta do pai!

Clara Lomba avisou Sezefredo, pondo-o a par da cólera paterna, que a ele parecia justa. Ele desculpou-se com a falta de tempo, com o muito trabalho que estava tendo ultimamente no escritório, com as visitas que era obrigado a fazer em companhia de Lúcia, com uns negócios complicados que d. Laura lhe entregara e que era preciso terminar o mais depressa possível. E daí a dois dias, levando Lúcia consigo foi convidar os velhos para padrinhos do pequeno Sérgio, que já completara oito meses, estava ficando taludo e carecia de batizar-se. Seu Manoel Vidigal ficou todo contente, esqueceu os agravos.

– Pois vamos lá batizar o menino, a ver se o neto me sai para aí melhor que o filho. Ha de sair com tôda a certeza, que aqui a minha nora sempre foi coisa bastante excelente. Cá o doutor é que me tem andado com uns certos ares muito sem jeito e que não sei de onde é que vieram! Impostorias não vão comigo, lá isso que não vão mesmo!

Mas já dizia isso todo derretido, dando fortes e amplas palmadas nas costas de Sezefredo, que se fazia muito humilde.

– Vocês hoje naturalmente jantam cá, isso é que jantam. A Clara vai por mais um pouco de caldo na panela do feijão, abrem-se aí umas garrafas e pronto.

Jantaram, marcaram o dia do batizado e regressaram já quase às nove da noite ao palacete do Botanagua.

Na sala de visitas encontraram Uchôa, D. Laura e o retrato do coronel Benevides.

CAPÍTULO V

JOSÉ Uchôa Cavalcante, nortista das Alagôas, era muito falante, gostava de contar vantagens a todo o propósito, mas irradiava uma tal ou qual simpatia e não lhe faltava uma certa aparência de distinção. Enviudara no Norte, há mais de 15 anos, depois de poucos meses de casado, e viera então para o Rio, em parte para esquecer o golpe sofrido ainda em plena lua de mel, em parte para tratar dos próprios negócios, muito atrapalhados devido aos grandes gastos que fôra obrigado a realizar com a doença e com a morte da mulher. Fêz-se caixeiro-viajante de uma grande casa atacadista de fazendas e armarinho e desde 1930 que percorria sem cessar as praças de Minas, Espírito Santo e S. Paulo. Ganhou dinheiro, comprou os terrenos no Grajaú para revender na alta, endireitou a vida. Chamava a isso encanar

a perna. Na idade regulava com d. Laura, os gênios pareciam combinar e os gostos também. Se a viúva era rica, êle não era de todo pobre, que os lotes, no Rio, se valorizavam cada vez mais. O casamento, se casamento tivesse que haver, convinha muito sob todos os pontos de vista, inclusive porque seria um meio, para o nortista, de dar um basta áquela existência de judeu errante, uma existência impossível de quarto de hotel, de vagão de estrada de ferro, de automóvel e de ônibus em estradas muito ruins, existência de que afinal já se ia sentindo cansado e farto. Que um homem não é de ferro, principalmente quando a mocidade já ficou para trás, bem para trás, na curva do caminho.

O perigo parecia grande e Sezefredo andava pelos cabelos.

D. Laura, que se mostrara insensível às insinuações de doação em vida, era bem capaz de revelar a mesma resistência contra tôda e qualquer tentativa no sentido de dissuadi-la dos seus projetos sentimentais. Amor, depois dos quarenta, costuma ser renitente.

O bacharel, porém, nessa nova questão, tinha em Lúcia uma aliada decidida. Lúcia fora sempre muito amiga do pai, tinha veneração por sua memória, não passava um dia sem rezar por êle. A idéia de um padrasto não lhe sorria de modo algum, ainda mais que se tratava de um pretendente que ela não considerava digno, nem por sombra, da posição desfrutada pela família. A mãe, positivamente, seguia rumo errado.

– Você tem tôda a razão, Sezefredo.

– Se tenho! Um sujeito que ninguém sabe direito quem é, um nortista que apareceu por ai...

– Mamãe precisa muito ser aconselhada. Já toquei no assunto com ela e pretendo continuar. Enquanto anda tudo ainda em começo, é que se deve agir. Depois é tarde.

Com justificado receio de que ficasse tarde, o bacharel prometeu a si mesmo empregar meios enérgicos. O negócio não era para brincadeira, não.

No dia seguinte chegou da rua propositalmente mais cedo e disse à mulher:

– Sabe? Temos novidade. Grossa novidade. A Candinha anda falando aí pela cidade que o tal Uchôa nunca foi viúvo na vida dele. E' casado, casado como eu e você, casadinho da Silva em Alagôas.

– Ah! o quê!

– E' como eu estou dizendo, nem mais nem menos. A Candinha anda falando e quando a Candinha fala sempre tem lá os seus motivos para falar. E uma coisa me diz que o homem é mesmo casado.

– Temos que avisar mamãe quanto antes.

– Decerto que temos. Nem se discute.

Avisaram d. Laura, d. Laura avisou Uchôa.

O caixeiro-viajante indignou-se como aquilo, disse que era uma infame calúnia, obra de algum invejoso ou de algum inimigo oculto, talvez até colega dêle, que não falta gente ruim em tôdas as profissões. Mas jurava, com um tom de grande sinceridade, que haveria de pôr tudo em pratos limpos. Há muito que desejava ir ao Norte, para matar saudades, rever os velhos pais, que não se cançavam de escrever-lhe cartas e mais cartas, chamando-o com insistência. Andavam doentes, a idade não era pouca, podiam morrer de uma hora para outra.

Aproveitaria a ocasião, iria agora de uma vez e voltaria, se Deus quisesse, dentro de dois os três meses, trazendo provas, documentos, o que fôsse preciso.

CAPÍTULO VI

VOLTARIA, mas não voltou.

O Brasil havia rompido relações com o Eixo e os submarinos alemães e italianos rondavam o litoral do Nordeste, afundavam navios nacionais, uns atrás dos outros. Uchôa viajava num dêles, de regresso, o torpêdo explodiu alta noite a bombordo, com um enorme fragor, e mais de um mês depois foi que os jornais, suspensa a censura, puderam publicar a lista dos mortos e desaparecidos.

Nessa lista figurava, logo no comêço, o nome de José Uchôa Cavalcante, representante comercial, quarenta e cinco anos, viúvo, natural de Camaragibe.

Dizer que d. Laura, ao receber a notícia, arrepelou os cabelos, dizer isso seria exagerar. Não, d. Laura não arrepelou os cabelos, não suspirou alto á vista dos outros, mas andou muitos dias com os olhos vermelhos e inchados de tanto chorar às escondidas, trancada no quarto a maior parte do tempo. Só uma vez chorou na sala de visitas, em presença do retrato do coronel Benevides Seabra, que da sua larga moldura parecia fitá-la severamente. Ela também olhou muito tempo nesse dia para êle. E nesse olhar demorado, que as lágrimas irreprimíveis teimavam em anuviar, se havia algum amor e saudade, e decerto que havia, não era também difícil perceber assim uns laivos de doce reprovação. Por que é que êle morrera tão cedo, dez anos antes, no vigor da idade, em plena robustez, deixando-a tão nova? A culpa

era um pouco dêle. Estivesse êle vivo, e nenhum navio torpedeado, ainda que levasse para o fundo do mar milhares de vidas, viria tirar-lhe a paz e a tranquilidade, como agora acontecia.

Lúcia, para quem Uchôa não passava de um motivo de aborrecimento, enfim eliminado, limitou-se a exclamar umas quatro ou cinco vezes:

– Coitado!

Quatro ou cinco vezes, talvez mais quatro do que cinco.

Sezefredo nem isso, que o que êle estava era satisfeitíssimo. O perigo tão temido desaparecera de todo, a herança estava resguardada. Quanto a remorso, ou coisa aí assim, não enxergava realmente nenhum motivo para tanto por mais severo que se mostrasse para consigo mesmo, em momento de introspecção. A noticia publicada pelos jornais afirmava que Uchôa era realmente viuvo, mas disso êle jamais duvidaria um só instante. A invenção não fôra da Candinha, fôra sua do princípio ao fim, e nela não havia nada demais, apenas um meio natural, um meio corriqueiro de defesa. Defender-se não constitui obrigação de cada um? Restava o torpedeamento do navio, a morte do caixeiro-viajante, tragado pelas águas do oceano, provàvelmente quando estava a dormir a sono solto no seu camarote. Ele, porém, nada tinha que ver com semelhante desastre, pois somente desejara afastar o homem, dificultar a marcha do namôro, ganhar tempo. Os submarinos inimigos não andavam às suas ordens, ora essa! O desfêcho que esperava não seria talvez de tal ordem, mas desfêcho melhor, mais tranquilizador, decerto que não poderia haver. Sorte de cada um...

A sorte de Maurício foi que, meses depois, mal havia terminado o estágio no regimento de infantaria da cidade e quando se preparava para ir estudar medicina em Belo Horizonte ou no Rio, as autoridades militares o convocaram, já como segundo tenente da reserva, a fim de fazer parte das fôrças expedicionárias em organização. Seguiu logo, que outro remédio não havia, para S. João del Rei, ponto de concentração e de treinamento dos contingentes mineiros. Não se sabia quando as tropas embarcariam para a Europa, as noticias eram muito confusas e contraditórias, mas o seguro é que embarcariam. A guerra declarada pelo Brasil não seria platônica, feito a de 1917.

D. Laura, que emagrecera um pouco e parecia mais pálida que de ordinário, emagrecimento e palidez que realçavam, aos olhos de muitos, a sua beleza em

declínio, não arrepelou os cabelos ainda desta feita, mas o choque foi bem mais profundo e doloroso que o da notícia do navio torpedeado.

Sofria agora na própria carne.

Maurício, sempre fôra, desde pequeno, a menina de seus olhos.

Se bem que amasse muito Lúcia, era visível o seu fraco, senão a sua predileção marcada, pelo caçula. Este fraco prejudicaria bastante a educação do rapaz, que só aos vinte anos iria iniciar os estudos superiores por causa dos obstáculos e das delongas que ela arranjava para tê-lo sempre em casa. Não suportava a idéia de que êle tivesse de ir morar longe, num meio estranho, quando não possuía ainda nenhuma experiência da vida, quando desconhecia por completo o mundo e as suas maldades. A convocação, inesperada, retardaria agora indefinidamente o comêço, já tão adiado, do curso de medicina. Isto, entretanto, aos olhos dela, não tinha a menor importância. Maurício era rico, podia esperar, podia mesmo desistir se quisesse, de ser médico, que aquilo no fim de contas era muito mais por luxo do que por necessidade. As trezentas apólices que o pai lhe deixara e o que ainda herdaria mais tarde bastavam de sobra para garantir-lhe o futuro, contanto que tivesse juízo. E juízo não lhe faltava, não se pode afirmar que lhe faltasse, apesar de gostar das suas noitadas, do seu futebol, das suas fugidas ao Rio com bastante dinheiro no bolso... A guerra, sim, é que lhe afigurava um desastre, mais do que um desastre, uma desgraça.

Maurício ia partir para a guerra!

O receio terrível não a abandonava um único instante. A idéia de que o filho seguisse mesmo, entrasse em combate, morresse com uma bala na cabeça ou no peito, longe da pátria, tornava-se mais cruel, mais aguda, á medida que os dias, as semanas e os meses se escoavam. Ao contrário de outras idéias desagradáveis que o tempo vai usando e que por fim já não conseguem molestar tanto, ao contrário dessas idéias más que a própria duração acaba embotando, a idéia monstruosa de que Mauricio teria de partir, talvez não mais regressar, fazia-se cada hora mais ameaçadora e mais sinistra no espirito de d. Laura, que não se conformava de jeito nenhum.

A viúva pensou em obter a dispensa do filho por meio de empenho de amigos influentes. Se fôsse necessário gastar, não olharia as despesas, que o dinheiro é para as ocasiões. Tantos outros, que ela sabia, tinham arranjado para não partir, inventando impedimentos, doenças!

– Não diga isso, d. Laura. Não diga isso nem por brincadeira! O negócio é muito sério e ninguém se atreve a falar em tal com as autoridades. Só não vai quem for mesmo incapaz. E Maurício, felizmente tem saúde para dar e vender.

Sezefredo, ultimamente, dera para um patriotismo violento, intransigente e agressivo. Quase todo mundo para êle era da quinta coluna. Falava muito em esfôrço de guerra, em sabotagem, em espiões e trabalhadores, noutras coisas que lia nos jornais. Patriota a valer. Entendia que reservista era reservista e não tinha o direito de esquivar-se, nem mesmo o direito de pensar nisso. O Brasil acima de tudo! Êle, por exemplo, se a sua classe fôsse porventura convocada, não daria um passo não obstante ser pai de família, para fugir às classe[s] de 1916, à qual pertencia, estava muito longe de ser chamada, provàvelmente não seria chamada nunca, mas a culpa não lhe podia caber.

– Certamente não terei que servir. Isto, porém, não impede que pense como estou pensando, não, porque assim é que pensam ou devem pensar, todos os verdadeiros patriotas, todos aqueles que colocam os interêsses do país acima, muito acima dos seus próprios. Diria a mesma coisa que estou dizendo se tivesse vinte anos. Não sou culpado por já ter trinta.

D. Laura de nada queria saber continuava inconsolável e abatida, aludindo constantemente à necessidade que havia de ser tentada alguma coisa em favor de Maurício.

Era em vão que Lúcia procurava incutir-lhe resignação e coragem dizendo-lhe que afinal de contas não havia assim tanto perigo.

– A senhora deve lembrar-se que Maurício vai como oficial e não como simples soldado. O risco parece que é muito menor. Por outro lado dizem que a guerra não demora muito acabar. Quem nos diz que já não tenha acabado quando êles chegarem lá?

Lúcia, na verdade, fazia-se de forte e despreocupada só para que a mãe ficasse mais calma, mas, no fundo andava tão assustada e ansiosa quanto ela.

Para que d. Laura se distraísse, não permanecesse mergulhada sempre naquela aflição, dia e noite, propôs que fossem a S. João del Rei visitar Maurício.

Foram as duas, d. Laura gostou devéras do trenzinho da Oéste, muito limpo, com um pessoal bem educado e atencioso, gostou deveras do trenzinho a correr quanto podia, na tarde ensolarada, debaixo dos céus escampos, pelas margens lindas do rio das Mortes, pois não haveria outro nome para dar a êle?

Demoraram-se por lá quase uma semana. Maurício as levou às Aguas Santas e a Tiradentes, percorreu com elas as lindas igrejas da terra, as pontes coloniais, tudo quanto havia de interessante, estava animado, conversava muito, buscando dissipar, como podia, as apreensões maternas.

Mas d. Laura não voltou melhor.

Quase não dormia, alimentava-se mal, vivia chorando, achava intimamente que o que lhe estava acontecendo era um castigo pelo começo de { } com Uchôa.

Diversas vezes por dia, sem que a vissem, dirigia-se à sala de visitas, olhava longamente o retrato de Benevides na parede, implorava-lhe perdão, suplicava-lhe que intercedesse pelo filho...

Uma noite, quando palestravam todos na sala de jantar, exclamou de repente para a filha e para o gênero:

– Isto é um castigo! Aposto que é castigo...

E sem dizer mais nada foi para o seu quarto, enquanto os dois se entreolhavam intrigados.

No dia seguinte, ao despertar, às sete da manhã, d. Laura estava com a boca meio torta, as idéias desordenadas, todo o lado esquerdo do corpo esquecido e insensível, sem forças para levantar-se. Houve alarme no Palacete, gritos, gente correndo apressada pelos cômodos, barulho de móveis arrastados, portas que batiam. Um médico ali da vizinhança chegou logo, examinou a viúva rapidamente e declarou que um pequeno derrame cerebral ocorrera durante o sono.

CAPÍTULO VII

O derrame, com efeito, não fôra tão grande porque d. Laura Seabra, dentro em pouco se restabelecia, recuperava todos os movimentos, andava sem nenhum esforço. Só a boca estava ainda repuxada, mas o médico tinha garantido firmemente que aquilo com um tempo desapareceria por completo. E de fato não levou muito a desaparecer.

Lúcia, muito carinhosa, rodeava a mãe de cuidados, via a hora dos remédios, fiscalizava a dieta, não abandonava d. Laura senão à hora de recolher-se, muito receosa de que o insulto pudesse repetir-se.

Sobre a possibilidade da repetição, Sezefredo tratara logo de informar-se de modo seguro, desde o primeiro dia. Ele julgava que a repetição era assim uma coisa obrigatória e ficou desapontado quando um médico das suas relações, confirmando o que já dissera o médico assistente, asseverou que um segundo derrame tanto

poderia vir como não vir, dependendo tudo de um conjunto de circunstâncias que seria longo explicar.

– E o segundo, quando vem, é mais perigoso?

– Tanto pode ser como não ser...

Desconfiado da sinceridade do informante, foi à Biblioteca Municipal, onde consultou tratados de medicina, no capítulo das apoplexias. Mas, por mais que se esforçasse, não conseguiu assimilar nada, tal qual acontecia outrora, à véspera dos exames, quando se debruçava sobre os compêndios de direito.

Apesar disso, não quis afastar totalmente a possibilidade agradável da repetição. Os médicos enganavam-se frequentemente e êle estava cansado de ouvir o povo dizer que derrame cerebral sempre acaba fazendo das suas, no momento em que menos se espera. O povo entende muito de medicina. Preferia ficar com o povo, mas em casa não faltava nada. Para que assustar Lúcia à toa, complicar ainda mais a situação?

D. Laura, por assim dizer, dava mostras de encontrar-se inteiramente boa, só aquela tristeza funda, por causa do filho é que aumentava todos os dias.

Lúcia falou seriamente a Sezefredo no sentido de se conseguir uma dispensa para Maurício, fôsse lá como fôsse, ainda que se tivesse de gastar uma forte soma. Quando não uma dispensa definitiva, pelo menos um adiamento de alguns meses.

– Você está doida? Não me meto nisso nem por nada. Em primeiro lugar, seria ir de encontro às minhas convicções, que você muito bem conhece. A pátria acima de tudo, acima de tudo a honra e a dignidade do país. Em segundo lugar, poderíamos agravar inutilmente a situação dêle. Você não é capaz de imaginar como as autoridades { } nessas coisas estão espinhadas... Aliás com tôda a razão.

– Mas a gente não pode cruzar os braços, deixar mamãe assim!

– Ora, d. Laura também está exagerando. As mães exageram sempre. Isso há de passar. E' questão apenas de tempo. Afinal, minha filha Maurício não é o único de Juiz de Fôra a seguir para cumprir o dever. Muitos outros foram convocados.

Lúcia, desanimada, não voltava à carga.

As famílias amigas frequentavam agora o palacete mais assiduamente, umas por pura curiosidade, outras com o intuito sincero de animarem a viúva, levando-lhe consolação. Luiz de Freitas e d. Zuzú eram dos que mais apareciam. Clara Lomba vinha todos os dias, seu Manuel Vidigal só aos domingos, por causa do armazém.

Êle chegava depois do almoço, conversava pouco, pois a sua digestão era muito laboriosa, dizia que d. Laura já não tinha mais nada e saia a passear com o netinho. Sérgio, nos seus dois anos e pouco, era muito vivo e desenvolvido, parecia ter mais de três. Quando voltavam do passeio, se entravam por acaso na sala de visitas, apontava com o dedinho o retrato de Benevides, dizendo na sua meia língua que era o outro vovô.

Vidigal afagava-lhe os cabelos louros encaracolados e exclamava:

– Deixa lá o outro vovô, anda! Aquêle não te leva ao colo, nem te dá rebuçados. Deixa-o lá, meu pequenito, deixa-o lá!

E enchia as mãos e os bolsos de Sérgio de caramelos coloridos, que trazia dos grandes vidros de bôca larga do armazém.

D. Laura dava mostras de estar inteiramente boa, mas não estava. Além da tristeza renitente, a sua vontade parecia declinar, ela começava a olhar tudo com indiferença, não cuidava mais do jardim, deixava aos outros o arranjo meticuloso da casa, de que dantes não abria mão. E um desapêgo melancólico e crescente a tôdas as coisas que ainda há pouco estimava e preferia...

Sezefredo não demorou a perceber o partido que podia tirar da situação. A oportunidade da doação em vida tinha chegado. Botou de lado os inúteis circunlóquios do comêço e falou claro à sogra, sem que Lúcia estivesse presente. Lúcia danava-lhe com tolices, achava que não deveria aborrecer a mãe com semelhante história. Aborrecer coisa nenhuma! Não se tratava de aborrecer ninguém, mas dos interêsses da família.

– Como já lhe disse mais de uma vez, d. Laura, o novo regimento de custas foi feito mesmo para escorchar. Vai entrar em vigor por estes dias. E' preciso que a gente não se deixe prejudicar dessa maneira. Pela ordem natural das coisas, a senhora compreende, Lúcia e Maurício têm que viver mais do que a senhora... E o fisco e a justiça, pode ficar certa disso, não terão nenhuma contemplação com êles, por ocasião da herança. Uma doação em vida não traz prejuizo a ninguém e favorece a todos. E' o que me dizem todos os colegas do Forum, que até me acham com cara de bobo. Será que a senhora não tem confiança em seus filhos? Além de tudo, Maurício vai partir, a guerra demorará ainda a acabar, ninguém sabe o que pode surgir. Convinha regularizar tudo agora, com calma, não lhe parece?

Quando Lúcia abriu os olhos, as coisas estavam feitas preto no branco, tôdas as formalidades cumpridas no tabelião. Sezefredo ficava com a fazenda e mais três

casas da cidade, fora a que recebera no dia do casamento e que estava alugada a um oficial do exército. Maurício recebia outras trezentas apólices e as casas do Rio de Janeiro. Quanto ao Palacete de Botanágua, a viuva queria doá-lo a Sérgio.

– Não, d. Laura, isso também não. O palacete fica mesmo com a senhora, era só o que faltava a senhora não ficar com êle. Gosto de tudo muito direito e se me meto em tais coisas é para defender os negócios da família que afinal é para isso que eu sou advogado. O palacete fica mesmo com a senhora. Que diriam as más linguas, se não ficasse? Não, nada disso.

Com o ato inopinado de desprendimento, com o rasgo de generosidade, sentiu a consciência aquietar-se, ela que há dias o vinha incomodando com certos pruridos de revolta. E ficou todo satisfeito, muito expansivo, com uma grande vontade de ser agradável aos outros. Ao sair aquêle dia para o escritório, deu uma prata de dois mil réis a um aleijado que pedia esmolos na esquina, pagou o café para tôda uma roda de amigos e conhecidos no Alhambra, com espanto universal, e comprou meia duzia de maçãs argentinas que à noite levaria à mãe, quando fosse visitá-la, pois há muito que não aparecia no largo de S. Roque e seu Vidigal já devia estar por conta.

– Que êstes filhos de hoje, a falar a verdade, não valem nada, mas mesmo nada! Os de antigamente é que eram!

Varios meses decorreram após a doação. Sergio já estava andando direitinho de velocípede em frente ao palacete, houve um mês de Maria muito bonito na igreja de São José, a imensa paineira da chácara estava tôda florida. E uma tarde, de repente, o rádio anunciou o desembarque em Nápoles das tropas brasileiras. Era o escalão de que Mauricio fazia parte. Para evitar mais lágrimas, êle escondera a data da partida, não quisera despedir-se. D. Laura passou muito mal a noite, tiveram todos que levantar de madrugada e Sezefredo pensou que já era o segundo derrame.

Não era, não.

CAPÍTULO VIII

A FAZENDA da Pedra Bonita, a duas léguas e pico da cidade, tinha menos de duzentos alqueires, mas não havia terras melhores por todos aquêles lados. Boas toda a vida, diziam os entendidos. Um têrço era de matas impenetráveis que subiam pelas encostas, um têrço de pastagens em terrenos altos e outro têrço de cultura, nas colinas e nas extensas várzeas. A casa fôra construida sôbre uma pequena

elevação dominada em volta e ao longe por uma série de montanhas em círculo quase fechado. De um grotão em frente, tomado em sua parte alta pela floresta, desciam as águas muito claras do córrego, o qual, ao sair do seio da mata, desatava-se em cascatas espumejantes por sôbre o leito de largos e compridos lagedos que cobriam todo o declive, até em baixo, no vale. Um enorme bloco de pedra de uns quinze metros de altura erguia-se junto ao riacho, ao sair êle de entre as grandes árvores. Sôbre êste bloco vertical repousava, horizontalmente, um outro bloco plano e liso, feito uma vasta mesa. Subia-se fàcilmente ao monolito horizontal por meio de degraus naturais existentes numa das faces daquêle que o suportava. E de cima o olhar espraiava-se tão livremente pelos ceus desimpedidos, pelas serranias azuladas na distância e pelo vargado a extender-se entre os morros, que bonita em verdade era a vista não a pedra.

A grande casa assombrada da fazenda, levantada no comêço do Segundo Império, fôra inteiramente reparada por Benevides Seabra e duraria por certo mais outro tanto, com os seus grossos e sólidos alicerces à portugûesa, os assoalhos de largas tábuas de madeira de lei, o telhado sôbre engradamento de peroba, as espêssas paredes de páu-a-pique. As salas eram imensas, os quartos pareciam salas, uma varanda percorria tôda a frente do casarão pesado e acolhedor, dando para o curral espaçoso, fechado em parte pelas casas dos colonos, o engenho de cana, os paiois e as tulhas e em parte por uma cêrca de moirões, com a porteira que batia o dia inteiro, rangendo. O moinho estava mais longe, nos lagedos por onde se precipitava o córrego, mas de noite ouvia-se bem o seu ruído monótono, ora mais vivo, ora mais apagado, bom como tudo para fazer dormir...

Comodamente refestelado numa das amplas cadeiras de vime da varanda, enquanto esperava a hora do jantar que se aproximava, Sezefredo olhava para tôdas aquelas coisas que presentemente eram suas, aquêles morros verdes, aquelas águas cantantes, tôdas aquelas matas, o gado que se espelhava pelas pastagens próximas, as terras já preparadas para as sementeiras de outubro...

(Conclui no próximo número) (ALENCAR, G., 1946b, p. 34-39)

A pesquisadora não localizou o número posterior da referida revista.

ANEXO D – Comentário feito por João Luso acerca da obra **Casa das três meninas** de Mário Matos.

Êstes contos foram escritos em diversas épocas. E, certos dentre êles, a larga distância uns dos outros.

Não é preciso grande critério nem grande descortino para se notarem as diferenças de época, orientação ou estilo. As datas mesmas acusam as fases de criação ou de inspiração. Assim, algumas histórias se nos afiguram um tanto envelhecidas, ao passo que outras dão a impressão de lhes faltar alguma coisa para chegarem bem ao ponto de maturação. Quer dizer que, no conjunto do livro, parecem umas seródias outras temporãs. Do que, certamente, nem para estas nem para aquelas resultará grande mal.

No primeiro conto, por exemplo, se fala, documentadamente, de algumas artistas de teatro, que poderíamos designar como sendo “daquele tempo”, isto é: do nosso. Não lhes diremos a idade atual, senão para recordar que algumas, felizmente, ainda vivem. Tiveram rara fama de beleza, inteligência, vivacidade, espírito. Pessoalmente lhes devemos momentos inolvidáveis. Inolvidáveis, sobretudo, “helas”, por que há tanto tempo passaram... Na verdade, porém, todo aquêle teatro nos faz saudades. Sem falar da alta comédia, recordando apenas os domínios ligeiros ou ultra-ligeiros da opereta [sic] e da revista... Onde vão as burletas e paródias de Artur; as mágicas de Garrido; os “couplets” de Abdon Milanez no “Bico de Papagaio”; as apimentadas, irresistíveis fantasias de Moreira Sampaio – e todo o repertório que, de algum modo deveríamos chamar clássico, de Offenbach... Em verdade, ai de nós, “tout ça ne nous rajeunit pas”. Onde vai tudo isso? Vêmo-lo agora repassar, no primeiro conto dêste livro. Repassar e, embora levemente, reviver. O que não sabíamos era que o autor, encoberto, sob a roupagem da ficção e do pseudônimo, também já fôsse daquêle tempo...

Como pela condição cronológica, e, às vêzes dizer poderíamos anacrônica, os contos do sr. Mário Matos se destacam pela variedade dos assuntos, como pelas formas ou particularidades de linguagem. Encontram-se páginas deveras valiosas de conceito e de forma. Sôbre um fundo geral de humorismo, surgem concepções, imagens, maneiras que tocam fundo, já pela fôrça expressiva, já pela finura do sentimento. E também pode suceder, como em “Soldado Clementino conversa com S. Tomé, seu Teófilo”, outros casos ainda, em que jovialidade e amotividade [sic] se

concertem, fundam e casem, de maneira a não se dizer qual dos elementos é mais vigoroso ou mais brilhante. O escritor emprega, não raro, formas de cunho e recorte acentuadamente ou até exageradamente populares. Não podemos, vez em quando, disfarçar a estranheza de passagens em que a eloquência ou a elevação verbal se mistura com os dizeres mais vulgares ou rasteiros. Essas transições repentinas chegam, parece-nos, a molestar o gosto e a sensibilidade. Não se trata apenas de naturalismo flagrante ou energia de expressão. Em tal sentido, o prosador da “casa das três meninas” se excede e desmanda de maneira nem sempre permitida a um artista, embora por conta do “realismo”, seja impressionista, seja fotográfico. A força de desenvoltura adequada ao pitoresco, o sr. Mário Matos se permite a gíria, o calão. Não fica no regionalismo, vai até a jeringonça. Tomemos de exemplo estas linhas, que se referem à chegada sensacional de certa criaturinha moderníssima – ou com pretensões a isso – a uma localidade obscura, espécie de lugarejo: “Vou é arranjar só três companheiros, eu mesmo ajudo a carregar a mala dela. Ela merece, ah merece. E pago a passagem de volta pra ela. Batata que pago”. O narrador, protagonista da história, deveria exprimir-se diretamente, se não com distinção e elegância – conforme em alguns trechos se verifica – pelo menos com clareza, relativa cultura, certa educação. Temos, pois, aí, um caso patente de incoerência entre a narrativa e o diálogo. Neste, pode haver liberdade, por assim dizer, absoluta; naquela, não.

Está visto que, de modo nenhum, desejaríamos fazer reparos de importância a um escritor da notoriedade do sr. Mário Matos, com as suas reputadas obras de crítica, poesia, oratória, historiografia. A tanto, porém, nos vemos impelidos pelo respeito mesmo que o homem de letras nos merece. Não tendo a boa fortuna de lhe conhecer outros livros, só por este último podemos julgar da sua individualidade. Não importam gêneros nem assuntos. Acima de tudo está a harmonia (LUSO, 1949, p. 10).

ANEXO E – Transcrição do artigo **O homem bom**, de Cosette de Alencar, citado por Mário Matos em carta enviada a Gilberto de Alencar.

Dizem que o homem bom não existe, mas estão enganados. Às vezes, a gente o encontra, e se não é pequena a surpresa nossa, também não é menor o nosso prazer. Pois o homem bom existe, e é reconhecível por certos sinais inconfundíveis. Por mais que o mundo, à sua volta, se atole em baixezas e mesquinhas, o homem bom tem uma fé inquebrantável no seu credo íntimo: e é bom naturalmente, sem artifícios, nem subterfúgios, é bom porque sua natureza é boa, e ser o contrário disso lhe repugnaria.

O homem bom não é, obrigatoriamente, o homem fraco que cede sempre. Pelo contrário, às vezes não cede nunca, mas tem sua vontade orientada num sentido de elevada compreensão das coisas.

Nada, de certo, o escandaliza. É compreensivo, indulgente, sem excessivo rigor: e tem o perdão fácil, como tem o sorriso compassivo e os gestos mansos.

Existe ainda a bondade humana, visto como ainda existe o homem bom. A gente, às vezes, tem a surpresa de encontrá-lo. Fala uma linguagem que, sendo a de todos os dias, não é a linguagem comum: e se percebe que ele é isento de maldade, pela ingenuidade com que se refere aos que o cercam, e pela falta de malícia com que interpreta tudo.

Encontrei um homem bom, há pouco. Confesso que fiquei surpreendida, pois supunha, como vários, que a espécie estivesse extinta. Voltei atrás, vi que a espécie tornou-se rara, apenas.

Notei que o homem bom preza seu corpo e o dignifica; veste-se limpamente, tem o rosto perfeitamente escanhado, as mãos são finas e asseadas, trata de suas unhas, tem os dentes imaculados. Conversando, usa uma linguagem de homem que acredita na limpeza vocabular; e fala limpo.

Vi, com pesar, que o homem bom é pobre. Notei que suas roupas, tão escovadas, tão bem conservadas, tão elegantemente vincadas, são de idade regular, nem escondem mesmo um brilho suspeito. Mas que apuro na sua conservação, e que linha no seu uso! O homem bom acredita que seu corpo é invólucro de uma alma, e que esta alma, imortal, tem direito a um cofre bem conservado. E porque acredita nisto, ele trata de seu corpo, e lhe dá a aparência de dignidade que ele merece.

O principal, contudo, neste homem raro, é a convicção de seus princípios. Tem crenças milenárias, e delas não se envergonha, e é de acôrdo com elas que vive. Acredita nas coisas que fundamentaram a vida humana, e seus princípios de honra são antigos e sagrados: ajeita-se para viver conforme, e se desperta o espanto alheio, também desperta a alheia admiração.

Conversei com o homem bom, vi que êle é firme como uma rocha, e que sua bondade é imperecível. Vi seus olhos sem malícia, sua bôca pura, suas palavras singelas, seus gestos naturais: nada o afetará. Não cederá jamais à corrupção do ambiente, traz em si a semente de sua bondade.

Esta semente, viva nêle, tem uma irradiação poderosa: atinge aos que com êle convivem, aos que dêle se aproximam, com um efeito milagroso.

Pois dá-se que, quando êle aparece, e fala, e age, vem-nos uma dúvida a respeito da maldade humana e da sua prepotência. O homem bom vale sòzinho por muitos homens comuns – e anula, sòzinho, tôda a malevolência dos que o rodeiam.

Como se fôsse um sol... (ALENCAR, C., 1954, p. 69)

ANEXO F – Artigo mencionado por Mário Matos com a autoria de Gustavo Corção publicado no periódico **Diário de Notícias** abordando a obra **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho** de Gilberto de Alencar.

O ROMANCE de Gilberto Alencar, que a editôra Agir em boa hora tirou da reclusão e do esquecimento, nada fica a dever, creio eu, ao de Fernando Sabino que na semana passada estive comentando. Ocorre-me a comparação porque li um logo depois do outro, e porque é difícil encontrar duas obras mais diferentes, não digo pela matéria tratada, que apresenta várias semelhanças, mas pela atitude de cada autor no modo de tratar a sua. Ambos são livros de memórias, mineiros ambos os autores; mas a partir dêsse contacto se espalham as divergências, e tão fortes chegam a ser que não me custa imaginar o espanto que êles sentirão de aqui se acharem reunidos. A tonalidade, o andamento, o ângulo e tudo enfim que se prende à visão do autor é diferente nesses dois livros. O de Fernando Sabino é cru a mais não poder, o outro é cozido devagar, com os refogados e os condimentos da mais tradicional e excelente cozinha. O primeiro é impetuoso e apressado, o segundo é vagaroso, minucioso, e no fim desalentado. **Encontro Marcado**, como já disse, é um romance feito com as angústias e perplexidades dos moços de nossos dias; ao contrário, **Memórias Sem Malícia de Gudesteu Rodovalho** é um livro de velho, como êle mesmo involuntariamente confessa desde o primeiro capítulo. <<Num capítulo tão curto, já empreguei quatro vêzes a palavra <<velho>>. Mau, mau...>>

Em vez de estar de pé, em atitude tensa, como o outro, o autor está sentado, voltado para trás, com olhos compridos no passado. E começa a contar, como só os velhos sabem contar, sem pressa de chegar ao têrmo, como se têrmo não houvesse, e até sem calcar demais nas saudades que só pungem ao vivo os corações que ainda muito esperam da vida. Começa a contar: <<Vim ao mundo, aí por volta de 1882, no interior de Minas Gerais...>> E o mundo a que êle veio começa a delinear-se e a tingir-se. Estamos em Carandaí, nos dias em que começam a soprar os ventos republicanos...

De onde vem o encantamento dessas evocações? Não creio que venha todo da matéria lembrada, que a mim pouco diz. Não sou mineiro; e pôsto que na idade ande pouco atrás da velhice do autor, não sou propenso a saudades, e muito menos a saudade dos costumes de província, que só conheci homem feito. Mas o fato é que Gilberto Alencar conseguiu mudar meu coração e fazer-me sentir o que êle

viveu no mundo em que não vivi. De onde vem a força dêsse filtro? Creio que vem de uma coisa a que se dá hoje um valor diminuído: a qualidade da linguagem, que nesse livro tem o sabor dos clássicos, e a excelência dos melhores.

Não posso admitir, como parece que muitos pensam, que a linguagem seja o obstáculo que separa as almas, ou o instrumento que mutila o pensamento. Com todos os seus limites e artifícios, é o instrumento conjunto, o aparelho de transfusão que põe no sangue da gente o sentimento não sentido que corre no sangue do outro. Também não posso convir que a linguagem tenha de se alterar, de se submeter particularissimamente à matéria tratada, para lograr transmitir o gosto e o cheiro das coisas. Ao contrário, julgo que ela há de ser universal, o quanto fôr possível, para ter a força e a plasticidade. Sou grato a êsse autor mineiro por me haver contado as histórias dos vilarejos perdidos do interior de Minas Gerais, na mesma língua em que Machado se exprimiu para contar suas histórias da capital.

Para ter uma idéia, corra o leitor ao capítulo sessenta e três, onde se narra como chegou Gudesteu aos dias da puberdade. Começa o autor por esquivar-se dos problemas do sexo onde acha que nada tem de especial a dizer. <<E' suficiente adiantar que me sucedeu o mesmo que ordinariamente sucede aos adolescentes nas minhas condições, em Carandaí ou alhures. Por tôda a parte é a mesma coisa, ou quase...>>

Em compensação demora-se nos amores imaginários, em que as amadas, por coincidência, tinham nomes bíblicos – Raquel, Ester, Rute, Débora... Mas êsses amores, se não os esqueceu hoje os confunde na memória, e de nenhuma daquelas lhe ficou uma lembrança perfeita.

<<De nenhuma, é mentira>>.

<<Uma houve que nunca olvidei de todo e cuja imagem tenho presente quando quero e até quando não quero. Quando quero basta volver o pensamento para Carandaí e logo o seu vulto surge à janela da casa não longe da igreja, onde tôdas as tardes era seu costume debruçar-se para observar a rua, ou então na calçada junto à porta, em companhia das meninas da vizinhança. Quando não quero, é ela que vem, sem ser chamada... Chega de repente e de manso, no silêncio de minhas horas solitárias, abeira-se do meu trabalho ou das minhas cismas...>>

Se eu tivesse a meu encargo um suplemento literário, transcreveria por inteiro êsse capítulo que se desenrola magistralmente e que, com raríssima felicidade termina. E

creio que com êsse recurso, melhor do que com esta crônica, chamaria muitos leitores para o romance de Gilberto Alencar.

A narração se espraia pelos tempos da meninice e da primeira juventude em mais da metade do volume. Quando porém chega ao ponto em que Gudesteu, torcendo a vocação, aceita a proposta do amigo e começa a trabalhar para enriquecer, entramos num túnel, no Simplon, como diz o autor. Dura trinta anos, mais do que queria. Casa-se dentro do túnel, e mal se detém para contar como foi. <<Liquidemos logo de uma vez o casamento, quando mais não seja, para desembaraçar a narrativa. Liquidêmo-lo, porém, num capítulo à parte. Não há casamento que não valha um capítulo, ou vários, quer por isto, quer por aquilo. Sai finalmente no outro lado do túnel. Abastado e velho. E então olho em volta de si.

Neste ponto do livro, a meu ver, cai o personagem, o que não constituiria defeito que se imputasse ao autor, porque ha muita história que só se escreve para contar como caem os personagens. Mas no caso, o autor escorrega também. O fato é que ambos, o personagem e seu autor, não se sentem à vontade no mundo novo que vêem em tórno. E são injustos. Que o personagem o seja admite-se; mas o autor, se lhe falta uma elevada isenção, se não lança mão do melhor de si mesmo, então será incapaz de exprimir com veracidade e fôrça a própria injustiça do personagem. E a obra é que sofre. Aparecem as vulgaridades na critica que ambos fazem dos tempos e das novas gerações. Tem-se a impressão desolada de uma paisagem lunar. Mundo efervescente mas morto. Mundo sem ar. Ninguém melhor do que os velhos para contar as coisas idas e vividas; mas para contar as coisas presentes é preciso que a velhice não lhes tenha tocado o coração. Gudesteu deixara para trás, na bôca do túnel, os sonhos de generosidade. Deixou Antônio Conselheiro, Dreyfus e Máximo Gomez. E começou a construir um ideal que era uma espécie de coordenação dos egoísmos o ideal típico de seu tempo. Agora vê com espanto que o seu egoísmo não combina com o dos outros, e que um novo e vulgaríssimo egoísmo tomou a dianteira. Entra então a confabular com seu autor sôbre a miséria dos tempos...

Falizmente [sic] para o livro e para nós, o autor ainda se ergue nas últimas páginas, e ainda nos transmite, como boa despedida, a cena do novo encontro com aquela cuja imagem tinha presente, quando queria e quando não queria. E aqui damos razão ao que disse Agripino Grieco. <<O reencontro com a pobre Marta envelhecida, dona Marta, é página que, se existissem criticos nesse país de compadrios de

horríveis paróquias literárias, e se os nordestinos deixassem os mineiros respirar, tomar lugar no sol da fama seria imortal no romance brasileiro>>. Só não faço minhas as palavras que acirram mineiros contra nordestinos, porque não me parecem justas.

Compadrios, tanto os há do norte como do centro. Também não me parece oportuno reclamar para os mineiros mais amplo lugar ao sol. E faço êsse reparo muito à vontade porque acabo de elogiar dois dêles (CORÇÃO, 1957, p. 1).

ANEXO G – Fragmentos do artigo assinado por Eduardo Frieiro e publicado no periódico **Correio da Manhã** assuntando Gilberto de Alencar e suas obras. Esta seleção inclui apenas passagens em que o autor aborda o romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, mencionado por Mário Matos na missiva correspondente.

[...]

As **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho** [...] são memórias francamente autobiográficas, com as transposições literárias usuais no gênero. Gudesteu Rodovalho veio ao mundo ali por volta de 1882, no povoado de Ressaquinha, região da Mantiqueira, onde os trilhos da estrada de ferro tinham acabado de chegar. Autodidata, gostava das letras e acabou jornalista em Juiz de Fora. Seu modelo em carne e osso. Gilberto de Alencar nasceu no povoado de João Gomes (hoje cidade de Santos Dumont), da mesma região, no ano de 1886. Igualmente autodidata, com forte vocação para as letras, foi jornalista toda a sua vida, desde os 19 anos, e em Juiz de Fora.

Nas memórias do Rodovalho acham-se aquelas qualidades que, tradicionalmente, se julgavam indispensáveis a todo romance, fôsse qual fôsse a sua índole ou conteúdo: certo realismo das situações, a verossimilhança das personagens e uma justa apreciação dos valores sociais. Hoje parecem dispensáveis a muitos [...].

Dentro da linha tradicional, é a melhor obra de Gilberto. Narrada em forma límpida e correntia, liricamente evocativa, comunica ao leitor a emoção poética dos dias idos, relume inédito, mas pronto para cordados com saudade, sem a bôrra amarga que uma longa existência deposita inevitavelmente no coração. A bonomia e a placidez, respaldadas por uma leve ironia, são os tons nela dominantes. De quase todas as suas páginas, e em especial as que relembram a vida na fazenda – o trabalho da terra, a alimentação, as queimadas, as chuvas, o milharal –, fica-nos um testemunho dos mais vivazes sobre certa época da Minas agrária. De modo geral, as impressões fixadas nesta parte, e também as que aludem à vida no povoado, às primeiras leituras, ao circo, ao fonógrafo, outras mais, conferem com as da minha própria infância.

[...] (FRIEIRO, 1963, p. 9-10).

ANEXO H – Publicação de Cosette de Alencar no periódico **Diário Mercantil** sobre a doença que afetara seu pai, Gilberto de Alencar.

Estas primeiras palavras são, como não poderia deixar de ser, palavras de agradecimento. Quem foi que disse, ou pensou, que o leite da bondade humana ficou adulterado?

Em certas circunstâncias, o que a gente pode observar, não sem alguma surpresa, é que o referido leite conservou-se puro: e parece que nada jamais o fará deteriorar-se.

Estas primeiras palavras, depois de um silêncio que durou quinze dias, são palavras de agradecimento. Em nome de meu pai, em meu nome e em nome de toda a família, cumpro o dever de dizer “muito obrigada” a um mundo de pessoas: aos médicos que assistiram o enfêrmo com dedicação e eficiência, aos que com êles colaboraram e que foram muitos – e para que citar nomes? Naquele mundo branco que é o hospital, a gente só sabia que havia pessoas que vigiavam: e estas pessoas eram, justamente, a nota de côr naquela brancura infindável, hostil e sem alma.

Quem já esteve naquele mundo branco sabe do que falo: é um mundo agressivo e frio. Se a gente nele afundasse sem o socôrrro humano da amizade e sem o confôrto das mãos que se estendem para nos amparar, e para impedir que afundemos definitivamente naquela alvura implacavel, se isto acontecesse a coisa toda seria inominável... Mas há os que vigiam e levam àquela brancura arrasadora uma nota de côr: e é a todos que nos acudiram que estou aqui dizendo muito obrigada, já que a meu pai somente daqui a uns dez dias será possível fazê-lo. Os que se habituaram a ler Gilberto de Alencar hão de ver novamente sua coluna em ação, com a graça de Deus: e hão de encontrar o velho soldado que durante cinquenta anos vem combatendo o bom combate com o mesmo ardor, a mesma fidelidade aos velhos e sãos principios, a mesma irreduzível e serena visão das coisas e dos sêres humanos.

Hão de vê-lo, com a graça de Deus. E se é certo, conforme leio agora, que graves ameaças estão pesando sôbre o mundo, e terríveis perigos solapam a frágil estrutura sôbre que repousam a vida e a segurança dos homens, se isto é certo, um soldado da paz voltará às fileiras...

Leio também que há muito quem tema as cerejeiras que começam apenas a abotoar-se nas avenidas de Washington não possam ser vistas em plena floração

pelos que, a esta hora, ainda admiram os ternos e tenros botões que mal assomam: contam-me que, nesta terrível hora do mundo, são numerosos os que pensam não lhes ser possível assistir a uma nova primavera das cerejeiras que agora se revestem de um leve palor. E isto não é dizer pouco... Mas importará tanto como pensamos?

Para o meu pai enfêrmo, e atendendo a um apêlo inseguro, mãos caridosas despojaram limeiras que apenas acabavam de abotoar seus frutos: acredito que a paz de um mundo em que tais coisas acontecem possa perigar, mas acabará por firmar-se.

Quando os homens são bons – e êles o são – as coisas acabam por consertar: é o que sempre se viu, creio que é o que sempre se verá.

Não quero citar nomes, que seriam muitos os do que se tornaram nossos credores. Mas digo muito obrigada a todos, esperando que o próprio escritor a quem se destinavam, de certo, as bondades a que me refiro o faça nestes próximos dias.

E já posso acrescentar que, neste momento, ainda acamado, o romancista Gilberto de Alencar, homem do trabalho e do dever, já começou a revisão da nova edição de seu romance a ser lançado no Natal, pela editora Agir.

De cama ainda, e fraco, tenta fazer a sua obrigação: e a vai fazendo com a graça de Deus. E é êle que, ainda uma vez, pede-me: agradeça a todos. O que faço de coração, podem crer (ALENCAR, C., 1956, p. 6).

ANEXO I – Publicação de Gilberto de Alencar no periódico **Diário Mercantil**, assuntando a Academia Brasileira de Letras e a escassez de mineiros nela pertencentes.

O desprestígio de Minas Gerais nos derradeiros tempos não tem sido apenas político e econômico.

Tem sido também literário.

As últimas cinco ou seis vagas verificadas na Academia Brasileira de Letras foram tôdas preenchidas por elementos do norte do País, de resto muito digno da eleição.

E Minas?

Minas, atualmente, só possui um representante na Academia, que é o brilhante sr. Afonso Penna Junior, quando podia possuir pelo menos uma boa meia duzia, já que não faltam na { }, numerosos homens de letras de { } capazes de honrar, como poucos, a Casa de Machado de Assis. E, por falar em Machado de Assis, registre-se desde logo que o melhor estudo, ou dos melhores, sobre o pai de Capitu, por ocasião do seu centenário, se deve justamente ao mineiro Mario Mattos. Por que não está Mario Mattos no Pettit Trianon?

Dir-se-á que a eleição para a Academia Brasileira de Letras depende da inscrição dos candidatos e que os mineiros não se inscrevem, por modestia, por não desejarem a honra { } ou por outro motivo qualquer. E esta será a razão pela qual Minas se vê quasi que ausense [sic] daquele cenáculo.

Pouco importa.

O que importa é que Minas, também no terreno literário, precisa de recuperar-se.

Sendo, como é, talvez a mais brasileira de tôdas as provincias brasileiras, não se concebe que vá ficando á margem.

Ou, o que é pior, que á margem vá sendo posta pelos demais...

Como Mario Mattos, temos diversos outros autenticos homens de letras que já deviam estar na Academia há muito tempo.

Se a modestia ou o retraimento dos mineiros é que os impede de tomar o seu lugar ao sol, convenha-se que é preciso, urgentemente, dar cabo dessa modestia ou desse retraimento.

A época é dos que avançam a cotoveladas.

E quem não usar os cotovelos vai ficando para traz... (ALENCAR, G., 1955, p. 2)